

Organizadoras
Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli
Liana Ferreira da Rosa Fernandes Vianna

Altas Habilidades / Superdotação

Precisamos falar sobre isso!



COLEÇÃO
ECCOAR

Altas Habilidades / Superdotação

Precisamos falar sobre isso!

Organizadoras

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Liana Ferreira da Rosa Fernandes Vianna

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:

Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:

Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:

Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:

Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento

Tecnológico:

Neide Pessin

Chefe de Gabinete:

Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:

Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck

Alexandre Cortez Fernandes

Cleide Calgaro – Presidente do Conselho

Everaldo Cescon

Flávia Brocchetto Ramos

Francisco Catelli

Guilherme Brambatti Guzzo

Márcio Miranda Alves

Matheus de Mesquita Silveira

Simone Côrte Real Barbieri – Secretária

Suzana Maria de Conto

Terciane Ângela Luchese

Thiago de Oliveira Gamba

Comitê Editorial

Alberto Barausse

Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez

Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão

Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo

Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique

Escuela Interdisciplinar de Derechos

Fundamentales Praeeminentia Iustitia/Peru

Juan Emmerich

Universidad Nacional de La Plata/Argentina

Ludmilson Abritta Mendes

Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró

Universidad Nacional del Centro/Argentina

Nathália Cristine Vieceli

Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan

University of London/Inglaterra



Altas Habilidades / Superdotação

Precisamos falar sobre isso!

Organizadoras

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli
Liana Ferreira da Rosa Fernandes Vianna

Autoras e autores

Alexandra de Souza Fonseca
Aline Pegoraro Lenzi
Francisco Rocha Sales
Gisele Sabrina Nienov Bruno
Gislaine Eracy Bossle de Freitas
Kelen Berra de Mello
Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Marisol Santos
Patrícia Neumann
Samir Brune Ferraz de Moraes
Sirley Sonda Massoni
Tassiana Elisa Matusiak Livi
Tatiane Lourdes de Paiva Oliveira
Valéria Cristina Ferrazzo Castilhos

Colaboração: bolsistas de extensão AH/SD: precisamos falar sobre isso!
Ednamara Farias Pereira Isadora de Moura Bueno

Realização:



Apoio:



COLEÇÃO



© das organizadoras
1ª edição: 2023
Revisão: Giovana Letícia Reolon
Leitura de prova: Frederico Augusto Picoletto Viana
Editoração: Ana Carolina Marques Ramos
Capa: Ana Carolina Marques Ramos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

A465 Altas habilidades/superdotação [recurso eletrônico] : precisamos falar sobre isso! / org. Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli, Liana Ferreira da Rosa Fernandes Vianna. – Caxias do Sul, RS : Educus, 2023.
Dados eletrônicos (1 arquivo).

Vários autores e organizadores.
Apresenta bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web.
DOI 10.18226/9786558072720
ISBN 978-65-5807-272-0

1. Superdotados - Brasil - Educação. 2. Inclusão escolar. I. Pizzoli, Maria de Fátima Fagherazzi. II. Vianna, Liana Ferreira da Rosa Fernandes

CDU 2. ed.: 376-056.45(81)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Superdotados - Brasil - Educação 376-056.45(81)
2. Inclusão escolar 376

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460.

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educus@ucs.br



Comitê técnico da Coleção

Ordem de Serviço Nº 51/2023 – IFRS
Campus Caxias do Sul

Alexandra de Souza Fonseca – SIAPE nº 1728775

Alfredo Costa – SIAPE nº 1351524

Aline Regina Horbach – SIAPE nº 1888084

Aline Oliveira de Castilhos – SIAPE nº 3313908

Camila Siqueira Rodrigues Pellizzer – SIAPE nº 2156820

Diomar Caríssimo Selli Deconto – SIAPE nº 1179401

Fernanda Ferreyro Monticelli – SIAPE nº 1694156

Gabriela do Amaral Peruffo – docente convidada
(membro externo)

Heloisa Santini – SIAPE nº 2186588

Henrique Cignachi – SIAPE nº 3301023

João Vitor Gobis Verges – SIAPE nº 1280272

Jocianne Giacomuzzi Pires – SIAPE nº 2052964

Kelen Berra de Mello – SIAPE nº 1796302

Liana Ferreira da Rosa Fernandes Vianna – SIAPE nº 1770388

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli – SIAPE nº 3008414
(Coordenadora)

Mariana Scussel Zanatta – SIAPE nº 1960535 (Coordenadora)

Paloma Suelen Fernandes de França – SIAPE nº 1136194

Querubina Aurélio Bezerra – SIAPE nº 1641868

Vanessa Aparecida de Borba Madalosso – psicopedagoga
convidada (membro externo)

Vanda Aparecida Fávero Pino – SIAPE nº 1995954

*Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!*

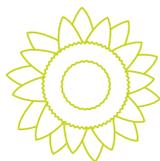
Mário Quintana





Lista de Abreviaturas e Siglas

AGAAHSD	Associação Gaúcha de Apoio às Altas Habilidades/ Superdotação
AEE	Atendimento Educacional Especializado
AH/SD	Altas Habilidades ou Superdotação
CID	Classificação Internacional de Doenças
Covid-19	Doença por Coronavírus 2019
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FADERS	Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para PCD e PCAH no RS
GIEPAHS	Grupo Integrador de Extensão e de Pesquisa em Altas Habilidades e Superdotação
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
IFRS	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NAAH/S	Núcleo de Atividades de Altas Habilidades ou Superdotação
NAPNE	Núcleo de Apoio à Pessoa com Necessidades Específicas
NAS	Núcleo de Atendimento de Altas Habilidades
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCAH	Pessoa com Altas Habilidades
PCD	Pessoa com Deficiência
PPGEPT	Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UBS	Unidade Básica de Saúde
WISC	Weschler Intelligence Scale for Children



Sumário

Precisamos falar sobre isso! – 9

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Prefácio – 13

Andréa Poletto Souza

1

Altas habilidades ou superdotação: o que é isso, afinal? – 16

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli – Francisco Rocha Sales – Sirley Sonda Massoni

2

Minha criança é diferente: e agora? – 42

Kelen Berra de Mello – Tassiana Elisa Matusiask Livi – Valéria Cristina Ferrazzo Castilhos

3

O olhar do professor para AH/SD: práticas possíveis – 59

Alexandra Fonseca – Gisele Nienou Bruno – Gislaïne Eracy Bossle de Freitas

4

Desafios e conquistas de quem é AH/SD: somos visíveis! – 81

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli – Tatiane Lourdes de Paiva Oliveira – Samir Brune Ferraz de Moraes

5

Família e AH/SD: construindo relações seguras – 101

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli – Aline Lenzi – Patrícia Neumann

6

AH/SD: a união faz a força – 125

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli – Marisol Santos – Sirley Sonda Massoni

Referências – 139

Autoras, Autores, Organizadoras e Colaboradoras – 140



Precisamos falar sobre isso!

Uma mensagem de WhatsApp recebida de uma mãe em fevereiro de 2021. Assim inicia a trajetória que nos trouxe até este livro. Uma ligação seguiu-se, e, no processo de escuta dessa mãe, Sirley Massoni, uma frase foi decisiva para que eu estabelecesse um vínculo com o tema e me mobilizasse a fazer algo: “Nós e os nossos filhos somos invisíveis, para a escola e para a sociedade”.

Seguiu-se uma reunião com o NAPNE, do *campus* Caxias do Sul, e com a Assessora de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade do IFRS, Andrea Sonza, para que pudéssemos ouvir as mães que formam o grupo Mães que Lutam e entender que invisibilidade era essa a que se referiam, verificando que conexões poderiam surgir para um trabalho conjunto. O desafio surge: desde essa reunião, sabíamos que algo precisaria e poderia ser feito para atender a demanda trazida pelas mães: “Precisamos falar sobre isso, é preciso que as famílias, a escola e a sociedade saibam o que significa ser Altas Habilidades ou Superdotação”, nos disseram as mães.

Assim surgiu, no ano de 2021, o projeto de extensão Altas Habilidades e Superdotação (AH/SD) – Precisamos falar sobre isso!, no *campus* Caxias do Sul do IFRS. Submeti o projeto ao edital institucional de Auxílio a Ações de Extensão, coordenando uma equipe com mais quatro servidoras. Juntaram-se a nós mais uma bolsista e uma voluntária, ambas estudantes do curso técnico integrado ao Ensino Médio. Estabelecemos como objetivos para o projeto: informar a comunidade sobre o que é AH/SD; promover um espaço de escuta dos atores envolvidos no atendimento e na formação dos estudantes AH/SD (estudantes, famílias, professores e profissionais da Educação); discutir possibilidades de estratégias de formação aos estudantes AH/SD; contribuir para a formação dos profissionais de educação.

Então, a partir do exercício da empatia, colocamo-nos a pensar nos dilemas que permeiam a vida da pessoa identificada

como AH/SD, desafios e conquistas da sua trajetória de vida, consigo, na família, na escola, na sociedade. Precisamos falar sobre isso, sim, mas falar o quê? Para quem? Quem convidar para estar conosco nesta caminhada? Como realizar as atividades, que deveriam ocorrer de forma exclusivamente remota em virtude da pandemia da Covid-19?

Logo decidimos pelo formato “Bate-papo *online*”, buscando trazer duas pessoas em cada encontro, mediadas por uma das integrantes da equipe do projeto, conversando sobre os temas que escolhemos para os sete meses de duração do projeto em 2021. Uma vez definidos os temas e feita a seleção de convidadas/os e mediadoras/es, a organização envolveu, ainda, contatos para agendamento dos convidados e dos intérpretes de Libras, ajustes com as áreas internas para suporte técnico e comunicação, orientação e acompanhamento às estudantes do projeto, divulgação e alinhamentos com as demais ações estabelecidas no projeto.

Os bate-papos demonstraram-se uma estratégia acertada, pois nos permitiram reunir convidadas/os de diferentes estados e cidades brasileiras, além de favorecer o acesso posterior ao público, uma vez que foram gravados e disponibilizados no canal do YouTube do *campus*.

A ideia do livro surgiu ao realizarmos a avaliação ao término da edição de 2021, por sugestão da professora Alexandra da Fonseca, uma das integrantes do projeto, que observou o quão ricos foram os momentos dos bate-papos e como seria importante transformar esses momentos em um material escrito que pudesse ajudar as pessoas a compreender o assunto. E assim ficou definido um dos objetivos do projeto para 2022: reunir os conteúdos dos bate-papos *online* em um livro.

Esta é uma obra na qual decidimos reunir informações que possam auxiliar as pessoas identificadas com altas habilidades ou superdotação bem como familiares, professores e escola a compreender o assunto. Além disso, esperamos que quem lê os textos a seguir possa se sentir acolhida/o nas suas necessidades. Destacamos ainda (e contamos com a compreensão de leitoras e leitores) que, por se originar das transcrições dos encontros online, mantivemos no texto a característica coloquial, preservando o formato de bate-papo.

Nosso intuito é que as pessoas AH/SD, e pessoas envolvidas e interessadas no assunto, encontrem aqui informações para inicialmente ajudar a esclarecer e desmistificar a superdotação, incentivando o trabalho coletivo, sinalizando possibilidades de ações e contribuindo para tornar a vida dessas pessoas mais leve e feliz ao perceberem que não estão sozinhas. Embora não se trate de uma obra com objetivo prioritariamente acadêmico, acreditamos que possa contribuir para as ações e as discussões de ensino e despertar iniciativas de pesquisa.

O livro está organizado em seis capítulos:

AH/SD: o que é isso, afinal?

O professor Francisco Sales e a mãe Sirley Massoni nos trazem um pouco da sua trajetória e conhecimento, ajudando a situar o/a leitor/a sobre o assunto.

Minha criança é diferente: e agora?

Este é um questionamento que os pais se fazem diante da identificação de superdotação em seu filho ou sua filha. A mãe Tassiana Livi e a pedagoga Valéria Castilhos trazem elementos para compreender e pensar caminhos.

O olhar do professor para AH/SD: práticas possíveis

Como se sente o professor diante das necessidades de estudantes superdotados? Que estratégias pode estabelecer para o aprendizado? As professoras e especialistas Gislaine Freitas e Gisele Bruno compartilham seus estudos e práticas junto às escolas.

AH/SD: somos visíveis!

A afirmativa chega como uma advertência e resposta à invisibilidade a que parecem estar destinados os superdotados. Os educadores e superdotados Tatiane Oliveira e Samir Ferraz nos ajudam a entender como se sente uma pessoa superdotada, em especial nos enfrentamentos que realizam no seu processo de conhecimento e desenvolvimento.

Família e AH/SD: construindo relações seguras

A psicóloga e superdotada Patrícia Neumann e a mãe Aline Lenzi apresentam a realidade e as possibilidades na constitui-

ção de uma estrutura familiar que sirva de apoio e segurança a quem é AH/SD.

A união faz a força!

Como o movimento das mães que se reuniram em torno de uma causa comum pode fazer a diferença? O que motiva tal reunião? A vereadora Marisol Santos e a mãe Sirley Massoni nos apresentam a história de um movimento e os resultados de tal união.

No decorrer da leitura será possível perceber que os temas se interrelacionam, certamente porque, ao planejarmos os bate papos *online*, pensamos em temas que interessassem à comunidade envolvida com AH/SD. Mas também fica evidente que as trajetórias, os dilemas e as conquistas de cada pessoa – seja ela superdotada, familiar, profissional da educação, especialista na área, política ou simplesmente amiga ou interessada no assunto – aproximam sujeitos que desejam e atuam para um mundo em que todos possam se tornar visíveis e viver plenamente.

Assim como o projeto que o originou, é preciso dizer que este livro resulta de um trabalho feito a muitas mãos: integrantes do projeto, estudantes (bolsistas e voluntárias), convidadas e convidadas, intérpretes de Libras, servidoras e servidores do IFRS, o grupo Mães que Lutam, a quem agradecemos com muito carinho. Destaco o trabalho da colega Lia Vianna, que assumiu a coordenação do projeto a partir da 2ª edição e cuja valorosa parceria se faz presente também na organização desta obra.

É importante também destacar a relevância do edital de auxílio à extensão e o apoio da Pró-Reitoria de Extensão do IFRS para a viabilização do projeto e desta obra.

Gratidão e boa leitura!

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli



Prefácio

Quando fui convidada para prefaciar essa obra, voltei um pouco no tempo. Lembrei-me de quando a professora Maria de Fátima entrou em contato comigo com uma forte convicção de que algo precisava ser feito – sábia ela! O pedido foi para conversarmos com três mães de crianças com Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD) – quanto conhecimento, dedicação e doação encontrei naquelas três mulheres! Pouco tempo depois, Maria de Fátima me conta que estavam criando um Projeto de Extensão, no *Campus* Caxias do Sul, chamado “Altas Habilidades ou Superdotação: precisamos falar sobre isso”, e ela queria saber se poderíamos ajudar de alguma forma.

Era o universo agindo a nosso favor: eu tinha uma ex-orientanda que havia defendido recentemente sua dissertação e produto educacional do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do IFRS justamente nessa área. Ela tinha diversos elementos que poderiam, de alguma forma, contribuir com o referido projeto. E por meio desse projeto foi possível fazer uma tiragem do “Compêndio com estratégias curriculares para identificação e atendimento ao aluno com AH/SD” que a Gisele havia elaborado como produto educacional, o qual foi distribuído para diversas instituições de ensino da região. Isso já me encheu de orgulho!

Só que essa ação foi apenas uma das tantas realizadas pelo projeto. O grupo de *WhatsApp* com as pessoas envolvidas com a temática (familiares – bastante empoderados, por sinal –, pesquisadores, bolsistas, pessoas interessadas no assunto, servidores do IFRS...) começou, de forma colaborativa, a promover *lives*, debates, encontros, capacitações e tantas outras ações que o meu dia a dia atribulado não foi capaz de absorver, mas reforço: muita produção de vulto vem sendo implementada por esse grupo, que acolhe, informa e “pega junto”, do qual me orgulho em fazer parte, mesmo que, na maioria das vezes, como espectadora.

E para coroar todo esse trabalho, o grupo, com muito zelo, reuniu pais, professores com AH/SD, profissionais e pesquisadores da área para fazer um debate consistente, buscando, para além de trazer as informações sobre o tema em pauta, apresentar, de forma didática, conceitos, diferenciações e sugestões de teóricos importantes de serem lidos bem como contar um pouco do dia a dia dessas famílias/pessoas, das dificuldades, das fragilidades do diagnóstico (por vezes errôneo), dos mitos que cercam o entendimento dessa condição, por parte da sociedade.

Para isso, transcrições de seis importantes *lives* com os supramencionados atores foram realizadas. Cada temática foi cuidadosamente pensada para, além de informar, acolher, divulgar, mostrar caminhos, trazer alternativas que deram certo e acalantar corações de familiares, educadores e aqueles que, de alguma forma, estão envolvidos com a temática. E, a partir dessas *lives* e transcrições, nasce a presente obra.

No decorrer desses bate-papos, a menção a outros desdobramentos e movimentos realizados por essas empoderadas famílias, que já se tornaram especialistas no assunto, trazem à tona um mundo de possibilidades, que certamente fazem a diferença para as famílias que estão recebendo o diagnóstico ou mesmo com muitas dúvidas a respeito. Grupo Mães que Lutam, VidAH.SD, Frente Parlamentar em defesa dos direitos das pessoas com altas habilidades ou superdotação, são alguns exemplos de parcerias desses movimentos vultuosos que realmente edificam ações em prol desse grupo de pessoas muitas vezes invisibilizado.

Só que estamos falando de um grupo que representa de 3,5 a 5% da nossa população. Isso quer dizer que em cada sala de aula possivelmente tenhamos um aluno com AH/SD, que às vezes prefere nem ser “percebido”, para não carregar o peso do rótulo, do estigma. O entendimento errôneo do senso comum de que deve ser bom em tudo e que, portanto, não precisa de um atendimento especializado também é mencionado nesta obra. Esse mesmo senso comum que não compreende que, seja um superdotado do tipo acadêmico-intelectual ou um criativo-produtivo, ambos têm suas especificidades e precisam

de um olhar mais apurado por parte da escola, da família e da sociedade como um todo.

Falando em sociedade, a obra também aborda esse problema social, esse ímpeto que as pessoas têm de querer encaixar os outros dentro do padrão de normalidade. E todos aqueles que, por algum motivo, destoam da norma acabam sendo taxados como estranhos, esquisitos, desviantes, um problema.

A obra contribui para desmistificar o pensamento de que pessoas com AH/SD sabem tudo, se dão bem na escola em todos os componentes curriculares, são muito inteligentes em todas as áreas e, portanto, não precisam de mais nada.

Ao trazer histórias de luta e sofrimento, além de dúvidas, o livro nos brinda também com conhecimento, informação, formação, identificação, acolhimento e exemplos de instituições de apoio às pessoas com AH/SD que vêm desenvolvendo um ótimo trabalho.

O livro reforça ainda a ideia de estimular o que precisa ser estimulado, oportunizar as áreas de interesse, permitir que esses alunos, filhos e cidadãos alcem voos maiores, tão altos quanto possível.

E qual o papel do educador nesse processo? É preciso estímulo ao invés de punição, elogio ao invés de mais tarefas chatas, valorização, respeito, acolhimento, é preciso formar grandes talentos ao invés de pessoas medíocres. Mas para isso são necessários profissionais preparados, que enxerguem nessas grandiosas almas o imenso talento e as habilidades que podem fazer do mundo um mundo melhor, mais digno, humano e verdadeiro!

Boa Leitura!

*Andréa Poletto Sonza
Professora e assessora de ações afirmativas,
inclusivas e diversidade do IFRS*



Altas habilidades ou superdotação: o que é isso, afinal?

A pergunta que trazemos como título deste capítulo marcou, em 05 de agosto de 2021¹, o primeiro de uma série de bate-papos *online* realizados pelo projeto *Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD): precisamos falar sobre isso!*. Para respondê-la, contamos com o auxílio dos nossos então convidados e agora autores do texto que apresentamos a seguir. Juntos, Francisco Rocha Sales² e Syrlei Sonda Massoni³ nos ajudam a conhecer e desmistificar o tema das altas habilidades ou superdotação. Ela é mãe de um filho AH/SD e fundadora do grupo Mães que Lutam; ele, professor e especialista no assunto e pai de dois filhos AH/SD. O bate-papo franco e aberto, que tive a satisfação de mediar, transformou-se no texto sincero e cheio de entregas que, temos a certeza, poderá acalmar os corações daqueles que buscam entender melhor o que são as altas habilidades ou superdotação.

O que é isso, afinal?

*Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli*⁴

¹ Disponível em: <https://youtu.be/tROuOTvSTRM>.

² Biólogo, professor do AEE de AH/SD da SEDF, especialista em Altas Habilidades e Superdotação, pai de dois filhos identificados com AH/SD, um dos fundadores da empresa VidAH.SD.

³ Empreendedora, mãe de um filho com Altas Habilidades e Superdotação, uma das fundadoras do grupo Mães que Lutam, de Caxias do Sul/RS.

⁴ Docente do IFRS *Campus* Caxias do Sul e mediadora do bate-papo.

M^a de Fátima: Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD): diagnóstico ou identificação?

Francisco

Não há diagnóstico de altas habilidades, não é uma doença, não tem um número de CID⁵, não tem exame médico que ateste a um indivíduo Altas Habilidades. Então um ponto importante a se considerar é que, apesar de ser utilizado, não é o um termo mais adequado. É muito bom deixar claro que, nesse ambiente de altas habilidades ou superdotação, temos verdades relativas, teorias. Existem alguns teóricos, dentre os quais cito Joseph Renzulli, cuja teoria considero bastante interessante, a qual acaba sendo a que vem descrita pelo Ministério da Educação (MEC) e a maioria dos Estados adota tanto para a identificação quanto para o atendimento de crianças e jovens com comportamentos de altas habilidades ou superdotação. É interessante, porque ele nos apresenta dois grandes grupos: os superdotados acadêmicos e os superdotados criativos/produtivos.

O primeiro grupo, superdotados acadêmicos, apresenta um perfil mais tradicional e que historicamente é o que as pessoas acabam tendo maior percepção. Algumas características seriam a boa memória e a facilidade dentro do ambiente escolar, isto é, são bons estudantes, bons aprendizes e naturalmente se destacam nas matérias acadêmicas.

É importante ressaltar que, mesmo que tenhamos algumas características, as quais se apresentam para uma maioria, não existe unanimidade: em Altas Habilidades temos um universo muito heterogêneo.

O segundo grupo, superdotados criativos/produtivos, é muito mais imaginativo, com um perfil que tende a não necessariamente se dar bem na escola, mas costuma apresentar um fator criativo muito mais intenso. É aquele que acaba se destacando na habilidade comunicativa, um grupo que está mais resolvendo problemas do que decorando problemas. Normalmente, dentro da escola, acaba dando mais trabalho e “mais problemas”. As pessoas desse grupo são questionadoras, querendo participar e opinar.

⁵ Classificação Internacional de Doenças.

É importante, no entanto, destacar que, independentemente do tipo de superdotação, existe uma série de fatores de personalidade que interferem no desenvolvimento – ser mais extrovertido ou introvertido e ter uma autoestima alta ou baixa são exemplos de fatores que influenciam.

Outro aspecto importante a se destacar sobre esse tópico é apresentado por Renzulli (2018) pelo termo “comportamentos de superdotação”. O “comportamento” não traz um rótulo fixo nem gera um peso, mas traz menos cobrança. Se o “fulano” é superdotado, espera-se que ele sempre se saia bem naquilo, que ele sempre “mande bem” naquele assunto, naquele tema ou naquela área. Conforme Renzulli (2018), o comportamento de superdotação é algo que sofre influência do meio, do ambiente, das emoções das pessoas que estão ali envolvidas e inseridas. Assim, posso ter um ambiente muito motivador ou muito constrangedor para poder demonstrar as minhas habilidades, os meus talentos, os meus interesses, e isso é algo variável.

M^a de Fátima: Como vocês identificaram que os seus filhos são AH/SD? Como isso chegou às suas vidas?

Francisco

Meu primogênito foi o grande motivador, desencadeador da minha busca por conhecimento no tema de Altas Habilidades. Ainda pequenino, já observamos várias características, comportamentos precoces. Ele é da área acadêmica, tem uma memória excelente, aprende tudo muito rápido e muito fácil. Não tem o hábito de revisar os conteúdos para provas ou copiar muita coisa na aula, e suas notas são sempre muito boas. O grupo dos acadêmicos costuma apresentar muita resistência quanto à escrita, porque para eles é algo desnecessário. Não há motivo para aquela repetição da escrita, o cérebro, o pensamento, a memória, o aprendizado são mais acelerados e adiantados do que a cópia. Desde pequeno meu filho teve vários traços de precocidade e nos trouxe a inquietação e a necessidade de buscar mais conhecimento.

Em 2016 surgiu a oportunidade de fazer um curso de formação, na Secretaria de Estado do Distrito Federal, no qual comecei a conhecer mais especificamente Altas Habilidades e acabei enveredando para o atendimento. Com isso, come-

cei a perceber no meu filho caçula traços também de Altas Habilidades, mas no perfil produtivo criativo. Ele é muito cinestésico – quero dizer que ele tem habilidades corporais, que já não são habilidades muito vistas dentro da escola. Ele tem habilidades artísticas, é muito curioso, questionador, e tem uma característica que acaba sendo comum também dentro das Altas Habilidades, que é a sobre-excitabilidade emocional. Aqui em casa temos dois universos completamente distintos, um do modelo que poderíamos chamar de “mais tradicional” das Altas Habilidades, acadêmico, com comportamento “certinho”, estudioso, e outro do perfil produtivo criativo, que foge dos moldes tradicionais e tentar encaixar numa caixinha é uma grande complicação.

Sirley

O processo na nossa família foi difícil.

Desde muito pequeno percebemos que nosso filho era uma criança diferente, e que esse diferente era um diferente “**estranho**” para nós, principalmente em relação às coisas pelas quais ele se interessava.

Lembro que no nosso círculo de amigos éramos sete casais que tiveram filhos na mesma época, então eram sete crianças. Seis eram iguais, se entendiam, brincavam, e um não, esse era o meu filho. Assim, seis iam para a direita e o meu filho ia para a esquerda. Se seis subiam, o meu filho descia. Era tudo ao contrário. Costumo dizer que ficamos durante anos procurando o que nosso filho tinha de “**errado**”, qual era o problema dele, o porquê de ele ser diferente dos outros.

Nosso filho é do tipo produtivo criativo. Tem também traços do acadêmico intelectual, mas o produtivo criativo é o que o descreve muito bem. Os assuntos pelos quais ele se interessava e o que chamava a atenção dele eram completamente diferentes das outras crianças com as quais convivíamos. Por exemplo, quando íamos para uma chácara, um tipo de passeio muito frequente, todas as crianças iam para o campo brincar, mas meu filho ia para a área de serviço da casa da chácara ver como a máquina de lavar roupa funcionava.

Como explicar para os outros que o teu filho de 3 anos gosta de ver como o liquidificador funciona, que ele brinca com

o espremedor de frutas, que ele se interessa por tomadas, que ele pega ferramentas e que ele não quer jogar futebol? Hoje, entendo isso e, preciso dizer, sou uma pessoa “relativamente” resolvida com esses assuntos, mas foi muito sofrimento para chegar até aqui.

Ler, por exemplo. É importante falar que não necessariamente uma criança superdotada começa a ler ou falar precocemente. Sim, ele falou muito rápido, mas não falou nada de “papai” ou “mamãe”, a primeira palavra que falou foi “água”, porque queria mexer na máquina de lavar roupa e eu dizia: “Tu deves me pedir isso”. E ele pediu. “Máquina, água”, essas foram as primeiras palavras, não foi “mamãe”, nem “papai”, ou “tata”, “dinda”, nada disso. E ele se interessava por livrinhos. Aprendeu os números muito cedo, aprendeu as cores muito cedo. Como pais, víamos que ele era inteligente, que entendia logo as coisas, mas achávamos esquisitos os seus interesses.

Por exemplo, temos uma gaveta em que guardamos todos os manuais de instruções dos aparelhos elétricos/eletrônicos (TV, liquidificador, batedeira...) e perdemos a conta de quantas vezes vimos ele, muito pequeno, sentado no meio da cozinha ou da sala com um monte de manuais de instruções abertos ao seu redor, admirado e envolvido com aquele monte de gráficos, números e letras. Interessado em descobrir aqueles códigos. Como poderíamos entender que isso era um indicativo de altas habilidades ou superdotação?

Nós passamos, infelizmente, por profissionais que não souberam nos alertar sobre isso. Procurávamos uma doença, procurávamos o que que tinha de errado com ele, porque não se “encaixava nas coisas” como as outras crianças.

Foi para a escola infantil com um ano e meio, e dali para frente meu filho virou um problema. Minha vida de mãe virou um problema, porque na escola ele não brincava com os coleguinhas, queria ficar com a professora ou com a tia da cozinha, queria brincar de outras coisas, ou ficava sozinho. Então ou ele era doente, ou era autista, ou tinha alguma deficiência. Foi bem difícil. Chegamos às Altas Habilidades por caminhos muito tortos, muito difíceis, e isso ocorreu, infelizmente, por não termos profissionais com formação na nossa região, em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha.

Tivemos que ir a Porto Alegre buscar ajuda. Ninguém sabia identificar, todo mundo apontava a estranheza e o que ele tinha de “avançado” passava como normal.

Como pode isso?

Hoje, depois de eu ter estudado e continuar estudando tanto esse tema, parece óbvio que não eram esquisitices o que ele apresentava, mas na época era tudo tão confuso e sem “solução” que cheguei a adoecer.

Francisco

Acho que o grande problema da humanidade é a busca pela padronização e pela normalização, a busca por um padrão “normal” aceitável. Destaco a palavra normal porque é como a maioria das pessoas fala. Precisamos entender que o normal é sermos diferentes, sendo diferentes temos singularidades e particularidades. Historicamente, as pessoas tentam encaixar o ser humano em padrões, o que foi feito para selecionar quem é adequado e quem não é para determinados perfis. A escola se desenvolveu dessa maneira, foi um quintal da indústria dentro da Revolução Industrial em que se buscava selecionar operários que fossem repetitivos e não questionadores, que fossem facilmente substituíveis, e todos aqueles que de alguma forma destoavam (para mais ou para menos) eram considerados inaptos e excluídos. Com isso, normalizou-se a ideia de que para estar bem tenho que estar dentro daquela “regrinha”, daquela linha, daquele padrão. O normal é termos particularidades e singularidades, e isso nos torna diferentes, com algumas semelhanças, mas várias diferenças.

É importante as pessoas entenderem que o universo das Altas Habilidades apresenta um desenvolvimento **neuroatípico**, que tem alguns mecanismos de funcionamento, ritmo, velocidade e processamento diferentes da grande maioria. Isso não é bom nem ruim, vai depender do contexto e da situação. No entanto, quando temos um modelo educacional e uma sociedade que fica buscando defeitos, que aponta aspectos destoantes da norma, isso se torna um grande prejuízo e um problema.

M^a de Fátima: Como surgiu o grupo Mães que Lutam?

Sirley

Nós somos três mães da cidade de Caxias do Sul que se encontraram e formaram o grupo Mães que Lutam. Hoje somos as “representantes”, mas já contamos com 30 famílias em Caxias do Sul, com crianças com indícios, indicativos e identificadas na escola com Altas Habilidades, o que representa um ganho bastante significativo.

Tudo começou com uma reportagem em um jornal local (Andrade, 2019), intitulada “Infância fora da Caixa”. Eles procuravam por crianças consideradas “fora da caixa” e chegaram a nós por meio da indicação de uma pediatra. Junto com o nosso filho, nessa entrevista, tinham mais duas crianças e suas mães, e foi assim que nos conhecemos.

Preciso destacar que a decisão de participar da matéria foi muito difícil. Nós relutamos e nos questionamos antes e depois. Porque é muito difícil falar disso, tanto para mim quanto para o meu marido. Esta é a primeira *live* que faço falando sobre essa condição na nossa casa. Apesar de já termos conversado com muitas pessoas sobre o assunto e conseguirmos, inclusive, que fosse formada uma Frente Parlamentar aqui na nossa cidade, falar, a partir desse papel de mãe, sobre o meu filho e expor isso é muito complicado, porque ainda temos medo de retaliações. Nós ainda temos medo de obrigações, de cobranças, dos mitos de que “eles sabem tudo, são inteligentes, têm que ir bem na escola”, o que não é uma verdade absoluta. Eles reprovam na escola. Um superdotado reprova nas matérias que ele não gosta e aí já está um mito que as pessoas não entendem.

Após um tempo da publicação da reportagem, recebemos algumas ligações, mas com o tempo o assunto esfriou, então resolvi contatar uma daquelas mães. Éramos eu, duas mães e três crianças com Altas Habilidades em áreas diferentes. Entrei em contato com uma das mães que concordou em se encontrar comigo. Nos encontramos muitas vezes, conversamos muitas vezes, choramos muitas vezes, mas não saíamos dessa conversa. Tentamos nos aproximar também de outras famílias, mas era complicado. Até que chegamos à AGAAHSD⁶

⁶ Associação Gaúcha de Apoio às Altas Habilidades/Superdotação.

e à FADERS⁷ e seus integrantes. Ali encontramos o apoio de que precisávamos.

Ficamos motivadas quando sentimos que essas instituições iriam nos apoiar para fazer alguma coisa aqui na cidade e na Serra Gaúcha. Fizemos um documento e encaminhamos para elas. Tinham ocorrido as eleições e nós, bem orientadas que estávamos, pensamos: “a primeira coisa que precisamos conseguir é a Frente Parlamentar”, e assim, com as devidas informações, procuramos por uma vereadora para constituir uma Frente Parlamentar para as AH/SD. A Frente Parlamentar foi instituída e aprovada por unanimidade. Foi bem emocionante, e nesse dia muitos choraram, nós inclusive. Bem... de novo, né? Porque eu choro sempre!

O fato é que isso, para Caxias do Sul e para a Serra Gaúcha, é importante, porque assim temos o respaldo da lei e o Poder Público está conosco.

As Mães que Lutam é isso. Somos um grupo que tenta colocar esse assunto, esse tema das Altas Habilidades, em pauta para que as pessoas olhem para isso, porque somos realmente invisíveis, as famílias dessas crianças são invisíveis, essas crianças são invisíveis.

Sempre que se fala de crianças atípicas ou cérebros neuroatípicos se pensa em alguma doença, em quem tem algum problema, alguma dificuldade, e daí vai ter uma atenção. Não julgo. Faço esses comentários completamente desprovida de qualquer pretensão, porque, por falta de informações, as pessoas acham que os alto habilidosos ou superdotados **não precisam de ajuda**. No entanto, o cérebro deles é diferente e funciona diferente, eles têm outras necessidades, precisam de intervenções, por isso são público da educação especial.

Temos feito contato com as instituições de ensino, escolas e universidades, com o objetivo de falar sobre o assunto. Como resultado, temos eventos e projetos como esse do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – *Campus Caxias do Sul*.

Nosso propósito é fazer com que as pessoas falem disso. Acolhemos as pessoas e estamos formando um grupo de famílias, com as quais compartilhamos todas as informações

⁷ Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para PCD e PCAH no Rio Grande do Sul.

e materiais que recebemos sobre o assunto, que por sua vez compartilham com as escolas.

Sabemos que é difícil tanto para as famílias quanto para as escolas. Nós passamos por isso. Quando identificamos o nosso filho, não contamos para ninguém. De medo, escondemos. Esse assunto veio à tona com a reportagem do jornal. Participamos por sugestão da pediatra, que foi uma querida e me socorreu muitas vezes quando eu estava desesperada.

Houve um tempo em que não sabíamos mais o que fazer, e aí vieram exames mais pesados. “Faz a ressonância da cabeça”. “Passa em clínica de sono”. Meu filho estava com 4 anos! Fizemos isso e... nada apareceu. Isso só aumentava a minha preocupação, e quem estava lá para me “socorrer”? A pediatra! Então participamos da reportagem e ali as coisas começaram a acontecer, porque nós, como muitas famílias, escondemos, não falamos, pois ficamos com medo. Aliás, isso é comum, e é por atitudes assim que a invisibilidade cresce.

Ainda hoje é difícil estar aqui falando isso. É muito difícil, mas sei que é importante. É por essa importância que estou aqui, mas ainda tenho medo.

M^a de Fátima: Como se dá o processo de aprendizagem para pessoas com AH/SD?

Francisco

Curiosidade e vontade de aprender são características natas do ser humano. Desde pequena a criança quer saber os porquês, naturalmente, e em quem tem comportamento de altas habilidades ou superdotação isso se torna mais intenso, mais aguçado, assim o interesse e a vontade de aprender se acentuam consideravelmente. Um aspecto relevante a citar-se é que as crianças e os jovens com comportamento de altas habilidades ou superdotação acabam tendo muito interesse e vontade de aprender coisas que os interessam. Não é tudo, ou qualquer coisa, nem a todo momento, então eles podem e devem ser estimulados. Como podemos fazer isso? Oportunizando, dentro das áreas de interesse de cada um (se for na área musical, na área lógico-matemática, na área artística...), o que pode ser feito para eles se estimularem, se manterem, se desenvolverem.

Não se pode falar isso que surge do nada, porque nós já nascemos buscando o conhecimento e o aprendizado. Só que, infelizmente, as nossas crianças vão sendo “podadas” e limitadas desde sempre. Então a criança que quer saber demais “o porquê” frequentemente acaba sendo podada, limitada pelos pais, o que acaba por tornar a criança com Altas Habilidades mais introspectiva. Ela vai deixando de perguntar, pois tem um alto grau de inteligência, logo percebe que aquele terreno não é fértil e não vai ser produtivo para que ela fique instigando, perguntando ou questionando. Ao invés disso, vai buscando outras formas de aprendizado, outras formas para tentar sanar a sua sede de conhecimento.

O que nós, adultos, pais, mães e escolas, devemos fazer é oportunizar esse estímulo, o que não significa colocá-los a fazer mais atividade (cópias), porque na maioria das vezes, já por experiência prática, as crianças e os adolescentes enxergam tais atividades mais como punição do que como estímulo.

Atuando no atendimento aos jovens AH/SD desde 2017, escutei relatos deles e na minha casa sobre essa sobrecarga de tarefas muitas vezes praticada. Lembro-me de a professora de um dos meus filhos, ainda pequeno, entendia que o que ela podia fazer era tentar ocupar o tempo dele. Lembro que tivemos um pouco mais de atenção com a primeira professora, observando que ela não tinha conhecimento de Altas Habilidades, mas começou adiantando as tarefinhas dele. Ele ainda estava na pré-escola e ela já começou adiantando tarefas do primeiro ano. Depois de um tempo ele começou a se sentir punido, porque fazia a tarefa rápido, terminava de maneira correta e, ao invés de ser liberado para brincar ou conversar, tinha que fazer mais atividade. Então ele passou a questionar por que estava recebendo essa punição, por que ter que fazer mais tarefas se ele estava fazendo corretamente, pois enxergava que fazer mais tarefas seria necessário se ele não estivesse aprendendo. Se não soubesse fazer, o “estímulo” estava sendo uma punição?

É interessante, porque temos sempre que validar o que vem do lado da criança e do jovem com relação à emoção, ao sentimento que estão manifestando. Dessa forma, uma grande falha que nós, adultos e professores, cometemos é tentar calar ou abafar aquela emoção, aquele sentimento, aquela

percepção, invalidando e tentando passar a nossa impressão, ou tentando justificar, dizendo “Ah, assim você vai aprender mais”, mas não é isso que a criança está sentindo, ela está se sentindo punida.

Vamos pensar sobre a sensação de punição. Natural e neurologicamente, quem é inteligente vai querer fazer o quê? Afastar-se da dor! Nosso cérebro nos aproxima do bom e do prazeroso e nos afasta do ruim e da dor. O que eles vão começar a fazer? Baixar o nível de rendimento e execução, pois preferem se tornar medíocres, fazendo as coisas na média, para não se destacarem; porque se me destaco não recebo elogio, pelo contrário, recebo tarefa. Então é mais fácil ficar passando na média e se tornar uma pessoa “normal” do que ser uma pessoa que está acima ou tendo um bom rendimento. Esse comportamento, inclusive, é uma das coisas que podem explicar o porquê de as crianças com altas habilidades ou superdotação acabarem em queda no rendimento escolar, principalmente na adolescência, época em que utilizarão o seu potencial e será mais “safo” nos critérios de escolhas, execução e de convívio social.

M^a de Fátima: Como você enxerga o papel do professor frente às crianças que têm altas habilidades ou superdotação?

Francisco

Há uma série de fatores que naturalmente precisam ser ajustados dentro do nosso modelo educacional, uma série de coisas que costumo falar nos meus atendimentos e com os meus estudantes. Infelizmente, o professor foi ensinado dentro de um modelo que não prioriza o indivíduo, mas sim o grupo, a repetição, a memorização e a cópia. O professor geralmente não tem liberdade de atuação ou de escolha.

Temos muitos professores criativos, humanizados, que querem fazer a diferença dentro da sala de aula, mas infelizmente não conseguem, porque são presos pelo sistema, ou seja, pela indústria que a educação se tornou. Infelizmente, hoje, vejo muito mais como uma fábrica, inclusive o modelo de criação das escolas é industrial, enfileirado e de repetição, que frequentemente limita os professores, pois eles não podem fazer muito diferente. Aliado a isso, os professores também não

aprenderam, na maioria das vezes, a identificar as características que devem observar, ou que tipo de atitudes podem ter no ambiente de sala de aula.

Vejo, sim, que o professor tem grande responsabilidade, só que, infelizmente, na maior parte das vezes ele não tem as ferramentas ou as possibilidades de buscar e utilizar essas ferramentas dentro da sala de aula. O que vejo como solução – e que talvez muitos colegas poderão pensar “Ah, você fica falando isso porque é muito bonitinho na teoria”, mas não é na teoria, é na prática – é a tentativa de uma individualização de aprendizado. Infelizmente, no modelo brasileiro, principalmente na rede pública, que sei ser realidade da maioria dos estados, temos salas muito cheias, um tempo limitado e uma impossibilidade de conhecer e se aproximar de cada estudante enquanto pessoa. Mas o que enxergo, não só para o superdotado, mas para as crianças e os jovens em geral, é o processo de individualização do ensino e da aprendizagem. No entanto, para isso é necessário estimular o jovem e a criança à autonomia e ao autoconhecimento para que eles também percebam e se questionem: “Quais são os meus melhores mecanismos de aprendizagem? Como aprendo mais? Como aprendo menos? Qual a importância disso e daquilo?”. Porque muitas vezes o estudante com comportamento de altas habilidades ou superdotação é absolutamente inteligente, inclusive para não querer perder seu tempo com coisas que não vão agregar, que não vão ser interessantes, que não o motivam. A maioria desses jovens são questionadores. Eles querem uma boa justificativa, são excelentes advogados, têm muitos argumentos. Para convencer uma criança ou um jovem que tem comportamento de altas habilidades ou superdotação, é preciso ter argumentos válidos, reais e convincentes, porque eles literalmente batem o pé quando não são convencidos. Muitas vezes a escola não tem uma justificativa para ensinar algo ou haver repetição, talvez porque não se adequa a uma era que já está bem mais tecnológica, com mais possibilidades educacionais, e, infelizmente, a nossa educação nem sempre tem conseguido atender a essas demandas.

M^a de Fátima: Como você percebe a fase da adolescência nos AH/SD?

Francisco

Trabalho com adolescentes que têm comportamento de altas habilidades ou superdotação. A questão da socialização faz parte da adolescência, é uma característica natural de busca pela socialização encontrar pares, semelhantes. Se não encontra semelhantes na sua forma natural de ser, é comum que o adolescente busque se moldar e se encaixar nos grupos que já existem, e é quando vemos muita mutabilidade acontecendo no adolescente. Assim ele pode se tornar mais falante ou mais silencioso, mais extrovertido ou mais introvertido.

Uma coisa que acontece muito comumente é o *bullying*. Qual é um grande fator do *bullying*? Ser diferente. Ser diferente, ter características diferentes que se destacam quando comparadas à grande massa, à grande maioria. Qualquer tipo de característica, seja ela física ou comportamental, tende a chamar a atenção. Uma das coisas que o adolescente não quer, ou a maioria não quer, é se destacar chamando a atenção por ser diferente, então ele vai buscar o pertencimento, vai buscar se igualar. Se ele encontrar um meio de outros jovens que tenham também características parecidas ou comuns com as dele, vão formar os seus grupinhos, seus nichos. Por exemplo, aqueles que gostam de artigos, de leituras, de esporte, ou seja, que gostam de assuntos em comum. Mas se não encontram, no meio deles, semelhantes a si, ao que já se percebem e se conhecem, a tendência é o isolamento ou a adequação, buscando repetir o comportamento dos demais.

M^a de Fátima: Vamos falar de proteção e autoproteção. Como se dá o convívio familiar e social no contexto de AH/SD?

Sirley

A família se afasta, mas também os outros se afastam dela. Em função dos interesses diferenciados que geram comportamentos distintos das demais crianças da mesma faixa etária, há um estranhamento. Vamos imaginar um grupo de pais, amigos com crianças, em que a maioria é de um jeito e uma criança é diferente. Esta passa a ser vista como “esquissita”, e pode acontecer o afastamento.

A nossa família passou por isso. Os amigos foram se afastando de nós. Perdemos muitos da turma dos pequenininhos que nasceram na mesma época. Foram se afastando, deixando de nos convidar para os aniversários das crianças e os passeios a parquinhos, e assim fomos “esquecidos”, porque era difícil o convívio. Por exemplo, as crianças queriam andar de balanço e o meu filho queria contar as pedras do canteiro e descobrir como funcionava a máquina de fazer gelo. Perdemos muitos amigos por causa desses comportamentos.

Informações para as famílias e os seus entornos são fundamentais para que eles entendam e saibam encontrar formas de lidar com as situações.

Francisco

É o tipo de coisa que acontece, sim. Vamos mudando de fases durante a vida, de grupos, e isso acontece com os pais. No caso, acabamos também perdendo ou ganhando amizades de acordo com os nichos dos nossos filhos, sejam áreas pelas quais eles se interessam, em que se destacam ou que gostam, porque os pais tendem muito a adequar e adaptar o ritmo de vida e as amizades que eles têm ao convívio que os filhos acabam tendo também. Então é comum os casais que têm filhos se afastarem de outros casais que não têm filhos, por exemplo. No caso citado, foi uma situação já bem atípica, diferente, porque a sua criança passou a apresentar um comportamento e um neurodesenvolvimento bem diferente dos demais, e isso foi um dos fatores.

Com certeza é muito comum acontecer esse medo do pai e da mãe. Passamos por essa situação aqui em casa quando começamos a perceber e descobrir que o nosso filho mais velho “tinha a tal da superdotação”. A princípio, éramos leigos ainda no assunto e tínhamos aquele receio de “e agora?”. Além de mais responsabilidades em casa, temos uma preocupação com a questão moral muito intensa, muito vivida, então “teremos uma criança mais inteligente”, mas o que isso quer dizer? Tem que estimular mais? Não tem que estimular? Tem que procurar mais coisas? O que vão comentar? *Vão achar que* estamos “nos achando”? *Estão supervalorizando o* nosso filho. Às vezes nem fazemos nada, mas tem um ditado que diz que “prego que se destaca é o que leva martelada”, então a criança que se des-

taca chama atenção, e nosso país, infelizmente, é competitivo, não competitivo solidário, competitivo estimulado, mas muitas vezes destrutivo. Historicamente, se eu não conseguir ganhar de você, vou dar um jeito de fazer com que você perca para que eu ganhe. Nós ainda não temos, predominantemente, uma cultura cooperativa e incentivadora do tipo “Você pode mais do que eu, que legal! Conquistaste mais, fico feliz pela sua conquista e você vai poder me auxiliar também nas minhas conquistas”. Então é comum pais que silenciam e se calam. Considero que é importante falarmos sobre e divulgarmos, porque aqueles que hoje estão começando estão se sentindo sozinhos, sem orientação, que foi pelo que você passou [Sirley], pelo que nós passamos, e a maioria dos pais passa por essa invisibilidade.

É um assunto que não é muito falado, difundido, e as pessoas tendem a divulgar só a parte bela, bonita, que é quando tenho um jovem que já se destaca em uma determinada área, normalmente aquilo que as reportagens já mostram. No ano passado, um programa de televisão trouxe uma série de jovens com comportamentos de altas habilidades ou superdotação mostrando os seus talentos. As pessoas veem recortes, pedaços, trechos e não imaginam os bastidores, os sofrimentos, as inquietações, a ansiedade, a cobrança, o perfeccionismo, as noites mal dormidas, a dificuldade de socialização, de encontrar pares que tenham as mesmas afinidades e interesses ou habilidades. Destaco que a maioria dos superdotados não tem dificuldade de socialização, mas dificuldade de encontrar pares, semelhantes em afinidades, interesses, gostos e desgostos. Então, como a sociedade tende a rotular, cobrar e exigir, passamos por uma fase de transição da infância para a adolescência muito intensa, de baixa autoestima, e é comum vermos as crianças se tornando adolescentes e se calando, diminuindo suas potencialidades, seus talentos e suas habilidades.

Diante desse contexto, percebem-se a necessidade e a importância do acolhimento da família, do acolhimento da criança, do jovem, e a orientação para que eles se aceitem como um ser singular. “Ok, tudo bem eu ter diferenças, não preciso mudar para ser aceito”. Porém precisamos desenvolver um espírito mais solidário na sociedade, que seja acolhedor, empático, mais inclusivo, porque ser inclusivo é aceitar toda a

diversidade dos seres humanos no mesmo espaço, sem tentar convencer alguém de que um é melhor ou pior, de que um está certo e outro está errado, mas de que está todo mundo certo por ser quem é.

Sirley

Muito pertinente a questão da adolescência, porque pode parecer que são casos raros, mas não são. A Organização Mundial da Saúde estima que entre 3,5 e 5% da população geral nasce superdotada, e existem estudos mais recentes que mostram números maiores. Se considerarmos, por exemplo, 5%, temos que lembrar que não são só crianças, nesses 5% existem adultos que são superdotados, existem pessoas de meia-idade que são superdotados e existem idosos que são superdotados. Precisamos pensar também onde está essa parcela da população. É muita gente! Por isso falo da invisibilidade.

Onde estão essas pessoas? Têm que aparecer! Precisamos olhar para elas, falar sobre elas, conversar com elas. Dar voz a elas.

Sobre os adolescentes, um aspecto que me preocupa é a questão da baixa autoestima, porque eles se sentem diferentes, se veem diferentes, sabem que são diferentes. Meu filho, por exemplo, sempre se interessou por linguagem de programação em Arduino, por impressoras 3D, aí eu perguntava e ainda pergunto: “Filho, por que tu não convidas o fulano para vir aqui em casa, convida o teu amigo para vir aqui?”. E ele sempre me responde: “Mas, mamãe, quando meu amigo estiver aqui do que vou brincar com ele? Sobre o que vou falar com ele se do que eu gosto ele não gosta, pelo que me interessa ele não se interessa?”. E isso o incomoda muito.

Desde cedo eles se percebem diferentes. Isso vai acompanhando a infância inteira até chegar à adolescência, quando temos as estatísticas de que muitos dos adolescentes que se suicidam são alto habilidosos ou superdotados. É triste, porque são talentos fantásticos, difíceis, cérebros atípicos, mas que poderiam estar produzindo coisas maravilhosas! Poderiam fazer a diferença. Poderiam ser produtivos nas escolas e nas empresas. Temos empresas fantásticas em Caxias do Sul e na Serra Gaúcha, e fico imaginando essas pessoas sendo valorizadas

dentro delas. Imagina um superdotado numa área de recursos humanos, um superdotado na engenharia, por exemplo, que produto bacana não poderia descobrir, nas artes, no esporte, na liderança. Sonho que eles sejam acolhidos e vistos nas suas diferenças, que possam produzir, que possam se sentir úteis para a sociedade e valorizados nas suas individualidades. O que não pode é eles se sentirem os “loucos”, os estranhos, os diferentes, os esquisitos, os que ninguém entende, que ninguém conversa.

O acolhimento é fundamental!

Francisco

Sempre trago nas minhas falas, palestras e atendimentos a questão histórica, porque acho que tudo isso influencia a realidade que temos hoje. O Brasil, historicamente, é um país de títulos, um país de demonstrar poder e não necessariamente de valorizar capacidades ou habilidades. As coisas têm mudado um pouco, como no exemplo citado, da questão tecnológica: as grandes empresas hoje preferem um jovem que saiba fazer àquele que tenha um título de uma faculdade que supostamente ensinou o que ele deveria fazer. Então existem jovens na área da tecnologia sem título de graduação, porque a própria graduação já está tão retrógrada e desatualizada para o que já foi atualizado nos sistemas e na parte tecnológica que quem não está vivenciando-a no dia a dia fica por fora e atrasado.

No Brasil as crianças sempre foram historicamente desrespeitadas, diminuídas. Apenas recentemente a criança e o jovem passaram a ser respeitados, por força de lei, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente, porque até pouco tempo atrás tu podias fazer o que bem entendesse com a tua criança. As crianças ficavam jogadas na rua e pouca coisa acontecia legalmente de punição, então precisou vir uma lei para poder mostrar que a criança também merece ser respeitada, que é um ser humano, tem emoções, sentimentos e desenvolvimento. O adolescente também foi historicamente rejeitado dentro dos lares, das famílias e dos meios, como se fosse uma criatura inapta ou simplesmente revoltada. Ele não seria considerado um dono de conhecimento que poderia participar, opinar ou saber mais, porque historicamente quem é mais velho sabe mais, ou o professor sabe mais, ou o adulto sabe mais. Sabemos que, pela

agilidade de aprendizado e pela área de interesse, hoje temos adolescentes colocando muitos adultos no bolso, e isso mexe com o ego das pessoas, ainda revolta muitos adultos que têm a necessidade de se sentir “acima” ou superiores.

Então se dá voz ao jovem e se percebe que ele também tem um papel importante no presente, não só no futuro. Porque falamos “Ah, vocês são o futuro do Brasil”, mas que tipo de reconhecimento ou valorização é dado a eles? O adolescente precisa desse retorno positivo para se manter, se formar, se desenvolver. Então precisamos ter um olhar diferenciado para o desenvolvimento dos jovens, o respeito aos jovens e a valorização dos jovens.

M^a de Fátima: Sobre professores e ambientes que recebem AH/SD, analisando os números citados, poderíamos questionar: Quantos professores teriam esse olhar empático, a informação e a formação para auxiliar aquele/a estudante “acima da média”? Com relação à questão de encontrar ambientes que favoreçam o desenvolvimento desses adolescentes, dessas crianças, há também uma grande responsabilidade, porque, ao mesmo tempo que elas têm o desenvolvimento de determinada habilidade, não têm a maturidade de um adulto. Então, para inserir essa criança/adolescente em determinadas atividades com um público talvez mais maduro, como é o caso de um ambiente empresarial, ou de uma pesquisa, é também preciso que esse grupo tenha preparo e responsabilidade?

Francisco

Até porque, se formos analisar o modelo das empresas, acaba sendo um modelo de insubordinação. Não é um modelo cooperativo/colaborativo em que vamos ter uma equipe que vai atuar em conjunto, unindo os pontos fortes, minimizando os pontos fracos. Aqui no Brasil ainda temos um perfil de empresa muito autoritário, no qual “você obedece porque sou o chefe, então eu mando”.

Precisamos entender o que vem a ser a maturidade. Ela está relacionada com a capacidade que temos de lidar bem com determinadas situações. Eu, se viver o mesmo contexto e o mesmo cenário de hoje daqui um mês, posso agir de modo completamente diferente, porque o meu cenário mudou, a

minha situação emocional mudou. Mesmo assim, queremos estabelecer um padrão de maturidade, ou um nível de exigência e maturidade, que é instável, porque a maturidade é moldável, variável e situacional. Então talvez o meu julgamento sobre o critério de maturidade de um jovem seja baseado em um adulto que teve 15, 20, 30 anos de experiência e vivência para poder lidar com uma determinada situação. Assim, vem a cobrança para que uma criança, ou um adolescente, tenha comportamento mais maduro, porque a sua área de interesse gerou a ela conhecimento de uma pessoa mais madura.

Precisamos entender que todo ser humano está em desenvolvimento constante. Pode ser que um idoso, um velhinho, hoje, ao passar pela perda de um ente querido, desmorone, mesmo que já tenha perdido três entes queridos ao longo da vida, porque a situação está diferente. Vejo um nível de cobrança da tal maturidade como se fosse algo estável, o que é muito inadequado. O que temos que fazer é... vou até dar um exemplo pessoal! O meu filho mais velho foi acelerado na escola. No princípio, quando veio a possibilidade de uma aceleração, surgiu um monte de fatores e, naturalmente, o que mais pesa é a tal da maturidade emocional, que é o modo como ele vai lidar com determinadas situações. Como vou garantir que meu filho vai se sair bem em uma coisa que ele nunca viveu? O que tenho que garantir a ele é que **eu**, o **adulto**, vou estar ali presente para tentar auxiliá-lo naquela situação, para que ele consiga ter ferramentas para lidar. Não tenho como garantir que, só porque está cronologicamente um ano avançado ou atrasado, meu filho vai se sair melhor do que os outros. Até porque, se formos pegar um público acadêmico, numa sala com 40 alunos, todos vão ter a mesma solução, a mesma saída ou a mesma autoridade para lidar com uma mesma situação? O nosso papel é estar presente, participando e apoiando, para que, no momento de perda, dor, queda, desespero, em que ele vai ter uma dificuldade emocional, assim como nós também temos, sejamos um porto seguro, uma orientação.

É nesse ponto que gosto de colocar para mim um fator que seria quase obrigatório para quem está dentro desse universo neuroatípico: um acompanhamento psicológico. Não porque é um déficit ou algo que precisa ser ajustado, mas porque hoje, felizmente, com o avanço da psicologia positiva, já percebemos

que o psicólogo não é alguém para “apenas” tratar problemas, e sim impulsionar talentos e possibilidades, impedir que eventualmente se chegue ao fundo do poço num problema. Serve para entender-se durante essas fases, entender as dificuldades da infância, da adolescência e da adultez bem como os desajustes pelos quais todo ser humano passa por conta dos ambientes em que vive.

Um último ponto que eu queria falar com relação a essa questão da convivência com pares é que é sempre importante darmos oportunidades, principalmente na adolescência, quando se tem, neurologicamente, essa fase de busca por semelhantes, por se sentir aceito, adequado e pertencente. Como no exemplo citado pela Sirley, que o filho tenta se adequar ao meio, mas não vê outros colegas que se encaixam no meio dele, que se adequam aos gostos dele, e é onde vejo de grande importância as salas de recursos de Altas Habilidades, porque permitem essa socialização com os pares, e é um trabalho no qual tenho atuado hoje. Faço um atendimento de grupos de jovens com comportamentos de altas habilidades ou superdotação que permite essa integração e essa socialização. Eles vão percebendo que, até em outro estado, tem um “fulaninho” ou uma “fulaninha” que gosta do que eles gostam e todos vão poder conversar, tirar dúvidas. Às vezes ele ou ela irá saber mais do que eles e vai ser legal, porque poderão aprender; ou, ainda, eles vão saber mais do que ela ou ele e vai ser legal, porque poderão ensinar. Às vezes faltam essas oportunidades de eles terem essas trocas, momentos em que se encontram com pares, com semelhantes em habilidades e interesses ou afinidades.

Sirley

O grande objetivo do Mães que Lutam é levar essa temática para dentro da escola, fazer com que as pessoas vejam a AH/SD para haver uma sala de recursos que acolha os superdotados. Se chego na escola e falo “Olha, gente, o meu filho é alto habilidoso, é superdotado”, o que a escola vai me falar? “Mas é o primeiro que aparece aqui”. E aí lá vai a Sirley falar: “Não é o primeiro, vocês têm mil alunos aqui na escola”. Vezes 5%, quantos tem? Muitos! Provavelmente em cada sala de aula tenha um, só que as pessoas não têm o olhar para isso, muito

menos uma sala de recursos para esses estudantes encontram os seus pares.

Aqui em casa, penso que o que mais falta é a habilidade social e emocional. Na verdade, falta para muitos. Boa parte poderia ser resolvida na sala de recursos, e não temos uma aqui na nossa região, não temos pessoas que possam trabalhar com isso. Precisamos que os adultos se interessem em estudar, em se preparar para poder acolher esse tipo de criança, em fomentar um trabalho sobre AH/SD, porque essas crianças são futuros adultos que vão fazer bonito em outros lugares fora do Brasil ou adoecer.

Aqui, em relação a isso, que alternativas encontramos? Pela manhã, nosso filho frequenta a escola, vai bem, os professores gostam dele. É bem querido no meio escolar. Tem as professoras do Atendimento Educacional Especializado, que conversam com ele uma vez por semana, e isso faz muita diferença, porque ele se sente acolhido, e essa palavra é mágica. O acolhimento é tudo! Ele ama aquela meia hora que fica com as professoras, e chama elas de “as gurias”. “Hoje vou conversar com as gurias, mamãe”, ele me fala. *Não chama de professoras. Se sente muito* acolhido na escola.

Além disso, conversamos com duas empresas pequenas aqui da cidade em duas tardes da semana, uma em cada empresa. Ele faz as atividades que gosta. Numa, com as impressoras 3D e todo o universo de programação em Arduíno, impressões, montagem e consertos de impressoras, coloca-as para funcionar; na outra, que fabrica lâmpadas de LED, ele ajuda na programação e na operação de uma máquina. Gosta muito. Entendo que isso é a sala de recursos do meu filho.

Francisco

E muitas vezes eu, como professor que atua na sala de recursos, não tenho o conhecimento técnico da área com que ele tem afinidade, mas tenho o apoio emocional, o incentivo e as ferramentas de busca para encontrar esse tipo de possibilidade que a Sirley encontrou enquanto mãe. Ela foi lá, fez a intermediação e oportunizou a ele um momento em que está interagindo com algo do seu interesse.

É importantíssimo deixar isto claro: quando falamos em jovens com altas habilidades ou superdotação, eles serão muito intensos nas áreas do seu interesse. Por exemplo, vamos pensar em um superdotado com interesse na área da biologia. Quando colocamos assim, muito genericamente, os professores vão achar que ele vai mandar bem em tudo de biologia, ou que sempre estará interessado por biologia. Porém, às vezes, ele pode gostar de uma área específica, um conteúdo específico, ou se apaixonou muito por conta de um professor com quem tem afinidade ou de um documentário a que assistiu. Ao mesmo tempo que tudo isso o encantou e o fez descobrir muito sobre aquele universo, a postura de um professor pode desencantar e fazer com que ele se feche e não queira demonstrar mais o conhecimento que tem.

Um dos aspectos citados pelo autor Renzulli, do qual gosto muito, é a denominação de *comportamento*. Ele rotula a *área* das Altas Habilidades e não a *pessoa* com Altas Habilidades. Fazendo uma analogia, rotular uma pessoa alto habilidosa é como pegar um rótulo de maionese: você acha naturalmente que dentro daquele pote de maionese só terá maionese, será inaceitável encontrar outra coisa, ou impossível considerar que aquele pote de maionese, depois de vazio, vai virar um porta-parafusos ou um porta-pregos num depósito de ferramentas. Já falar em comportamento serve exatamente para retirar essa estabilidade. O ser humano é instável, situacional e altamente inspirador ou desinspirador, dependendo da situação, do estímulo e do acolhimento. A fala trazida pela Sirley de que o filho se sente muito bem com as gurias é porque ele se sente um ser humano visto e reconhecido. Que ser humano não quer se sentir visto e reconhecido? Acredito que nenhum, então é importantíssimo.

M^a de Fátima: Falamos no respeito às diferenças e às individualidades na escola, mas e depois, nas organizações do trabalho?

Francisco

Tenho o relato de uma adulta com Altas Habilidades, porque também sou formador, então trabalho com professores e adultos que também queiram se formar na área de Altas Habilidades na cidade de Brasília. Uma das cursistas é professora também

na Secretaria de Educação. Ela tem Altas Habilidades e foi se perceber com comportamento de Altas Habilidades depois que começou a estudar. Foi vendo uma série de situações que passou na infância, na escola, questão de não se “encaixar” dentro daquele perfil, e uma das coisas que ela percebeu, que se torna muito repetitivo, é o medo dos superiores nos ambientes de trabalho dos quais ela já fez parte. Porque, “se a fulana é tão boa assim, ela vai pegar o meu lugar”. Então você pode ser mandado embora porque é muito bom ou ser limitado a se desenvolver porque é muito bom. Você percebe que vai se tornando não *reconhecido e valorizado* pelas suas habilidades, mas *perseguido e julgado* por tê-las. Você se vê forçado a se diminuir, a desacelerar as suas habilidades e potencialidades para não ser tolhido, cortado, demitido. Quantos talentos realmente são perdidos, limitados?

Tenho ouvido relatos dos estudantes adolescentes que atendo de que é muito mais fácil eles desacelerarem e ficarem na média para não aparecerem do que demonstrarem suas Altas Habilidades e passar a ser exigido elas apareçam sempre, que eles façam muito sempre. Inclusive até vivi esse exemplo com meu filho, que me disse: “Por que vou ficar demonstrando que sou muito bom se, ao invés de terminar a atividade e ir brincar no parquinho, vou ter que fazer mais tarefa? Então *não vou mais fazer rápido*, vou começar a fazer lentamente, e não vou mais acertar tudo, vou começar a errar algumas coisas!”.

É normal eles não quererem ser esse centro de atenção, porque ainda não temos o reconhecimento e a valorização adequada para aquele que manda muito bem, que se destaca por estar acima da média, principalmente quanto a acolher quando ele não manda tão bem, porque o nível de exigência da perfeição, ou o nível de exigência de que ele vai ter que fazer certo sempre, faz com que muitos também se tornem repetitivos no que sabem e no que fazem. Assim, passam a ter a garantia de que vão acertar sempre, e não querem arriscar o novo, e talvez não serão mais tão bons, não terão um bom desempenho e até perderão aquele rótulo que tinham de inteligentes que sempre acertam as coisas.

Sirley

Eles não são bons em tudo! Essa é uma informação muito importante a salientar que as pessoas devem entender: não são bons em tudo. E essa cobrança é cruel e gera medo. Foi isso que nos fez não falar. Por exemplo, para que falar? Para depois ele ser cobrado a ser bom em todas as matérias? Nosso filho não gosta de artes e educação física, com risco, inclusive, de reprovar, mas nas outras ele vai bem. Então é isso! Ele não é bom em tudo, pelo contrário, os superdotados são muito bons nas áreas em que apresentam as Altas Habilidades, mas nas demais eles podem ser péssimos.

São intensos. Naquilo que gostam, se dedicam, fazem, são autodidatas, aprendem sozinhos e barbarizam. Agora, no que não gostam, no que não interessa, são péssimos. Não gostam, não fazem. Essa é a experiência na nossa casa. Quando crescer, talvez mude, se equilibre um pouco mais, mas por enquanto é isso que vivemos.

Lembro que na turma da escola tinha um “puxa-saco” no fundo da sala com tarefas extras, nunca foi dito que era para o meu filho, mas a orientação na sala de aula era assim: “Quem terminar primeiro vai lá e pega outra tarefa para fazer”. Ele não *sabia que era para ele, mas fazia*. Era pequeno e se entretinha com isso, mas, conforme vão crescendo, fazem o que o professor Francisco mencionou: “Não, se terminei antes e posso esperar os outros, quero conversar na sala de aula, vou incomodar a professora, não fico sentado, quero atenção”.

Nosso filho ia mexer no computador da professora e adorava quando dava problema, porque era a oportunidade que tinha de ajudar e fazer o que gosta.

Uma coisa que a escola fazia e era muito legal: de vez em quando deixavam ele ir para a frente da turma explicar sobre aquilo que gostava. Então ele falava, explicava um assunto de seu domínio, levava uma revista de casa (da biblioteca da escola ele não gostava, porque não tinha livros do seu interesse, ele queria ler coisas de engenharia e não tinha lá), e a professora o deixava explicar para a turma sobre, por exemplo, Arduino, e ele ficava realizado. Sentia-se valorizado. Aqui destaco a importância de dar valor, de eles terem um lugar de fala sobre o que é do interesse deles.

Pergunto-me, já que ninguém se interessa, com quem ele falaria disso na escola? Com ninguém, nem comigo ele pode falar, porque eu também não entendo desses assuntos. Penso que isso é algo muito bacana: se o professor identificar que tem um aluno AH/SD, dar a oportunidade para ele falar sobre o que gosta. Isso, na nossa casa, deu muito certo. Foi algo bem legal que a escola proporcionou.

Francisco

É muito comum acabarmos querendo transformar os jovens superdotados em monitores de sala, e aí, sobre essa fala da Sirley, é interessante colocar que isso vai variar muito de um perfil para o outro: quem gosta de falar, de aparecer, de ensinar, vai se encaixar bem, mas para outros isso pode ser torturante, vergonhoso, e não vai ser legal. Então é importante percebermos qual é o perfil de cada um e, dentro dessa escuta, ver o que ele/a gosta, dar opções: se gosta de falar, quer apresentar? Ajudar um colega ou o professor um dia? Se ele/a ativamente demonstrar interesse, é legal e vai ser positivo. Acho importante fazer essa contribuição, porque senão daqui a pouco todos vão querer pegar o/a menino/a e colocar na frente para dar aula. Aí pode ter estudantes mais tímidos/as, introvertidos/as, e para esses/as será torturante, massacrante e eles/as não vão querer ir para a escola no dia que seria o dia de falarem, vão ficar doentes, não vão querer ir.

O que acho importantíssimo deixar sempre muito claro é que cada ser humano é único, cada um tem suas particularidades, suas singularidades, e merece ser respeitado, tratado e valorizado como tal, tanto por suas qualidades quanto por seus defeitos. Então, acolham suas crianças, seus jovens e a vocês, busquem pessoas que tenham esse perfil de ensinar características e comportamentos por meio do acolhimento e não da imposição de conhecimento, de sabedorias, fujam dos pseudossábios que querem impor suas teorias como as únicas regras aceitáveis e corretas, questionem, perguntem, argumentem, mas estejam sempre abertos a ouvir todos os lados. Não existe uma única verdade, nem uma única direção, essa pode ser a verdade que você está vivendo hoje com o seu filho ou a sua filha, mas pode ser que daqui a alguns meses ela se torne inválida ou inexistente. Então, pais e mães, es-

tenham abertos. Parabéns a vocês que se tornam especialistas em Altas Habilidades relacionadas aos seus filhos e às suas filhas. São os maiores especialistas que temos hoje no Brasil, não em Altas Habilidades no geral, mas nas necessidades de acolhimento e orientação dos seus filhos, por isso se valorizem também, vocês são sabedores e conhecedores.

Sirley

O meu recado final vai ser para as famílias, em especial para as mães. Se por um acaso o teu filho é diferente, é estranho, é o que incomoda ou é o que é muito quietinho, ou é aquele filho que te faz ser chamada na escola seguidamente, não te assustes e procure manter a calma. Provavelmente as professoras e os especialistas levantem possibilidades de ele ter algum problema de saúde, e não vou falar que não pode ter, mas questione.

Quero pedir que as famílias olhem para as suas crianças com a possibilidade de elas serem alto habilidosas e/ou superdotadas. Há muitas características semelhantes entre superdotação e autismo, entre superdotação e transtornos, mas tudo é uma questão de ter informação, de buscar conhecimento.

Como mães, pais e família, nosso poder está na informação. Se eu tivesse informações desde muito antes, tudo teria sido mais fácil, e se eu fosse mais questionadora também teria sido mais fácil, então, por favor, olhem para as suas crianças, para os seus filhos, e levantem, em casa, a possibilidade da AH/SD. Isso existe e está muito presente entre nós.



Minha criança é diferente: e agora?

Essa é uma pergunta que certamente os pais ou responsáveis se fazem ao perceber que seu/sua filho/a apresenta comportamentos e interesses diferentes das demais crianças do seu convívio. Onde buscar auxílio? Como lidar com os estranhamentos da família e dos amigos? E a escola?

Convidamos a especialista Valéria Castilhos⁸ e uma das fundadoras do grupo Mães que Lutam, Tassiana Livi⁹, para responder essas perguntas. O bate-papo *online* aconteceu dia 02 de setembro de 2021¹⁰. Suas respostas certamente lançam luz sobre as dúvidas mencionadas, e esperamos que os/as leitores/as, para além de respostas, consigam se identificar com as situações citadas.

*Kelen Berra de Mello*¹¹

⁸ Pedagoga, especialista em Atendimento Educacional Especializado (AEE) e em AH/SD, professora do AEE na Rede Municipal de Caxias do Sul.

⁹ Gestora de qualidade, mãe de um filho AH/SD, integrante do grupo Mães que Lutam.

¹⁰ Disponível em: <https://youtu.be/-NPeFKSZbhM>.

¹¹ Docente do IFRS *Campus* Caxias do Sul e mediadora do bate-papo.

Kelen: Quais as diferenças observadas na criança AH/SD?

Valéria

Falando um pouquinho do perfil de uma pessoa com altas habilidades ou superdotação, talvez até lembrando o conceito de uma pessoa com altas habilidades ou superdotação, temos Renzulli (2018), um psicólogo educacional americano e cientista/estudioso que estudamos e seguimos os conceitos. Ele nos afirma que, para uma pessoa ser considerada com altas habilidades ou superdotação, vai apresentar uma habilidade acima da média, um comprometimento muito grande com a tarefa pela qual ele apresenta um interesse e uma criatividade muito grande acerca da habilidade que demonstra. Como eu, pai, mãe ou cuidador da criança ou do adolescente que apresenta características diferenciadas, vou percebê-las? Primeiramente, devo estar sempre comparando essa pessoa (criança) com outra da mesma faixa etária, do mesmo grupo social, nunca com diferentes, justamente porque aí não vai combinar. Então vou comparar com os mesmos a pares e, normalmente, eles irão apresentar algumas características que chamarão atenção.

Inicialmente, falando sobre as **habilidades intelectuais**, uma pessoa que possui características acima da média vai apresentar uma facilidade para lembrar de muitas informações. Ela vai se destacar em relação à memória, ter uma habilidade muito grande para lidar com questões de abstração e um vocabulário bastante avançado para a sua faixa etária. Além disso, vai demonstrar facilidade em perceber as relações entre causa e efeito, fazer observações e comparações, estabelecer relações bem como apresentar uma grande bagagem sobre um tópico específico de seu interesse. Então, por exemplo, uma criança cujo interesse são os dinossauros vai conseguir falar muito, ter muitas informações a respeito desse assunto, e conseguirá te trazer muito conhecimento acerca desse tema.

Falando sobre a questão da **motivação** dessa pessoa, pode-se dizer que ela apresenta muita persistência, interesse, autonomia e envolvimento com a tarefa dentro da área do seu interesse, obstinação na busca por informações sobre o tópico, compromisso/comprometimento na realização dos seus projetos bem como preferência por situações em que possa ter

responsabilidades e ações. Assim, é uma pessoa que apresenta pouca necessidade de motivação externa para finalizar um trabalho com o qual se compromete, ou seja, não tem a necessidade de ser impulsionada ou motivada para finalizar algo, pois se compromete e dá conta.

Na questão da **criatividade**, é um indivíduo que apresenta senso de humor bastante refinado, tem habilidade de pensamento imaginativo muito grande e uma atitude “não conformista”. Ele vai em busca, não aceita um **não** somente (bastante persistente), tem um espírito de aventura, uma disponibilidade muito grande de correr riscos, habilidade de se adaptar, melhorar ou modificar as ideias e produzir respostas incomuns, únicas e inteligentes. Além de uma disposição para fantasiar, brincar, manipular ideias, gerar um grande número de ideias/soluções ou respostas muito diferentes – o “pensar fora da caixa”, como costumamos dizer, o pensamento muito divergente.

Também podemos ter o perfil de **liderança**, de alguém que tem respeito pelos colegas e grande autoconfiança, interage com colegas da sua idade ou até mais velhos, apresenta comportamento cooperativo e possui grande capacidade de articular ideias e se comunicar com os outros. Essas são algumas das características, e nem todas vão estar agrupadas no mesmo indivíduo. É um rol de muitas características, algumas vão estar presentes em uns indivíduos e as demais em outros. Cada indivíduo vai apresentar o seu conjunto de características. Apresentamos algumas aqui, mas são muitas possibilidades e pode haver muitas outras.

Por isso sugerimos também a leitura de Gardner (1995)¹², que apresenta oito perfis de inteligências (proposta das inteligências múltiplas), pois também vamos ter o perfil das altas habilidades ou superdotação dentro de uma ou mais inteligências propostas pelo autor, que são: intrapessoal, interpessoal, linguística, espacial, corporal-cinestésica, musical, naturalista e da lógica matemática – também em estudo, a nona inteligência seria a existencial. É importante deixar bem claro que uma não vai ser mais importante que a outra, ou seja, *não é porque o*

¹² Psicólogo norte-americano, criador da chamada Teoria das Inteligências Múltiplas.

meu filho tem alta habilidade na inteligência lógico-matemática que ele vai ser mais importante que o filho da vizinha, que tem na corporal-cinestésica. Então a pessoa identificada com altas habilidades ou superdotação tem o perfil, o valor e o respeito que merece em qualquer uma das áreas, e pode ser cumulativo também, às vezes posso ter esse perfil em duas áreas da inteligência ou mais.

Kelen: Como se deu a percepção da família e o apoio da escola?

Tassiana

Meu menino, Lucas, tem 10 anos hoje, mas venho o acompanhando numa caminhada desde os 5 anos de idade. Não se consegue identificar assim, do dia para a noite. Até os 6 ou 7 anos, inclusive, eles nem são identificados. Até uns 3 ou 4 anos atrás não sabíamos nada sobre altas habilidades ou superdotação. Não sabíamos nada sobre esse assunto nem imaginávamos, porque aqui, em Caxias do Sul e na Serra Gaúcha, não temos um profissional (neuro, psicólogo) com esse tipo de conhecimento (que seja especialista nessa área).

Então víamos que ele tinha alguma coisa diferente, mas não conseguíamos chegar a lugar algum. Tudo que sabíamos é que o Lucas tinha problemas na escola, porque é ali que começam as coisas. É ali que começam os problemas com os alto habilidosos, porque eles precisam se inserir num sistema em que não suportam certas coisas, e o nosso sistema educacional é bastante retrógrado. Ele continua sendo à base da “decoreba”. É tudo repetição, e o alto habilidoso odeia repetição, pois aprende de forma diferente. Cada um tem o seu jeito. O meu filho aprende escutando, não escrevendo. Aliás, essa é a área em que ele tem mais dificuldade: a escrita. Ainda comete muitos erros gramaticais que, na idade dele, já nem deveria, enquanto isso, nas outras coisas, ele “voa”. Assim, dentro da minha casa, pude ver nesse sentido mais escolar mesmo, porque é lá que realmente começa, porque eles têm que fazer coisas que não gostam e o sistema educacional realmente não absorve as necessidades deles.

A escola não nos deu suporte, não absorveu as necessidades dele, tivemos que trocar algumas vezes de escola, porque

o que ele fazia não era aceito. Por exemplo, ele me dizia: “Por que tenho que copiar no meu caderno o que está no meu livro e a professora escreve no quadro? Se já sei, basta eu ler e responder no livro”.

Ele já sabia tudo o que estava escrito, enquanto os outros precisavam fazer toda essa construção. Ele se lembrava da matéria e a professora não sabia o que fazer, então ele deitava no chão e ficava batendo na parede, fazendo barulho. Eles são os mais “capetinhas” da sala de aula. Como não tínhamos essa identificação e como não há CID¹³, não é uma doença, é apenas uma forma de inteligência diferente, mais cognitiva, e eles crescem assincronamente. Assim, a parte emocional e a social têm mais dificuldade do que a cognitiva, que simplesmente “voa”. Você consegue perceber a fala que ele tem, a velocidade de pensamento, ele está longe, pensando, sei lá, nos planetas, nos dinossauros, enquanto estou pedindo para ele levar o cachorro fazer xixi. Nós (mãe, pai) temos que estar absorvendo e respondendo, indo atrás, e ele sempre queria fazer mais do que a escola pedia. Por isso trocamos algumas vezes de escola. Essas escolas não nos ajudaram de forma alguma, inclusive negaram ajuda. Então, quando entrei numa escola municipal, trouxe todo esse laudo, essa nossa bagagem desde os 5 anos dele, e ele começou a fazer aqueles testes WICS¹⁴, de QI e tudo mais. Ele ficou muito acima dos pares dele, e começamos a perceber que tinha alguma coisa a mais, que o diagnóstico dele estava errado, porque a princípio tinha um diagnóstico de TDAH. É o mais comum, e muitos deles, inclusive, são medicados por causa disso. Assim, a nossa luta é bem grande aqui na Serra Gaúcha para conseguirmos inserir essas crianças, fazermos com que elas sejam identificadas e encaminhadas conforme a necessidade de cada uma.

Kelen: Rede de apoio: onde buscar ajuda?

Valéria

O Grupo Mães que lutam começou a desbravar um caminho, mas esse caminho ainda está se “iniciando”, e temos poucos recursos humanos para buscar, infelizmente a realida-

¹³ Classificação Internacional de Doenças.

¹⁴ WISC é a sigla em inglês da Escala de Inteligência de Weschler para Crianças.

de ainda é essa. O que destaco é que as mães guerreiras que iniciaram esse movimento conseguiram, junto com a vereadora Marisol Santos, um movimento muito significativo, que é a Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos das Pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação, a qual já está abrindo alguns caminhos, e acredito que mais espaços e muito mais conquistas vamos encontrar. Esse é um lugar que as pessoas podem buscar. Inclusive, a Marisol tem se mostrado bastante receptiva. Ela não tem as respostas ou a solução para muita coisa, mas tem um olhar sensível, uma escuta bastante significativa e uma vontade de ajudar, então acho que já é um caminho bastante significativo. Foram feitas bastantes parcerias e tratativas junto à Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul. Pelo que temos visto, esse movimento, que é uma parceira, tem bastante “poder” para mudar um pouco a nossa realidade. Enquanto Rede Pública Municipal de Ensino, todas as escolas municipais de Caxias do Sul possuem uma sala de recursos e contam com as professoras para o Atendimento Educacional Especializado (AEE), mas nem todas têm a formação específica para trabalhar com o público de altas habilidades ou superdotação. Eu e a colega professora Gislaïne Bossle de Freitas buscamos uma especialização. Fomos em busca de formação e cursos e passamos para os nossos colegas de AEE o que aprendemos durante as formações, então estamos tentando reverberar essa aprendizagem. No ano passado a Secretaria Municipal de Educação ofereceu uma formação para os professores, na qual, entre outros assuntos, foi abordada essa questão das altas habilidades. Está-se buscando o movimento, percebemos que isso está se ampliando.

Assim, a quem os pais podem estar recorrendo? Se estiver frequentando a Rede Municipal de Ensino, a criança pode buscar a professora da sala de recursos da sua escola, que certamente tentará auxiliar e, se não tiver esse conhecimento, pode acessar as assessoras na Secretaria de Educação, que poderão ajudar. Já sobre a Rede Estadual de Ensino de Caxias do Sul, eu realmente desconheço, sei que tem a sala de recursos, sei que tem professores itinerantes, então acredito que o caminho seja muito parecido com o da Rede Municipal, e quanto à rede particular também não tenho esse conhecimento, porém as clínicas e/ou profissionais de neuropsicologia estão

se especializando e oferecendo esse serviço. O que também é bem importante deixar claro é que existe a testagem WISC, que é a mais usada aqui no Brasil, mas não a ideal para se ter a identificação de todas as pessoas com altas habilidades. Como mencionamos antes, a respeito das oito inteligências, esses testes padronizados conseguem pontuar de forma significativa algumas dessas inteligências. Por exemplo, se o meu filho ou o meu estudante tiver um potencial elevado em uma área da inteligência corporal-cinestésica e fizer essa testagem, não vai ser considerado uma pessoa com alta habilidade/superdotação, então se eu considerar apenas essa testagem vou estar perdendo um talento. É bem importante deixarmos claro que não é a única avaliação a ser considerada.

Existe um *chatbot*, o aplicativo *Eugênio*, que não precisa baixar no celular e é um recurso criado pela professora Sheyla Torma Rodrigues, uma gaúcha que trabalhou por muito tempo aqui no Rio Grande do Sul, na Fadergs, e agora está trabalhando em Florianópolis/SC. Quando ela começou a atuar na Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva, em Florianópolis, tinha que trabalhar com toda a educação especial dessa rede. Portanto, como especialista em altas habilidades ou superdotação, percebeu que esse público não estava entre os demais da educação especial, então fez a proposta de identificar os estudantes com características de altas habilidades ou superdotação. Com o universo de quase 800 alunos, a escola resolveu fazer uma parceria com um Centro de Tecnologia e criar esse aplicativo que recebeu o nome de *Eugênio*. Ele está disponível para todas as pessoas que tiverem interesse, consegue elencar se existem habilidades acima da média [na pessoa analisada] e depois buscar um especialista na identificação. É um material bem interessante, que podemos usar na nossa casa com o nosso celular.

Tassiana

Olha, depois que estudamos bastante, conhecemos, nos informamos, fizemos cursos e tudo mais, porque fomos atrás de informação, começamos a ver que o nosso filho é diferente, que realmente não é nada do que pensávamos, enfim. TDAH¹⁵ já é uma condição bem diferente, e eu sempre tinha aquela

¹⁵ Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

pulguinha atrás da orelha... “Não, mas não combina com tudo de TDAH”. “Não é possível, porque ele não tem dificuldade em aprender”. Sabe, é um caminho que os pais percorrem. Graças a Deus, agora estão surgindo essas informações em Caxias do Sul para todo mundo. Cheguei a fazer até curso direto com o Renzulli. Participamos de *lives* com ele e foi muito legal, aprendemos um monte. Considero muito importante o *tripé*, como dizemos, da parte das psicoterapias, com suporte psicológico para essa criança; da neuropsicologia, em que ela se sinta bem, goste de participar e demonstre gostar disso; e da família, afinal de contas o suporte parental é extremamente importante. Considero que os pais também devem fazer terapia, porque há bem pouca literatura e conhecimento parental no Brasil. As coisas são bem mais, assim, internacionais, muita informação em inglês, pouca em português, enfim, nem todo mundo tem acesso a isso. Então considero que é um tripé: a **escola**, a **psicoterapia** e a **família**, e se um desses pezinhos não estiver funcionando, essa criança se desencaminha com bastante facilidade, porque, quando ainda não é madura o suficiente para trilhar um caminho sozinha, acaba se desgovernando.

Eles, os alto habilidosos, são aquele “8 ou 80”, mas são tudo 80 – por exemplo, o “me dá um pouquinho de água” tem que vir com o copo transbordando. Eles são sempre assim, muito intensos, então quando são **muito bons na parte cognitiva**, naquilo em que são ruins eles são **muito ruins**. Na parte emocional, a maioria deles é muito ruim, na parte social também, porque eles não têm o mesmo assunto com os seus pares. São muito para frente, então ficam assim, meio perdidos no meio das coisas, e nós (mãe, pai) precisamos trilhar isso, precisamos caminhar, ter esse tripé, é basicamente o que precisamos para essas crianças se encaminharem de forma correta, pois são mentes que não acompanhamos, o pai e mãe tentam, mas ficamos para trás, não adianta.

Dizem que é genético, então me vejo muito no meu filho. Eu era alto habilidosa em português, só fui descobrir depois que estudei muito, e horrorosa em matemática. Eu tinha até o jeito de aprender diferente: temos 10 dedos, aí eu contava 11, 12, 13, 14 aqui, no meu braço, e nunca errava as contas, mas era o meu jeito de aprender. Eu tinha bastante tédio, era difícil na escola. Para a aula de português, que era a minha habilidade, eu

não tinha nem caderno, nunca errei nada. Fui concursada duas vezes, passei em segundo lugar, porque português, a redação, enfim... eu me vejo muito no meu filho. Mas ele é construtivo, então você apresenta coisas para ele e ele te entrega coisas, porque o alto habilidoso tem essa característica: **ele não só sabe, mas também te entrega alguma coisa**. É diferente de apenas ser inteligente em algo. Ele monta, é obstinado (é o superfoco, como chamamos) e vai até o final.

Mas, falando do que você me perguntou, sim, acho que esse tripé tem que existir também para os pais, porque não é fácil. Tem certos momentos em que realmente não é fácil. Nas dificuldades que eles têm, às vezes não temos o conhecimento necessário, e as psicoterapias, para a parte social e a emocional, são muito importantes. Eles são imaturos, mas para alguns assuntos têm a cabeça de uma pessoa de 30 ou 40 anos (se não mais), então também é bem difícil para eles estar inserido nessa sociedade. O meu filho, pelo menos, educo para ser resiliente quanto a isso, pois ele tem que entender que a sociedade não vai mudar por causa dele, então ele sabe que, mesmo aquilo de que não gosta, precisa fazer.

Kelen: Onde as pessoas de baixa renda podem buscar suporte?

Valéria

Temos à disposição o serviço das UBS¹⁶, ao qual a própria escola pode encaminhar. As faculdades, por exemplo a Faculdade da Serra Gaúcha (FSG), coloca à disposição da comunidade alguns serviços para auxiliar nesse processo. As pessoas muitas vezes dizem coisas como: “Aqueles que têm altas habilidades ou superdotação não precisam de suporte, não precisamos nos preocupar, porque eles aprendem super-rápido. É um privilégio para as famílias ter um filho com altas habilidades ou superdotação, porque ela não precisa se preocupar”. No entanto, os extremos são preocupantes, pois é necessário um olhar atento, *é preciso* fazer esses encaminhamentos para os serviços de apoio, igual a uma outra criança do AEE, que tem uma deficiência intelectual ou outro tipo de deficiência mais voltada para a área da psicologia.

¹⁶ Unidades Básicas de Saúde.

Kelen: Sobre diagnósticos equivocados e demora na identificação de AH/SD.

Tassiana

Assim, eu nem considero erro. Na verdade, é um desconhecimento para a identificação. Não é culpa de alguém, porque se tu não tens o conhecimento, se eu, como mãe ou pai, não tenho o conhecimento e se os profissionais não têm o conhecimento, vamos fazer o quê? Tentamos encaixar em algum “diagnóstico”, digamos assim, porque existem particularidades entre o TDAH e o alto habilidoso que são similares, mas não em tudo, então ficamos com aquela “pulga atrás da orelha”, mas não temos a veracidade da coisa. Quando meu filho entrou na escola, com 5 anos, hoje ele tem 10, fomos atrás de informação, e eu dizia para a escola: “Olha, *não é TDAH*”. E o meu marido dizia: “Mas elas têm anos de experiência com crianças, devem saber do que estão falando”. Então, nesses casos, você é que não tem o conhecimento e não sabe onde ir atrás. Depois de alguns anos é que fomos atrás dessas avaliações e descobrimos que existia no meu filho um QI maior do que os pares dele, então eu fui pesquisar: O que é isso? De onde vem? O que pode ser? Foi então que li a Cartilha Nacional, porque essas crianças estão inseridas dentro da educação especial e existe uma Cartilha Federal a que elas têm direitos, e olhei todas as especificações e disse: “Nossa, fechou tudo”. Falei para o meu marido e ele disse: “Nossa, mas está descrevendo o nosso filho”. E *aí* começamos a ir atrás e vimos que as pessoas não tinham conhecimento e que não havia profissionais com esse conhecimento na nossa região. O mais perto era só em Porto Alegre, mas continuei com a terapia, porque isso foi muito bom para as partes social e emocional dele, o que foi inegavelmente precioso para ele. Hoje ele vai de 15 em 15 dias, porque ama de paixão, mas senão já estava de alta.

Enfim, é um caminho tortuoso, porque quando você não tem a informação, não sabe para onde vai, e não há profissional com quem conversar, então tive que pesquisar fora de Caxias do Sul. Só depois descobrimos as meninas (Mães que Lutam) e começamos a entrar na escola e falar com base, conhecimento e informação. A professora da sala de recursos dizia: “Mas será que é isso?”, foi atrás de informação também e percebeu que

realmente era aquilo que tínhamos falado para ela, então já começaram a falar com ele de modo diferente.

No último parecer em que falei com a professora, ela me disse que ele está fazendo as coisas de que não gosta, mas se sente abafado dentro da sala de aula e pergunta se pode fazer as atividades fora da sala de aula. A professora deixa e ele volta com tudo feito, então ela me falou: “Como vou dizer não se ele funciona assim? Por que ele não pode ir ali fora fazer o exercício se ele vem com tudo certo e tira sempre 10? Vou pegar no pé dele para quê?”. Ele sempre termina primeiro e precisa de coisas para fazer. São crianças com pensamento bastante ativo, e esse é o caminho.

Os profissionais pelos quais ele passou, eu nem digo que é erro de identificação, porque é um “encaixe” no que eles conheciam, e eu também, então, depois que fomos observando essas coisas, foi acontecendo um movimento a partir da nossa luta. Com o Executivo e com a Frente Parlamentar, uma das coisas que conseguimos fazer é esse núcleo sobre o qual tu perguntaste para a Valéria. Aqui em Caxias do Sul, pode-se procurar o Núcleo de Atendimento de Altas Habilidades (NAS), pelo menos na região da Serra Gaúcha. É um núcleo municipal, sem custo, onde as famílias podem buscar informação, atendimento e encaminhamento.

Então é sempre assim, começam na escola os problemas e você pergunta “Mas o que é que tem?”, porque não é possível, deixar de castigo, fazer isso, fazer aquilo e não funcionar, então você vai vendo que eles se sobressaem. A linguística deles é muito diferente, eles têm preocupações que não são de uma criança daquela idade, o que uma criança de 2 ou 3 anos mal sabe falar direito eles estão falando, sobre outra vida, sobre morte/nascimento, sobre coisas que não é para a idade deles. Eles têm um mundinho muito fantasioso nessa idade, e temos que ajudá-los, porque eles ficam meio perdidos. Eles ficam muito preocupados com coisas que não são da idade deles, encaminhamos do jeito que podemos. Claro que hoje temos bastante conhecimento, então é um pouquinho mais fácil, mas no começo não foi.

Valéria

Ouvindo a Tassi falar, me reportei também à questão do estudante com autismo, essas confusões com diagnóstico do autismo na identificação da pessoa com altas habilidades ou superdotação, esses conceitos novos, embora desde 1929, com a Helena Antipoff, já se fale sobre esse tema. Logo, não é um assunto tão novo, embora só agora estamos realmente começando a desbravar as altas habilidades ou superdotação. Então, como a Tassi trouxe bem, não é um erro, mas o modo como as coisas demoram para acontecer, e é um processo pelo qual temos que passar, e que bom que estamos vivendo isso neste momento. A questão do tempo, da identificação, é sempre a de que, quanto antes conseguir identificar, melhor para o indivíduo e para a sociedade, porque quem é que vai sair ganhando? Toda a sociedade! Porque um indivíduo com altas habilidades ou superdotação identificado, bem aproveitado e bem trabalhado é um talento que vai estar produzindo e gerando contribuições fantásticas para nós mesmos usufruirmos. Hoje a nossa vacina do Covid-19 é fruto de talento, com certeza é uma pessoa (ou mais) com altas habilidades ou superdotação que estudou, que se aperfeiçoou, que trouxe para nós a vacina. Tantas outras tecnologias e evoluções que estamos usufruindo são fruto de pessoas com esses potenciais elevados, então acho que quanto antes conseguirmos investir nesses potenciais, melhor.

Nos estudos de altas habilidades ou superdotação, temos o que se chama de **precocidade**, que também é importante olhar com bastante atenção, porque todo indivíduo que tem altas habilidades é precoce, mas nem toda a pessoa precoce tem altas habilidades. Por isso é bem importante o processo da identificação, que deve ser muito detalhado, passar por todas as etapas e realmente olhar com diferentes perspectivas: do professor, da família, do próprio estudante. O melhor ambiente para se identificar uma pessoa com altas habilidades é a escola, porque ali ele está com os seus pares e é possível observar todas as nuances. Assim, é o ambiente mais propício, mas é bem importante observar o quanto antes, identificar e potencializar, trabalhar e aproveitar essas potencialidades.

Um dado bem importante é que a expectativa é de que 3 a 5% das pessoas têm altas habilidades. Se olharmos dentro

da testagem do QI, em números, seria em torno de 1,6 milhões de brasileiros. No entanto, a nossa realidade de hoje é de 0,1% (dado do Censo), ou seja, estamos com 54.359 brasileiros identificados. Na nossa realidade em Caxias do Sul, se fosse dentro dessa estatística, teríamos 40 mil estudantes. A expectativa dentro desses 40 mil é de que teríamos, hoje, 1.400 estudantes identificados, mas no último Censo tínhamos apenas 17. Concluímos que temos que passar por esse processo de identificação, conversar bastante sobre isso, criar esse centro, que seria também um local para auxiliar nesse processo de identificação, e, assim, tirar chamamos de *invisibilidade*.

Kelen: Quais as mudanças percebidas a partir da identificação e do suporte da rede de apoio?

Tassiana

Costumo dizer que há males que vêm para o bem. Achamos horroroso o que aconteceu. A saída dele da escola no meio do ano (foi depois de agosto), depois das férias, e o ingresso em uma nova escola municipal, sem conhecer nada. Foi uma loucura. Ele já vinha chorando para casa na primeira semana, mas aquele choro do fundo do coração, e me dizia assim: “Mãe, tu que tá me acompanhando nesse processo todo até hoje, finalmente fui aceito numa escola do jeito que eu sou”. Ele não aceita sair de lá e quer que o irmão também vai estudar lá, porque é a melhor escola do planeta. Ele se sente igual, não tem problema em ir para a escola, mesmo tendo que fazer as coisas de que ele não gosta, faz muito bem. Assim, desde que trocou, foi abraçado pela escola e pela professora. Nem sei o que dizer, é um sentimento muito profundo, porque são muitos anos nessa caminhada. Você acha que o seu filho tem algum problema, que vocês, enquanto família, estão fazendo alguma coisa errada e não. Na verdade, só fizemos tudo muito certo, acompanhamos e demos a ele todo o suporte de que ele precisava, e ele fala muito sobre a escola, ele gosta, então não tenho mais problema algum com a escola nem com ele, sabe. Ele mudou completamente o comportamento.

A maioria das crianças não tem essa expressão emocional muito madura, então a criança começa a mostrar, com atitudes, que na verdade quer atenção. Vieram me mostrar, na última

escola, um caderno horroroso, um caderno que guardei por um tempo para ele poder ver, mas era todo riscado. Era raiva o que tinha lá. Ele não escrevia, riscava, e tinha coisas horrorosas escritas. Depois, o primeiro caderno dele que recebi na escola nova tinha uma letra *coisa mais amada*, sabe? Quando a professora e a psicóloga lá da outra escola vieram me mostrar que ele tinha problemas psicológicos, afinal de contas “olha o jeito que é o caderno dele”, só demonstraram o que ele tinha internamente, então eu disse para a psicóloga: “Gente, eu não enxergo isso como um problema do meu filho, enxergo nisso ele pedindo socorro para vocês”. E enxerguei isto naquele caderno: *Não gosto de estar onde estou, não gosto de receber o tratamento que eu estou recebendo, quero que a minha professora e a minha escola me enxerguem e vejam que sou diferente, preciso de suporte, preciso de encaminhamento, preciso ser abraçado nas minhas dificuldades e nas minhas facilidades.*

Em casa ele era outra criança. Era só na escola que eu tinha problemas, não tinha problemas na nataçãõ, no esporte, em cursos, eu não tinha problema em lugar algum, somente na escola. Então era lá que estava o ambiente tóxico dele, e isso se expressava na forma como ele se comportava lá dentro. Assim que mudou de escola, ele foi abraçado nas dificuldades, entendido, encaminhado e absorvido pela turma (que foi uma turma, assim, maravilhosa). Ele continua com ela até hoje, não quer nem mudar de turma, porque eles já se conhecem, e tudo isso vem da professora. Se a professora não tivesse abraçado isso, ele não teria mudado também, e finalmente tudo mudou na vida dele. Hoje ele é muito tranquilo, vai para a escola, faz as coisas de que também não gosta e faz muito bem as que de ele gosta. Ele coopera com tudo, leva muito mais para a escola, ensina os outros junto com a professora. Eles fazem desafios. Ele leva desafios, faz coisas a mais, então isso é uma parte do tripé muito importante, a **escola e o professor**. A nossa luta é para que tenha pelo menos um professor ou um profissional em cada escola que possa enxergar essas crianças de forma diferente, e não só as que têm dificuldades. Geralmente as professoras se especializam nas dificuldades, nos déficits, então a mudança foi da água para o vinho. Isso é básico, é saber entender que nem todos têm essa alta habilidade e superdotação, mas também entender que existe essa diferença.

Kelen: Existe tendência de o alto habilidoso desenvolver quadros de ansiedade?

Valéria

É possível, sim, se ele não estiver sendo bem trabalhado, como é o relato da Tassi. Se não está explorando a sua área de interesse, a pessoa com altas habilidades ou superdotação pode tanto se desmotivar como vir a ter um quadro de ansiedade, depressão, desinteresse ou hiperatividade. Por isso que se confunde tanto a questão da identificação ou de um diagnóstico errôneo: em função de não se enxergar como possibilidade as altas habilidades ou superdotação. Se não é trabalhada essa potencialidade, presumem-se a hiperatividade, o déficit de atenção, a desmotivação, enfim, outro canal, uma válvula de escape que vai pedir “socorro” de forma diferente. Assim, perde-se o foco. Não vai ser possível enxergar a pessoa na sua potencialidade, de fato, por isso é importante analisar sobre outra lente, olhando as potencialidades, aquilo que transborda e não aquilo que falta. Às vezes não é culpa dos professores, porque querem ajudar aquele que está com dificuldade, mas também devem olhar para aquele que tem muita facilidade, para não ficar muito cansativo e improdutivo para ele, para não o deixar cair na fase do desânimo, da frustração ou até mesmo da rebeldia.

Kelen: Como lidaram com o estranhamento das outras pessoas, da família, do círculo de amigos?

Tassiana

Na família, até depois que falamos da superdotação e das altas habilidades, as pessoas também não tinham conhecimento e acabaram abraçando a teoria e entendendo a questão do meu filho. Agora, quanto aos amigos, não abrimos esse tipo de coisa. Não ficamos falando “Olha, o meu filho é alto habilidoso e superdotado”, não tem nem por que. Não sentimos diferença, o que vemos é que ele se sobressai, e em algumas coisas tem dificuldade. Por exemplo, futebol não é a praia dele, mas ele está sempre jogando, porque tem a parte social e ele gosta muito de estar com os amigos. Então ele começou a entender também que ele precisa aceitar os outros do jeito que eles são

para ser aceito do jeito que ele é, assim as coisas do mundo começaram a ser compreendidas por ele.

Não sentimos diferença no círculo de amigos dele, e ele não fica falando também, diz só que não gostaria de ter essa condição dele. Ele fala: “Tomara que nem um humano tenha”. Então, se não tivéssemos esse conhecimento, não teríamos como deixar o caminho dele mais fácil. Agora ele também se entende, se vê, se percebe. Ele amadureceu, mas até então era bastante imaturo. Com o tempo algo vai crescendo dentro deles e o conhecimento é tudo, porque quando você descobre é como uma doença, e trazer a luz do conhecimento para ele é libertador. Tudo ficou bem diferente, “Não quero ser jogador de futebol, mas vou lá jogar um pouquinho de futebol”. Então não sentimos essa diferença nem na família nem no círculo de amigos, mas porque também não ficamos falando o tempo inteiro sobre isso, acho que nem cabe.

Kelen: A AH/SD é genética?

Valéria

Então, ela é uma soma de várias características, vários itens, e a genética é uma delas. As **altas habilidades ou superdotação** são um comportamento biopsicossocial de **causas** genéticas e ambientais.

Comentário feito durante o bate-papo online:

“As mães podem sobrecarregar por tentar estimular demais as habilidades. São crianças, e os pais têm que procurar orientação dos professores e trabalhar junto para não pesar demais. Nesse caso, podem querer não demonstrar para serem aceitas no grupo de amigos”

Valéria

Sim, às vezes, principalmente na adolescência, acontece muito de o estudante/adolescente querer esconder um pouquinho esse perfil, sua potencialidade, para se sentir inserido, se sentir mais perto dos seus pares. Como eles se sentem muito distantes, tentam camuflar para ficar o mais pertinho possível, então existe, sim essa, possibilidade. Mas o superestímulo não vai fazer com que a criança transforme suas caracterís-

ticas dentro das altas habilidades ou superdotação. Ela pode se tornar uma pessoa com uma habilidade ou um pouco mais capaz, mas, para caracterizar altas habilidades ou superdotação, vai ter que ser ter outras características também.

Valéria

É muito importante falar desse tema e conversar, tirar esses indivíduos da invisibilidade. Esse é o nosso compromisso, o nosso desafio, e, como a Tassi também colocou, o nosso objetivo maior é poder estar trazendo para Caxias um núcleo. Temos uma resolução¹⁷ que criou o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades ou Superdotação (NAAHS), um serviço de apoio pedagógico especializado, destinado a oferecer suporte aos sistemas de ensino no atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos com Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD), da rede privada e pública. Os NAAHS foram criados em 2005, como uma política pública de caráter nacional, voltados para identificação, atendimento e estimulação do potencial dos alunos da Educação Básica. Foi criado um núcleo em cada capital brasileira, mas também somos bastante ousados, dessa forma, gostaríamos de ter um centro em Caxias do Sul. Pensando na grande população que temos, acredito que merecemos um espaço aqui, então é um propósito, um objetivo.

Tassiana

Quero agradecer o espaço. Com certeza, todo espaço é de informação, e quanto mais informação espalharmos, melhor, porque às vezes, olhando e ouvindo outras pessoas falar sobre isso, percebe-se, em casa, no seio familiar, alguém que possa ter superdotação. De repente podemos responder muitas perguntas e questionamentos que alguém tenha. Por exemplo, não são só crianças com menos de 10 anos ou adolescentes, adultos também podem ser identificados. Procurem conhecer, não desistam dos seus sonhos, das suas jornadas, das suas caminhadas. Não é porque é tortuoso e um pouco mais difícil que um caminho não deve ser seguido. Quanto mais pessoas tocarmos, mais crianças, adolescentes e outros vamos conseguir alcançar.

¹⁷ Ver artigo 7º da Resolução nº 4/2009 do CNE.



O olhar do professor para AH/SD: práticas possíveis

A seguir você irá acompanhar as falas, discussões e opiniões de duas profissionais da educação sobre a importância do professor no processo de identificação e formação do estudante com altas habilidades ou superdotação¹⁸. Além disso, serão abordadas as experiências vivenciadas na rede pública de ensino, o papel da família na identificação e a insegurança, por vezes, sentida pelo professor quando precisa trabalhar com esses alunos. Ambas as profissionais trabalham na Rede Municipal de Ensino, uma atua no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a outra possui experiência com processos inclusivos.

Nas falas das convidadas, Gisele Nienov Bruno¹⁹ e Gislaïne Eracy Bossle de Freitas²⁰, constata-se a importância da observação e do acompanhamento desses estudantes para que eles consigam desenvolver suas potencialidades. Percebe-se que no cotidiano escolar criam-se duas situações em relação ao superdotado: passam despercebidos, sendo aqueles que não têm dificuldade, logo a escola e o professor não precisam se preocupar com eles, ou possuem dificuldades em determinadas áreas e habilidades acima da média em outras, então podem receber reforço para resolver as dificuldades. Assim, esses alunos tendem a acomodar-se para parecerem iguais e serem aceitos por um grupo. Sobre a identificação, as professoras relatam que a teoria mais utilizada no Brasil é a de Joseph Renzulli, que considera três aspectos: a aprendizagem acima da média em qualquer área, a criatividade e o comprometimento

¹⁸ Disponível em: <https://youtu.be/kVzG6X2Y3fg>.

¹⁹ Gestora pedagógica e psicopedagoga com experiência na área de processos inclusivos que trabalha na Rede Municipal de Esteio. Mestre em Educação Profissional, com Dissertação sobre altas habilidades, pelo IFRS.

²⁰ Professora da Rede Municipal de Caxias do Sul, atuando com o AEE, com especialização em Deficiência Intelectual e em Altas Habilidades/Superdotação.

com a tarefa. Na prática da sala de aula, elas sugerem que é por meio do diálogo com os alunos, da escuta do que eles trazem ou do uso de algum material diferente, por exemplo, um jogo, que o professor conseguirá identificar o aluno com altas habilidades ou superdotação. Nessa perspectiva, seria importante que a escola tivesse uma sala de recursos em que as habilidades desses estudantes pudessem ser suplementadas. Também são os profissionais da sala de recursos que poderão auxiliar melhor a família e o professor no processo de inclusão do estudante.

*Alexandra Fonseca*²¹

²¹ Docente do IFRS *Campus* Caxias do Sul e mediadora do bate-papo *online*.

Alexandra: Para iniciarmos a conversa:

- O que caracteriza as pessoas com altas habilidades/superdotação?
- Qual a importância do papel do professor no contato com esses estudantes?
- Falem um pouco da experiência com a sala de recursos.

Gislaine

Sou professora da sala de recursos de uma escola municipal aqui de Caxias do Sul e atuo também com uma turma de 2º ano no turno da tarde. A descoberta das altas habilidades ocorreu já há algum tempo, porque eu trabalhava em outra escola pequena da rede, na qual começamos a perceber que havia muitos alunos que se destacavam de uma maneira “para mais”, como dizemos.

Na escola, temos uma preocupação muito grande com os alunos que têm dificuldade de aprendizagem, que não conseguem aprender como os outros aprendem, e acabamos deixando ou nos conformando, dizendo que está tudo bem com os alunos que têm desempenho superior, pois esses alunos não “preocupam” a escola. Mas, como aquela era uma escola pequena, começamos a perceber esse desinteresse que é característico de quando vamos a um encontro, uma reunião ou um curso e dominamos muito aquilo que as pessoas estão falando. Acontece conosco, adultos, também.

Então percebemos que era preciso desafiar esses alunos de uma maneira diferente, e, buscando alternativas para isso, foi assim que descobrimos as altas habilidades e começamos a estudar esse tema, a buscar congressos, seminários e cursos. Eu e a minha colega Valéria Castilhos, que já fez uma *live* com vocês, começamos a pensar: “Como podemos identificar esses alunos na nossa escola?”. Isso faz mais ou menos uns 10 anos, e ficamos muito felizes que em Caxias do Sul esse tema começou a entrar em ebulição, provavelmente por causa do grupo Mães que Lutam, que se organizou para que isso acontecesse. Elas foram até a Câmara de Vereadores, conversaram com a vereadora Marisol Santos, e então foi formada uma Frente Parlamentar que vem movimentando Caxias do Sul. Percebo isso, porque era muito difícil termos espaços para conversar sobre esse tema, e hoje vemos que em muitos lugares se

debate, se discute, chamam as pessoas para conversar sobre isso, então o meu primeiro contato com as altas habilidades foi por uma provocação da escola, mesmo, de tentar entender quem são esses alunos.

No Brasil, o pesquisador mais respeitado, mais utilizado para identificação das pessoas com altas habilidades ou superdotação, é Joseph Renzulli, um norte-americano. A maioria das pessoas que falam em superdotação se baseia nele. Há outros teóricos, mas ele é o mais citado, então o que Renzulli aborda é a Teoria dos Três Anéis.

Segundo essa teoria, para que seja considerada com altas habilidades, uma pessoa tem que ter três características fundamentais, três campos grandes, que seriam habilidades acima da média (em qualquer área do conhecimento). Isso amplia muito o que se tinha de entendimento do que é ser uma pessoa inteligente, porque começamos a pensar, então, que uma pessoa é inteligente se ela se dedica à questão artística, e é uma pessoa com altas habilidades se ela se dedica à questão do corpo, física, motora, e isso se amplia muito, porque antes era muito ligado à questão do conhecimento acadêmico apenas. Outra questão seria o comprometimento com a tarefa. Geralmente as pessoas com altas habilidades se dedicam muito e deixam de fazer outras coisas que a maioria das pessoas considera atrativas para se dedicarem a um projeto. Aquele desafio que às vezes elas mesmas se impõem, ninguém as obriga a ir lá e construir, pensar ou ler sobre algo, mas elas têm prazer em fazer isso. Outra questão é a criatividade, então são pessoas muito curiosas, muito imaginativas, muito questionadoras, são as pessoas que pensam “fora da caixa”. Essas seriam três características, resumidamente, que poderiam descrever uma pessoa com altas habilidades.

Alexandra: Como os professores identificam os/as estudantes AH/SD e que estratégias utilizam?

Gislaine

A minha maior experiência é na Rede Municipal de Caxias do Sul, na qual todas as escolas municipais têm sala de recursos e um professor que atua nesta, por mais ou menos turnos, mas todas as escolas têm um. Acho que isso é um avanço

muito grande que tivemos ao longo dos anos, e esse professor da sala de recursos tem recebido, neste ano e no ano anterior, formação. A Secretaria de Educação do Município de Caxias do Sul tem se preocupado em despertar essa curiosidade nos professores da sala de recursos, porque as pessoas com altas habilidades ou superdotação são público do AEE, tanto quanto as pessoas com deficiência intelectual, com deficiência física ou com autismo. Ainda, é um público muitíssimo invisibilizado, que não é identificado nas escolas no Brasil inteiro, então não é uma questão só de Caxias do Sul, o Censo Escolar mostra isso, uma subnotificação absurda.

O que as mães, as famílias, podem fazer? Podem conversar com esse/a professor/a da sala de recursos da escola para ter maiores informações sobre a identificação dos alunos.

Atualmente estamos acompanhando muito de perto coisas que têm sido lançadas dentro das altas habilidades, como o material da professora Tatiana Nakano, que traz uma triagem inicial que pode ser feita na escola, com indicadores muito objetivos dentro de cada uma das áreas. Já conversamos com os professores da Rede Municipal sobre esse material, e seria um material que eu indicaria para as escolas e os professores terem contato, porque é muito claro e objetivo. Ele talvez encurte alguns caminhos, e acho que esses todos materiais se somam e nos ajudam a entender bastante esse processo. Outra questão, que acho fundamental nessa trajetória que vamos fazendo, além de preencher esses documentos que já vêm e fazem parte de um estudo longo nas altas habilidades, é a observação do professor, a nossa observação, o modo como que enxergamos em cada um dos nossos alunos essas características citadas nos livros. Como, interagindo com eles, vamos ter uma ideia mais clara se essas características estão presentes ou não? Porque podemos avaliar um aluno que não se caracteriza como uma criança com altas habilidades, mas essas características estão presentes de uma maneira objetiva, por meio de jogos, por exemplo.

Alexandra: O que motivou a pesquisa sobre esse tema? Quais desafios os professores enfrentam com relação a AH/SD?

Gisele

Quando entrei no mestrado, eu precisava apresentar a proposta de trabalho, o que pretendemos desenvolver. Naquele momento eu ainda estava com os meus pensamentos na sala de recursos, na qual vinha trabalhando, e, dadas as experiências, era motivada pelas questões de necessidade de apoio ao professor e da própria sala de recursos. Busquei algo sobre o que ainda não se tinha orientações suficientes para fazer um trabalho nesse espaço, exatamente por visar muito às questões de autismo, Síndrome do X Frágil e outras questões, e as altas habilidades era “Tá! Disso dou conta em sala de aula!”, e não havia esse olhar para auxiliar o aluno com altas habilidades.

Nessa preocupação, quando fui realizar o meu mestrado pelo Instituto Federal, surgiu a proposta, pois a rede precisaria desse olhar, e ela também não tinha esse estudo. Por isso fui direcionada para o Instituto Federal dentro desse contexto, de entender as necessidades desse espaço e que o material que eu produziria na pesquisa, o próprio produto educacional, serviria para qualquer rede de trabalho, podendo ser utilizado por professores de qualquer rede – pública federal, municipal, estadual, particular – que tivessem interesse em ter mais conhecimento. A pesquisa para a dissertação foi realizada na Rede Federal, mas o objetivo principal do produto era ajudar o professor e o especialista do AEE que ainda não tinham a preparação e o olhar para essa pessoa, esse sujeito que estava na invisibilidade.

Alexandra: A sua pesquisa foi direcionada ao IFRS ou a toda a Rede Federal?

Gisele

Toda a Rede Federal, porque iniciei pesquisando diretamente com os NAPNES. No primeiro momento o meu objetivo era encontrar Institutos Federais que atendessem alunos com altas habilidades e nos quais eu pudesse estar presente, participar, ver como era o trabalho na sala de aula, no espaço separado, porque lá não teria a sala de recursos, e ver também como era desenvolvido o trabalho com esse aluno, como ele foi

identificado, como os professores trabalharam com ele dentro da sala de aula. A intenção era inicialmente buscar alunos para que eu pudesse fazer um acompanhamento desse processo, desses alunos e com esse material do processo, pensar, então, no produto. No momento em que visualizei todos os Institutos Federais, tive a resposta de que não havia profissionais formados na área das altas habilidades ou com conhecimento específico dessa área, o conhecimento era mais amplo, em relação à inclusão, mesmo.

Além disso, havia poucos alunos identificados na rede. Tínhamos, aqui no Sul, naquele momento, uma resposta somente de um aluno identificado. Recebi logo no início, quando eu precisava passar para o projeto oficial, a notícia de que esse aluno estava saindo da rede, então eu não conseguiria fazer o acompanhamento total dele, e ali fiquei um pouco perdida, buscando um novo foco. *Como eu faria a minha pesquisa dar certo?* Por isso não fiz o estudo de caso. Busquei informações de institutos que tinham parceiros que identificavam, que faziam esse trabalho, só que era em outro estado. Então me organizei para fazer uma viagem, para poder acompanhar por um período maior, e veio a pandemia. A parte mais prática do produto acabou sendo prejudicada, então busquei outro caminho, que foi uma pesquisa mais específica em relação ao conhecimento, do que era feito e do que era produzido, as estratégias, porque inicialmente pensei assim: “Vou fazer um livro com várias estratégias! Imagine uma Rede Federal inteira trabalhando com alunos com altas habilidades, poder ter uma informação enorme sobre Ensino Técnico, vários cursos, professores de diferentes áreas”. E me deparei com o fato de *não ter todo esse material e precisar fazer o inverso, buscar esses recursos, essas estratégias, para depois os professores irem criando suas estratégias.*

Então ali, no produto, trago as estratégias que foram citadas e as estratégias que busquei. Muita leitura e teoria que me auxiliaram a dar conta desse primeiro objetivo que eu queria alcançar.

Alexandra: Como professora, percebo que focamos bastante no nível médio (Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio), porque é a nossa maior demanda, na qual temos

esse contato mais direto com os estudantes. Trabalho com eles e observo muito isso, mas temos também o Ensino Superior. Assim, pergunto-me: como os professores veem os alunos que se diferenciam em algumas áreas, embora estejam em outra? Por exemplo, estão em um curso de engenharia, mas são muito bons em química, física... Como você percebe essa questão da identificação?

Gisele

Quanto à questão da identificação, quando pensamos no Ensino Técnico, muitos dos alunos vêm identificados, como a professora Gislaine colocou. Todas as salas de recursos estão preparadas para fazer esse acolhimento, e essa identificação é muito importante, acho extremamente importante. Fiquei feliz em saber que agora vocês estão tendo essa preparação de estar mais focados na questão das altas habilidades, porque o que temos na Rede Federal são muitos alunos que vêm do Ensino Fundamental, do Ensino Médio, do Município e do Estado, já têm essa informação, e isso ajuda o professor e o Instituto quando pensamos nesse aluno que já tem o Ensino Superior. No momento que fui buscar respostas, pensei: “Tá! Mas e como foi feito isso? Como conseguiram essa informação de preparação e identificação para poder fazer o trabalho? Quando ele foi identificado?”. Eles não tinham essa informação. É triste ver, porque não tem esse acompanhamento.

Gislaine

Acho que só nos sentimos, talvez, um pouquinho mais qualificados a partir do momento que esses alunos vão chegando na escola. A partir do momento que essas mães começam a demandar para escola e perguntar: “Como essa escola trabalha com os alunos com altas habilidades?”. A partir do momento que esses alunos vão chegando na escola ou que vamos provocando a escola para identificar esses alunos, os professores também começam a ter esse olhar. Nas escolas em que trabalhei, em que fizemos um pouco desse trabalho, os professores começavam a dizer: “Gislaine, dá uma olhada nesse aluno, olha o vocabulário que ele tem, dá uma olhada nesse trabalho lindo, olha a criatividade, olha o que ele trouxe, pedi para ele uma maquete e olha o que ele fez, olha que surpreendente”.

Então os professores começam a compartilhar conosco essas informações e respondemos: “Opa, vem aqui! Vamos ver quem é essa criança que tem todas essas habilidades”.

Uma coisa que acho muito interessante é que essas habilidades só são mostradas para os professores-referência das turmas **se eles abrem esse espaço**, então o professor só vai saber que um aluno tem um bom raciocínio lógico se ele proporciona e oferece jogos que possibilitam isso. Um professor só vai perceber que um aluno é curioso, investigativo, e tem um espírito científico se abrir essa porta para que ele demonstre isso, para que pergunte, para que vá para casa e traga informações diferentes daquelas que está buscando, então acho que o professor-referência das turmas é fundamental para que possamos identificar cada vez mais crianças.

Enquanto a Gisele estava falando, lembrei-me muito da Sheila Torma, que também é uma referência no Rio Grande do Sul. Era professora do Núcleo de Altas Habilidades de Porto Alegre e foi trabalhar em Santa Catarina. Ela faz um relato magnífico, porque disse que chegou numa determinada escola em que a diretora, ao apresentar para ela a escola, ia dizendo: “Olha, nessa escola temos tantos alunos com deficiência intelectual, tantos alunos com deficiência física, tantos alunos com autismo”. E a Sheila virou para ela e perguntou: “E com altas habilidades, vocês têm quantos?”. A resposta foi **nenhum**, eles não tinham nem um aluno identificado com altas habilidades. A partir daquele momento, começaram, então, a fazer um trabalho para identificar esses alunos naquela escola, porque uma coisa que acho que todo mundo tem que ter plena certeza é de que **em todas as escolas temos alunos com altas habilidades, “em todas”, isso é uma certeza que precisamos ter para encontrar esses alunos**. E, a partir desse trabalho que a Sheila começou a fazer, surgiu o *Eugênio*, uma plataforma de investigação de altas habilidades por meio da tecnologia, então isso muitas vezes abrevia o trabalho que o professor precisa e pode fazer na sua escola, porque ele consegue identificar esses alunos por meio das características apresentadas utilizando uma ferramenta tecnológica.

Identificamos por um motivo simples para oferecer um atendimento. Não há motivo algum para identificarmos os

alunos se não vamos oferecer algo para eles desenvolverem as potencialidades que têm dentro da sua área de interesse. Qual é a área de interesse dessa criança, desse adolescente? De que forma vamos potencializar aquilo que está ali, aquela sementinha que está ali? Podemos dar muito adubo para que ela cresça e possa se desenvolver ao máximo. Se, na escola de Ensino Fundamental, começarmos a identificar esses alunos e eles forem para o Ensino Médio e Superior já identificados, essas experiências são muito interessantes. Se pensarmos que daqui a um tempo, por exemplo, cinco anos, teremos esses alunos identificados chegando em um número muito grande ao Ensino Médio, talvez já estarão revolucionando esse Ensino Médio, sendo mais questionadores, mais propositivos e mais criativos.

Alexandra: O professor parece estar mais habituado com aquele estudante com desempenho abaixo da média. Como vocês percebem o olhar do professor para a AH/SD? Há certa insegurança em trabalhar com esses estudantes superdotados?

Gislaine

Acho que há uma diversidade com a qual temos nos deparado nas salas de aula, nas turmas regulares e, principalmente com relação à pandemia, nas escolas públicas. Recebemos, agora, alunos com muito mais diferenças de aprendizagem do que tínhamos antes da pandemia, então é um desafio para o professor toda essa diversidade na sala de aula, que é extremamente positiva, que achamos que devemos cultivar, que todo mundo tem que estar participando junto, mas é um desafio para o professor dar conta de todas essas diferenças que vão acontecendo, principalmente na questão da aprendizagem. Acho que o professor tem se virado da forma como consegue para fazer com que todos os alunos aprendam, porque esse é o principal desafio que temos na sala de aula: que todos os alunos aprendam do ponto onde estão.

Em uma escola em que trabalhei, fazíamos bastante o que chamávamos de “reagrupamentos”. Se pensarmos que a escola é um espaço coletivo, o professor da sala de aula (professor-referência) não pode se sentir sozinho para lidar com essa

diversidade toda. Ele tem que saber que tem pares, que tem parceiros, que tem pessoas ali que podem compartilhar com ele, não só para ficar ouvindo: “Ah, tenho muitos alunos com dificuldade e tal” ou “Tenho muitos alunos com facilidade que me desafiam na sala de aula, que buscam sempre mais, e eu *não sei o que fazer e tal*”. *Não isso, mas compartilhar essa diversidade.* Fazíamos reagrupamentos, que são agrupamentos dentro da turma, contando com todos os professores que tínhamos de apoio – professor da biblioteca, coordenação, professora do AEE –, porque os professores que estão na escola estão lá para o apoio à aprendizagem. Esses momentos poderiam ser voltados para questões muito específicas da aprendizagem ou para jogos. A organização em grupos menores, com cada professor fazendo a intervenção adequada com atividades organizadas de acordo com as necessidades de aprendizagem, acompanhando o raciocínio do aluno, ouvindo a explicação dada para a resolução da situação, fazendo as problematizações necessárias para que ocorra a aprendizagem, é fundamental e constrói um trabalho coletivo na escola.

Trabalhar com jogos favorece a intervenção pedagógica. Você não dá um jogo simplesmente para que os alunos se divirtam, mas com o propósito de que eles avancem do ponto em que estão, e para isso vai questionando e auxiliando para organizar o pensamento.

Outra possibilidade é trabalhar os jogos com essas crianças com altas habilidades antes de elas irem para a turma, e depois elas auxiliam o professor no trabalho, porque esse aluno de que estamos falando fica, muitas vezes, sozinho, porque ele é diferente. Ele é diferente, mas esse diferente não é ruim. É um diferente pode ajudar os colegas na sala de aula. Ele pode desafiar, então acho que trabalhar com jogos pedagógicos é fundamental. A chave para isso, o trabalho com jogos, é ter o grupo de professores de apoio à aprendizagem com a turma, pois traz resultados muito importantes e concretos, então trabalhar com agrupamentos na turma, na minha visão, é uma questão fundamental agora que temos tantos casos diferentes na sala de aula. Quanto mais desafiadas essas crianças se sentirem, e ao superar esses desafios (desafios possíveis), mais estarão aprendendo. Por exemplo, estou trabalhando num grupo agora, na escola, com o cubo mágico. Apresentamos o

cubo para esses alunos e dissemos: “Olha, vamos aprender a montar o cubo, daqui a tantos dias vamos conseguir chegar ao final”, e quando eles montam aquele cubo devíamos filmar o rostinho de cada um deles ao final disso, porque temos que ter satisfação e prazer nas coisas que fazemos, não é? Então, acho que esses desafios a que nos propomos e são realmente difíceis os levam a superar e acreditar mais em si mesmos. Uma coisa que tu falaste, Alexandra, é com relação à maneira como eles vão se aquietando na sala se não são percebidos. Se não são incentivados e motivados a mostrar o seu potencial, realmente vão se aquietando nas salas. Eles vão tentar ser iguais a todo mundo, principalmente na adolescência. O que percebemos é que, quando chegam lá pelo 7º ou 8º ano, eles querem ser iguais, porque às vezes cansaram também de insistir com o professor, de perguntar, de propor coisas diferentes. Então, quando tu perguntas como os professores recebem, a resposta é **de diversas formas**. Tem professor que fica super feliz e já pensa: “Como vou fazer para dar conta? Dá uma ideia aí, Gislaine, como podemos fazer lá na sala de aula?”. E tem professores que ignoram, que deixam, e acho que é *o que acontece* na maioria dos lugares e das escolas: “Por que vou ter mais um problema para resolver, se já tenho um autista, um deficiente intelectual? *Aí tu queres* que eu faça mais isso?”. Não, vamos fazer juntos! Temos que estar juntos de verdade com os professores.

Alexandra: Nesse contexto, como vocês percebem o papel do professor? Numa sala de aula, temos em torno de 30 alunos, e dar conta desses 30 não é fácil, então quando um fica quietinho e tem uma média excelente em uma disciplina (ou na maioria), não é um “problema”, mas também não é notado. É preciso que o professor fique alerta, certo?

Gislaine

Falando assim, parece que isso precisa acontecer 100% do tempo da escola, mas não, o professor pode pensar em uma aula que seja direcionada para aquela criança que tem alta habilidade. Vamos supor, por exemplo, um aluno que tem alta habilidade na área da ciência, então, quem sabe, podemos planejar uma aula de ciências pensando em como ele pode fazer uma pesquisa sobre determinado assunto que vamos estudar

e apresentar para turma, como ele pode tentar responder as perguntas que os colegas vão fazer sobre determinado assunto que ele tem interesse, como que ele pode responder um desafio que a professora propôs para ele e depois apresentar esse desafio para a turma e dar dicas para ela conseguir resolver. Então não vamos fazer isso o tempo inteiro, porque não temos “perna”, como o professor de turma, para fazer isso, mas podemos pensar em momentos durante a nossa aula em que vamos possibilitar que todos aprendam.

Alexandra: Como foi produzido o material durante a sua pesquisa? A partir do contato com as escolas, como você vê as estratégias que poderiam ser adicionadas, além dessas que a professora Gislaine traz? Poderiam ser utilizadas pelas escolas da rede de Ensino Fundamental, Ensino Médio e por nós, do Ensino Médio Integrado?

Gisele

O mais comum dos professores é trazer a questão do avanço: “Ah, ele sabe muito, então pode passar para o próximo ano”. E no Ensino Médio o que se tem feito é uma proposta de condensar aquele currículo pensando em estratégias do que se pode incluir ou de que forma o alunos pode, por exemplo, não cursar uma parte ou criar monitoria, algo parecido como o que a professora Gislaine citou (eles cursarem, mas serem monitores do professor). São propostas no Ensino Médio mais relacionadas a esse sentido.

No Ensino Fundamental, a primeira coisa que se fala nos conselhos de classe é “Ah, mas ele já sabe ler, sabe fazer cálculo sozinho, então vamos avançar para o próximo ano”. Temos que ter muito cuidado, porque **quando pensamos em avanço, precisamos pensar também na maturidade**. Precisamos pensar no modo como está esse desenvolvimento pessoal, esse entendimento do aluno, e se ele tem esse avanço de ano escolar não pode ser somente em uma área. Por exemplo, se o aluno é *ótimo* e o raciocínio lógico dele está avançado, mas na escrita e na leitura ele ainda não atingiu aquilo que necessita no ano dele (vale para o Ensino Médio também), ou seja, se em algumas disciplinas isso não ocorre, não é uma questão para todos, então ele precisa de uma suplementação naquela área,

precisa que haja o espaço para trabalhar essa área em que apresenta alta habilidade. Percebemos que para o professor, na sala de aula, é muito difícil olhar para o aluno que está quieto. Aquele aluno que está quietinho pode tirar 10 em todas as provas, e o professor pode pensar: “Ah, esse é o meu gênio, não *preciso nem falar nada, vamos passar para o outro*”. Assim são as falas no conselho, e precisamos conversar, porque daqui a pouco temos que olhar para esse aluno de outra forma.

O que acontece com esse aluno é o que a Gislaine já mencionou, no 7º ano eles acabam querendo ficar quietinhos, porque estão cansados, porque na verdade não aguentam mais ficar dentro da sala de aula, pois precisam ficar sentadinhos olhando aquilo passar. O professor acaba fazendo aquela aula transcorrer, aquela aula e aquele aluno. Ele fica: “Bom, não vou falar mais nada, vou ficar aqui quietinho, nem vou demonstrar”. Pois, se demonstra, o aluno chega no conselho e falam: “Mas esse aluno me afronta, porque estou lá dando a minha aula e ele quer questionar tudo”. No momento em que o aluno apresenta um conhecimento e, daqui a pouco, o professor não lembra, ou não se preparou para aquela aula ainda, ou é uma coisa que queria ver mais adiante, o professor entende como algo questionador. Aquele aluno que vive trazendo questionamentos está aprontando, está tirando a autonomia do professor. Na verdade, hoje o professor faz uma mediação de conhecimento com todas as mídias, todos os equipamentos e todos os conhecimentos que temos, porque o aluno chega em casa, acessa no celular dele e pesquisa. Ele já está no meio de uma aula com o celular, que mostra uma imagem que complementa aquilo que o professor apresentou, então hoje o professor é o mediador, ele traz o conhecimento e faz uma troca com aquele aluno. Ele pode fazer isso, mas ainda existe essa questão do professor, por exemplo: “Ah, propus uma aula hoje e a aluna fez esse trabalho, pintou assim e resolveu usar tal técnica que eu nem tinha pedido ainda. Ela passou por cima do que pedi”. O que essa fala do professor está mostrando? Não é que o professor não quis olhar para o aluno, mas às vezes falta o conhecimento para parar e pensar: “Puxa, que legal, tu já foste para uma técnica interessante! Como é que fizeste isso? Vamos ensinar para os teus colegas também!”. Daqui a pouco é um aluno com altas habilidades na área artística e o professor

acaba, às vezes, podando a possibilidade de esse aluno estar crescendo e a turma inteira crescer junto. Não é porque esse aluno tem alta habilidade que a turma não pode acompanhar, então esse desafio de ajudar o professor a entender é muito importante.

Muitas vezes acontece de o professor dizer “Não, na minha turma não tem alguém com altas habilidades, na minha turma está tudo certo”. Essa fala mostra a necessidade de se estar trazendo conhecimento do que são as altas habilidades e de como observar e trazer exemplos para o professor ver se tem ou até mesmo já teve um aluno com altas habilidades que, por não ter conhecimento antes, deixou passar despercebido. Quando o professor faz isso, fico feliz, porque ele está percebendo que tem como ver, notar, identificar, mesmo que não consiga ver o todo, mas consegue chamar uma ajuda. Ele pode buscar ajuda de alguém na escola, então, mesmo quando você se angustia sabendo que aquilo já pode ter lhe acontecido, também há um lado bom para ver, pois você despertou essa questão de poder pensar.

Gislaine

Quero destacar dois aspectos na fala da Gisele, que acho bem importantes.

Essa questão do acesso à informação, do acesso ao conhecimento, que hoje está tão amplo, por um lado é extremamente positivo e por outro é complicado. Às vezes, na sala de aula, pode-se provocar esses debates com diferentes pontos de vista. Hoje as pessoas leem qualquer coisa e saem divulgando aquilo como uma verdade absoluta. Acho que, se conseguirmos ensinar para os nossos alunos que existem vários pontos de vista sobre a mesma coisa e de que modo posso pensar se esse ponto de vista está adequado, a forma como penso o mundo ou não, estaríamos fazendo um grande serviço para a educação. Uma coisa que fazemos muito como professores é centrar em nós qualquer proposta de inclusão. Claro que o professor é peça-chave e fundamental na inclusão, mas ele é *uma parte*, nós precisamos de propostas de escola, precisamos que a escola toda se volte para isso, não só o professor lá na sala de aula individualmente, mas que a escola pense uma proposta para as altas habilidades ou para a inclusão de maneira geral, e, mais

do que isso, precisamos de políticas públicas, precisamos que sejam instauradas políticas públicas para atendimento desses alunos. “Onde posso saber se meu filho tem altas habilidades?”. Isso é política pública também, não é só um trabalho individual da escola. Hoje precisamos buscar, na escola, o professor da sala de recursos, que é com quem vamos nos socorrer para buscar alternativas, mas isso tem que ser mais do que uma ação individual de cada professor: tem que ser uma ação da escola, uma política pública, e em muitos municípios já existem salas de recursos para as altas habilidades, núcleos de atendimento para as altas habilidades que fazem essa identificação com um grupo de profissionais, psicólogos, psicopedagogos, com outras pessoas, além do professor da escola. Esse atendimento também pode acontecer nesses espaços, que também podem fazer a formação dos professores. Caxias é uma cidade tão grande e ainda não tem um espaço tão qualificado quanto esse que poderia ter, então essa é uma provocação que já fizemos para a Secretaria de Educação. Fazemos seguidamente, porque é uma demanda grande que tem nas escolas e nas salas de recursos para dar conta, também.

Alexandra: Como você percebe a questão das políticas públicas para o atendimento e a inclusão de estudantes AH/SD?

Gisele

Em termos de Políticas Públicas ainda estamos engatinhando, mas o fato é que, se estamos tendo tantas conversas, cada vez mais vamos ter mais respostas efetivas em legislação. Para que tenhamos esse apoio, é uma questão que estamos falando até da escola. Temos a semana da pessoa com deficiência, mas quantas vezes trabalhamos altas habilidades nessa semana? Quantas vezes levamos para a sala de aula de cada turma esse assunto para trabalhar com um professor, com a sala de recursos, com os alunos, com a família? **Sempre tem outro assunto ao qual é dado prioridade**, então espero que agora possamos fazer deste uma prioridade também.

Alexandra: Qual o papel da família junto com o professor e a escola para alcançar êxito na formação do estudante AH/SD?

Gislaine

Acho que desacomodamos um pouco a família quando dizemos: “Olha, estou te chamando aqui porque tenho uma suspeita, uma hipótese de que o teu filho tenha altas habilidades”. E daí temos como resposta: “Profe, o que é isso? Me explica o que é isso, o que tenho que fazer? Tem que levar no médico?”. Porque tudo que foge ao “normal”, ao “padrão”, à “regra”, àquilo que é a “média”, causa uma estranheza, um impacto, e acho que temos que buscar sempre junto às famílias uma tranquilidade. Primeiro, quando estamos fazendo a identificação, precisamos ter muito cuidado para não levantar expectativas que podem não se confirmar. Quando chamamos a família para pesquisar, procuramos saber como foi a infância, como essa criança começou o desenvolvimento infantil, porque pode haver aspectos da precocidade, que podem nos mostrar que há, ali, uma alta habilidade. Então precisamos chamar a família para entender esse contexto familiar e ter muito cuidado para não levantar uma falsa expectativa, para a família não pensar que está criando um “gênio”. **Não é isso**, ela não pode colocar sobre aquela criança todas as expectativas do mundo, não pode sobrecarregar essa criança, por isso temos que ter muito cuidado para orientar os pais e deixar isso muito claro.

A experiência que temos na escola é de pais muito parceiros, que nos ajudam muito a pensar alternativas e formas de atender esse aluno na sua área de interesse. Assim, vejo que é nisso que a família pode nos ajudar muito: entender de que maneira essa criança demonstra uma alta habilidade e em que áreas ela tem maior interesse. A Gisele falou uma coisa que é muito importante: uma criança pode ter alta habilidade numa área e dificuldade noutra. Observamos crianças, por exemplo, que têm um desenvolvimento intelectual muito acima da média e um desenvolvimento físico, da coordenação motora, muito abaixo. Temos crianças que resolvem passatempos ou desafios muito elaborados e não sabem andar de bicicleta, não jogam bola. Então buscamos mediar isso com a família para que ela também possibilite esses momentos de interação, principalmente porque a criança com alta habilidade, na maioria dos

casos (eles são muito diferentes entre si), prefere trabalhar sozinha, porque as crianças ou adolescentes da sua idade às vezes não são capazes de entender aquilo que ela está propondo. Entendo que ter um grupo de altas habilidades na escola favorece muito a interação, porque aí eles têm com quem trocar, sabem que aquele colega também gosta de ler o mesmo tipo de literatura, que aquele outro colega também gosta de fazer jogos ou de trabalhar com robótica, e aí conseguem trocar essas informações, e a família pode nos ajudar muito nisso. Em uma das escolas, fizemos uma banda. Reunimos todos os alunos que tinham um conhecimento musical, e quem nos ajudou muito nisso foram as famílias, pais que tocavam, mães que cantavam. Os alunos compuseram uma música, participamos de um evento da Guarda Municipal junto com outras escolas, gravamos um clipe, sendo que eles fizeram todo o roteiro deste. Então são experiências que eles nunca vão esquecer, e acredito que essas atividades é a família que tem que nos ajudar a propor, a planejar, por isso a parceria com a família é muito importante.

Eu queria conversar com os professores que se sentem desafiados (às vezes na sua autoridade, inclusive) por esses alunos. Existe um mito de que “para trabalhar com uma criança ou um adolescente com alta habilidade, o professor precisa ter alta habilidade”. Isso não é verdade, o professor precisa ter muita disponibilidade, porque precisará oferecer coisas diferentes, que nem sempre conhece, mas com esses alunos exercemos muito mais o papel de mediadores, muito necessário na escola, porque precisamos aprender a fazer perguntas; não precisamos saber as respostas, mas organizar o “esqueleto” do que eles querem produzir. Esse é o papel do professor. Temos que estar muito abertos para todas essas coisas, porque são diferentes de uma sala de aula regular. Se, por um lado, dá bastante trabalho, por outro, temos uma obrigação também de despertar nos nossos alunos esse senso de coletividade, para que eles saibam que existem pessoas que precisam da ajuda, da escuta e do olhar de pessoas humanas, e que estamos aqui para ajudar uns aos outros. Nas escolas em que atuei, também contávamos muito com as famílias nessa organização de atividades externas da escola, sempre tivemos essa parceria com as famílias, e, da mesma forma, elas também podem contar

conosco para compartilhar algumas angústias ou ansiedades diante das situações que enfrentam.

Gisele

Gislaine, quando tu falaste do atendimento, tu fazes grupo de alunos com altas habilidades em diferentes áreas?

Gislaine

Agora estou começando um trabalho em uma escola e estamos trabalhando por ano escolar, para identificar os alunos. Eu inicio propondo desafios de diferentes áreas, porque às vezes os alunos não sabem qual é a área de que mais gostam, vão descobrir aos poucos, e aí tentamos ajudá-los. Tenho um grupo de 1º, 2º e 3º anos dentro de uma escola, um grupo de 4º e 5º anos e um grupo do 6º, 7º e 8º anos. O primeiro desafio proposto foi a montagem do cubo mágico, que envolve muita persistência e dedicação. Dei uma aula e ficamos dois períodos montando, porque a técnica de montagem do cubo mágico envolve uma sequência de sete etapas. Um dia ficamos fazendo isso por duas horinhas da aula, e no outro dia alguns alunos vieram com o cubo totalmente montado, pois foram procurar tutorial na internet e aprenderam, e agora vamos fazer um concurso. Isso, para exemplificar na área lógica. O próximo desafio que propus é que façamos uma propaganda, que aí tem que saber editar vídeo. Todos eles lidam muito bem com o *fazer vídeo* no celular e depois editar com programas que às vezes nem conhecemos, então a próxima proposta é que eles escolham um assunto e montem um vídeo curto, de no máximo três minutos. Eles vão ter que lidar muito com a área da fala, da expressão, além de uma função que é organizar o roteiro: “De que maneira vamos abordar isso? Onde que vamos filmar?”.

A ideia, quando trabalho com grupos, é propor desafios dentro das diferentes áreas. Isso vai se afinando e depois identificamos. Todos eram atendidos no contraturno. Então, com os alunos maiores, a Valéria fazia um trabalho num turno e eu fazia outro trabalho no contraturno com eles, e isso também é superlegal, por área de interesse.

Alexandra

É interessante pensar que essas famílias, assim como podem criar a ideia de que “Ah, tenho superdotado”, também vão enfrentar junto com seus filhos as dificuldades que virão. Às vezes, como professora, com a informação que tenho construído sobre o assunto, paro e reflito: “Ah, aquele aluno talvez fosse um aluno com altas habilidades na minha sala de aula”. Então há o desafio de ter, ali, às vezes, um adolescente com as questões da sua idade e as dificuldades de se encaixar no grupo, de trabalhar com o grupo. Isso remete à importância de a família ficar atenta, não de forma isolada, mas com os professores. Quanto à questão do papel do professor como mediador, em todas as circunstâncias, o que muitas vezes gera insegurança é o estudante com Necessidades Educacionais Específicas, e o professor vai se sentir inseguro diante desse aluno que tem altas habilidades, dependendo da área, mas realmente entende que o nosso papel é muito importante.

Quando o professor consegue realizar um trabalho diferenciado para o estudante AH/SD, como vocês percebem o resultado/impacto desse trabalho no restante do grupo e para o aluno nas áreas em que ele não tem altas habilidades?

Gisele

Vou falar sobre uma experiência positiva e uma negativa. Já vi professor receber a informação, acolher e buscar formas de trabalhar com o grupo inteiro, colocando esse aluno como um monitor, auxiliando para conseguir sentir quais eram as habilidades dele, com qual ele realmente se identifica mais, enfim, realizando esse processo. Ao mesmo tempo, em relação ao grupo, inseriu como monitor para que o grupo entendesse que não é que aquele colega *falava difícil*, mas que ele tinha como auxiliar o restante porque tinha uma fala mais trabalhada, um vocabulário um pouco mais acentuado.

Falando de uma experiência negativa, já tive professor que falava “Ué, mas me disseram que tu eras um gênio, então senta e faz, tu deves saber tudo”, e o aluno não conseguir dizer “Não, mas aqui tenho dificuldade”, porque naquele momento foi colocado um rótulo nele.

Gislaine

Sempre tivemos uma preocupação de tentar devolver o trabalho que fazemos na sala de recursos para o grupo da escola, para o grupo da turma, então os nossos alunos fizeram vários jogos no computador (programação) que depois as turmas podiam jogar. Sempre tivemos essa preocupação de valorizar o produto que eles nos entregavam e devolver para a turma. Na questão do vídeo, que mencionei anteriormente, tivemos a participação de toda a escola, de todas as professoras, ou seja, não era uma ação isolada da sala recursos, era uma ação da escola, por isso tivemos essa preocupação de envolver todos, de trazer todo mundo junto conosco. E, sim, tem essas falas que a Gisele citou, não pensem que é tudo perfeito: “Gislaine, tu não disseste que ele é superdotado? Olha o que ele me entrega” ou “Olha aqui, ó, o teu aluno superdotado me entrega esse tipo de trabalho”, porque talvez seja uma área em que ele não esteja interessado. Por isso gosto e sei que superdotados e altas habilidades são sinônimos na legislação, nos documentos, mas acho que esse “super” traz uma carga muito grande sobre os alunos, então geralmente me refiro a eles como uma “pessoa com alta habilidade numa determinada área”.

Quando o aluno AH/SD tem dificuldade, penso que temos que saber lidar tanto com os alunos e as famílias quanto com os professores. “Sim, nessa área ele tem dificuldade”. Temos uma aluna que fez uma disciplina na Universidade de Caxias do Sul (UCS) com o curso de Artes. Ela estava no Ensino Fundamental, então isso foi superlegal, mas era uma menina muito tímida, então, na área da expressão oral, ela tinha dificuldade. Acredito que isso é algo que precisamos reconhecer, tentar ajudar o aluno da melhor forma. Oportunizar esses espaços de que ele precisa para avançar também nessas áreas de dificuldade, mas sempre tento focar na área de interesse dele, naquilo em que ele é bom, e desenvolver aquela área sem tentar fazer remendos nas outras, porque às vezes é muito sofrimento para ele ainda ir para um espaço onde vai ter que dar conta de aspectos em que tem muita dificuldade. Vamos potencializar o que ele tem facilidade, então é mais ou menos isso que tentamos fazer.

Alexandra

Essas falas nos fazem refletir sobre a questão do professor, porque em geral não estamos preparados para atender esse público. Muitas vezes nem conhecemos o tema, então é preciso falar sobre – como é a proposta desse projeto –, chegar até o colega e falar, cada vez mais, e mostrar: “Olha, eles estão aqui, eles têm essas características”. Penso que só assim vamos conseguir vencer as dificuldades. Especialmente porque o colega professor não teve, na própria formação, a abordagem sobre AH/SD, no momento que ele tiver, certamente conseguirá ter um olhar diferente, por isso a importância do nosso papel nessa mudança.



Desafios e conquistas de quem é AH/SD: somos visíveis!

No bate-papo realizado em novembro de 2021²², conversamos com Tatiane Oliveira²³ e Samir Ferraz²⁴ – ela, mineira; ele, baiano –, professores de diferentes áreas do conhecimento, ambos AH/SD multipotenciais. Numa conversa leve e direta, foram generosos em compartilhar conosco a sua trajetória de vida e os desafios que tiveram e têm que enfrentar por serem superdotados, condição que costuma ser relegada à invisibilidade.

Conversas como a que o leitor encontrará a seguir contribuem para o conhecimento sobre o assunto, para diminuir o preconceito e tornar a pessoa AH/SD visível!

Boa leitura!

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli²⁵

²² Disponível em <https://youtu.be/ggD7EqKkpk4>

²³ Educadora musical e artesã, pedagoga Especialista em Educação Especial e Inclusiva, AH/SD multipotencial

²⁴ Professor do IFBA Campus Eunápolis, especialista em Educação Especial Inclusiva, Membro do Grupo Integrador de Extensão e de Pesquisa em Altas Habilidades e Superdotação – GIEPAHS (dgp.cnpq.br/dgp/espelho-grupo/1257339753701128) e AH/SD multipotencial.

²⁵ Docente do IFRS *Campus* Caxias do Sul e mediadora do bate-papo *online*.

M^a de Fátima: Podemos iniciar pelas apresentações?

Tati

Então, quem é a Tati?! Sou mineira, sou de Poço Fundo, sul de Minas Gerais, resido aqui faz 20 anos e morei em Santo André até 2001. A Tati é aquela pessoa mil e uma utilidades, que todo mundo acha que sabe fazer tudo, que resolve tudo, mas sou uma pessoa dona de casa, sou esposa e amante de livros, sou musicista, toco vários instrumentos, sou artesã, formada em Técnico de Enfermagem, sou pedagoga e tenho Especialização em Educação Especial Inclusiva, Coordenação Pedagógica e Psicopedagogia Clínica Institucional. Adoro aprender, gosto muito de estudar, faço vários cursos, adoro ensinar. Atualmente sou proprietária do meu próprio espaço de trabalho, que é o Multiteliê. Ele surgiu a partir do meu processo de identificação, quando eu soube que era uma AH/SD multipotencial. Muitas pessoas falaram que o Multiteliê representa muito a superdotação. Nesse espaço de trabalho, posso colocar todos os meus talentos em prática e, além disso, ajudar outras pessoas a desenvolverem seus talentos também.

Samir

Meu nome é Samir Ferraz, sou professor de Física do Instituto Federal Baiano e atualmente estou lotado no *Campus Bom Jesus da Lapa*. Fui identificado há alguns meses, em julho, é muito recente, e desde então algumas coisas mudaram na minha vida.

Vou falar um pouco sobre como foi a identificação, algo que é bem difícil para mim, pois ainda estou elaborando alguns aspectos. Começo falando sobre a minha formação. Tenho Especialização em Educação Inclusiva, Metodologia no Ensino Superior e Ensino a Distância, sou licenciado em Física e dou aula de Física desde que me entendo por gente. Minha primeira aula de Física particular “cobrando” foi com 15 anos, a docência é uma paixão. Então estou aqui para entender como posso lidar melhor com o traço nessa área fantástica. Também queria agradecer pelo convite e dizer que é deslumbrante compreender um pouco melhor as altas habilidades.

É muito fascinante para mim, como professor, perceber que isso era o que eu sempre buscava. Sempre dei aulas para os

meus alunos e alunas e percebia que alguns indivíduos na aula tinham um processamento diferente, então sempre busquei desafiar esses alunos e alunas, e hoje vim contar um pouquinho dessa história para vocês.

M^a de Fátima: Como foi a infância de vocês e como se deu o processo de identificação como AH/SD?

Tati

Então, no meu caso foi até interessante, minha mãe sempre contava que, quando eu era bebê, tinha habilidades motoras fora do comum. Uma das primeiras coisas que chamavam a atenção é que eu não engatinhava, arrastava o bumbum no chão, então era diferente das outras crianças. Antes de andar eu tinha habilidade motora muito desenvolvida. Eu e minha família morávamos numa fazenda e minha mãe contava que, enquanto ela estendia roupa no varal, havia pintinhos e galinhas no terreiro e eu queria pegar os pintinhos, mas não conseguia, pois ainda tinha nove meses e estava no carrinho, então eu usava os pés para pegá-los. Meus irmãos também comentavam que tudo que eu precisava pegar eu não pegava com a mão e sim com o pé.

Aos 2 anos e meio, mais ou menos, eu já sabia identificar as letras. Nunca tive dificuldade com fala. E teve um fato que aconteceu quando morávamos em Santo André: minha mãe estava no médico e eu estava sentada na recepção quando, de repente, peguei uma revista e comecei a ler, aí uma enfermeira viu e disse que a minha mãe devia me levar no médico. A enfermeira me levou ao médico, disse que foram feitos alguns testes e um deles apontou que eu era uma criança superdotada. Por volta de 1987, já havia o conhecimento dessa condição no estado de São Paulo. E essa palavra sempre ficou na minha cabeça, “superdotação”, mas não tive um encaminhamento. Com 4 anos eu já sabia ler fluentemente.

A sensação de ser diferente sempre existiu. Eu era aquela criança que fazia amizade com o grupo dos excluídos, dos que choravam, dos que tinham dificuldade de aprender, mas, por conta de ser metódica, eu tinha dificuldade de manter as amizades, porque eu tinha meus métodos de lidar com as pessoas. Nunca fiz parte daqueles que eram “os populares”.

Na escola eu convivia com os da sala mesmo. Fora da sala, meus amigos eram maiores ou criancinhas, porque eu gostava de cuidar de crianças. A minha habilidade motora era muito desenvolvida. Sempre fui competitiva, gostava de jogar bola e de correr.

Fui criada em uma família muito rígida e disciplinada, então tinha certas coisas que eu era impedida de fazer. Tornei-me uma criança muito rígida, muito disciplinada em algumas coisas. Na escola tinha bom comportamento, mas em casa era muito revoltada, falava palavrão, tinha crise de jogar as coisas no chão, então tudo isso era uma constante e na minha cabeça eu sempre pensava que precisava melhorar e buscar formas de melhorar, porque eu não podia ser assim. Nunca fui atendida por psicólogo ou psicopedagogo na infância.

Na escola eu tinha minhas facilidades, mas não era uma aluna que tirava nota boa em todas as matérias, porque tinha matéria que eu não aprendia, que eram matérias que hoje entendo, pois percebi que eram professores com didática de ensino tradicional, mas nas disciplinas em que os professores tinham uma didática diferenciada eu não esqueci o que aprendi. As minhas aulas de Arte até o Ensino Fundamental eram muito boas, aprendi várias técnicas que hoje não se vê na escola pública. A área de Artes foi na que tive mais desenvolvimento.

Com 7 anos, a minha mãe me colocou nas aulas de órgão eletrônico popular, de que nem se ouve falar atualmente, foi aí que iniciei o gosto pela música e depois disso não parei mais.

M^a de Fátima: Vocês se percebiam como AH/SD? Como foi a vivência escolar?

Tati

Um pouco antes de ingressar na Educação Infantil, minha mãe trabalhava em um centro comunitário, ela me colocou na aula de natação e eu, sempre muito agitada, gostava de correr, mas tinha pavor do meu professor – não sei por que, mas eu tinha pavor. Adoro esportes, natação, mesmo não sabendo nadar, e talvez eu tivesse aprendido se soubesse lidar com esse medo ou ter sido mais incentivada.

Tenho poucas recordações da Educação Infantil. Recordo-me de que eu tinha muito medo das minhas professoras, era

muito introspectiva nessa época. Teve um momento que falei para a minha professora que eu sabia ler, ela pediu para eu ir na frente de todo mundo e tive um bloqueio.

Não tenho nem uma lembrança do pré, só a questão do relacionamento, lembro que eu gostava de ficar com as crianças que choravam de saudades da mãe, então as ajudava. Fazia amizade com as crianças negras e nordestinas. Quando fui para o primeiro ano e mudei de escola, foi a mesma coisa, meus amigos eram do Nordeste, da Bahia, de Pernambuco, e eu os adorava, enfim, a maioria dos meus amigos era esses, nunca os populares da escola.

Eu tinha uma prima mais velha que gostava muito de estudar, e eu adorava ir na casa dela brincar. Quando a encontrava, perguntava como era a escola, pois ela já estava no Ensino Fundamental II. Indagava quantos professores tinha, como funcionavam as matérias. Enfim, nessa época eu tinha poucos amigos que eram verdadeiros mesmo. Sempre digo que, ao contrário das crianças com que lido hoje, na superdotação, fui uma criança forte, mais do que depois, na época adulta, quando fui muito frágil.

Samir

Para mim, a escola acabou sendo um espaço onde me senti deslocado. Desde criança, nunca tive dificuldade na escola, nunca fiz recuperação, ou seja, passava direto, mas eu não tinha o engajamento que eventualmente poderia ter desenvolvido se eu tivesse direcionamento, a escola não me desafiou.

Desde criancinha eu tinha dificuldade de copiar as aulas, porque eu não queria fazer isso, simplesmente as aulas não pareciam interessantes para mim, a não ser nas áreas de Física e Matemática (com) os professores e as professoras que me desafiavam, me perguntavam, me permitiam extrapolar o conhecimento... Então, de alguma forma, me acostumei a não copiar as aulas e acabou tendo consequências para minha vida acadêmica. Na faculdade, tive que me condicionar para desenvolver determinados hábitos que não desenvolvi na infância.

Falando um pouco sobre a visão de criança, quando eu era criança eu brincava bastante, era bem-humorado, exagerava

em brincadeiras. Em certo momento da escola, fui orador da minha turma e o que fiz no discurso foi algo impactante, porque hoje tenho consciência de que aquilo, na verdade, foi um desafo. Assim que me formei, eu verdadeiramente não conseguia me identificar com os grupos, estudei em uma escola em que as pessoas tinham uma condição financeira diferente da minha, eu era um dos poucos negros da minha turma e tive uma série de traumas, mas hoje, honestamente, preciso reconhecer que o problema não estava na minha escola, qualquer outra que eu fosse na época também não teria capacidade de fazer minha identificação. Veja, tenho Especialização em Educação Inclusiva, direciono alunos para Olimpíadas do Conhecimento, é com o que mais tenho trabalhado ultimamente, e – sobre esses estudantes – sempre pensava: “Você pode ter altas habilidades”. Eu não enxergava isso em mim. Eu não conhecia o que são as altas habilidades, na verdade nunca me senti tão mais inteligente do que a média, porque me parecia que eu tinha o meu jeito de aprender, eu ouvia a aula e aprendia, o que, de alguma forma, me condicionou a desenvolver determinados hábitos também na própria escola. A falta de retidão chegou na faculdade, quando tive dificuldade de rotina e até hoje ainda tenho algum traço de dificuldade em manter a regularidade do sono, regularidade de alimentação. Mas, para mim, o que trago da escola ainda estou elaborando na minha terapia, que comecei a fazer há um ano, e vejo que ainda estou descobrindo quais são os meus traumas da escola, porque eu, como professor, preciso montar a minha forma de lecionar, preciso me preparar para esse público para que eles não sofram o que sofri.

Sempre me achei um pouco impostor²⁶ nesse sentido, por ter me esforçado menos do que eu poderia para atingir determinada meta, e é difícil até falar sobre isso sem sentir esse receio, esse pensamento metacognitivo de “Será que estou sendo prepotente e arrogante?”. Acho que as altas habilidades são exatamente isso, é você pensar demais e às vezes precisar simplificar um pouco a vida. Para mim, sempre fui “estranho”, ou seja, não me encaixava naquele contexto, eu aprendia do meu

²⁶ A síndrome do impostor caracteriza-se pela crença do indivíduo de que todo o sucesso por ele alcançado está relacionado a fatores como sorte, enganação, charme ou acaso, e não a merecimento, esforço, talento ou competência (Matos, 2014).

jeito, mas não me sentia melhor, me sentia diferente. Eu sentia que, talvez, quando eu quisesse me dedicar muito e copiar as aulas, ter retidão e estudar numa regularidade muito alta, eu poderia atingir um nível e uma alta performance que poderia surgir quando eu tivesse uma área de interesse definida.

Quando entrei na faculdade de Física, fiquei muito empolgado com a ideia de que só iria estudar Física e seria feliz. Comecei a perceber, na infância, alguns sinais. As minhas professoras falavam que eu era muito inteligente. Consegui bolsa quando troquei de escola, que era muito cara, mas eu tinha um desconto que me ajudava, e eu tinha vergonha desse desconto, tinha vergonha de ser diferente. Eu tentava esconder alguns aspectos da minha realidade, porque me sentia socialmente inferior, é isso que tenho descoberto.

Mas, cognitivamente, eu ajudava os colegas a passar. Eu era a pessoa que surpreendentemente não copiava as aulas, aparentemente não estudava, não sentia a necessidade de estudar, esse era o problema, e depois de um tempo comecei a me culpar por não ter me dedicado tanto, e é muito difícil lidar com isso. Aí vieram os concursos. Entrei na faculdade com 17 anos, comecei a demonstrar alguns sinais de que queria ensinar e conseguiria dar conta de algumas missões que pareceriam difíceis para algumas pessoas. Eu sabia que tinha alguma coisa estranha comigo e comecei a desconfiar de algum tipo de patologia. A partir de um momento, quando comecei a ter os primeiros obstáculos na graduação, busquei ajuda e tive convicção de que eu tinha, por exemplo, TDAH. Li o livro *Mentes Inquietas* (Silva, 2014), então fui ao psiquiatra convicto e, depois de duas sessões, ele falou que eu só estava ansioso. E eu simplesmente não levei a sério.

Mas uma coisa que você vai começando a perceber é que, apesar de toda a sombra que existe também ali, não é normal uma pessoa não se preparar para determinadas provas e passar com facilidade, dominar um tema com pouco treino. Muitos interesses. Eu, por exemplo, toco vários instrumentos, pratico karatê – quando criança eu praticava karatê com as crianças e os adultos, depois ia jogar bola ou correr na praça, eu tinha sempre esse excesso de energia para esporte, para música. Então foi “caindo a ficha” de que existe algo diferente. No

vestibular eu queria fazer Medicina, Arquitetura, queria fazer uma série de coisas, mas aí descobri que amo ensinar Física. Eu ensinava os meus colegas porque era uma maneira de eu me incluir e desenvolver determinadas amizades, e desenvolvi as amizades também. Distancio-me bastante dos meus colegas, mas percebo isso latente hoje, com mais clareza, depois de ter passado por todo esse processo, e essa avaliação, sem dúvidas, ajudou bastante.

M^a de Fátima: O que significa ser AH/SD multipotencial? Que mudanças perceberam a partir da identificação?

Tati

Então, Samir foi identificado em julho e eu fui identificada faz um ano e dois meses. Eu sabia da superdotação desde a infância, tinha noção do que era, tanto que eu mesma me autoidentificava “portadora de altas habilidades ou superdotação”. Meu esposo foi o primeiro para quem contei a respeito das altas habilidades, porque eu tinha certas crises em casa, mesmo depois de adulta.

Quando fiz Pedagogia e li sobre as inteligências múltiplas de Howard Gardner, percebi que eu tinha todas, mas como que falo para alguém? Guardei para mim e só fui comentar isso com alguém em 2018, quando estava em sofrimento por conta de assédio moral.

O que é a superdotação multipotencial?

Temos as quatro grandes áreas:

- a. acadêmica-intelectual, linguística e lógico-matemática;
- b. artes;
- c. esportes;
- d. liderança.

Nos superdotados multipotenciais, essas áreas têm muito destaque, ou estão em desenvolvimento.

Todo superdotado é multipotencial, mas nem todos têm a superdotação multipotencial, porque o superdotado tem esses múltiplos interesses e consegue compreender vários assuntos, mesmo não sendo sua área de destaque. Para confirmar as

áreas é importante passar pelo processo de avaliação de altas habilidades ou superdotação.

Tive a sorte de ter estudado música. Se eu não tivesse estudado música ou tido aula de artes, não seria a mesma pessoa que sou hoje. Frequentei a igreja católica até os 9 anos e depois passei a frequentar a igreja evangélica. O que acontece na religião evangélica é algo muito, muito fechado, você é impedido de fazer várias coisas. Eu não queria tocar apenas os hinos da igreja, queria tocar outras músicas, então eu tocava e até hoje toco, diferentemente de outras pessoas.

A música me liberta, porque me expresso e me torno eu mesma. Recentemente ganhei um projeto de uma *live* que participei. Eu sempre carregava alguém comigo e me subestimava, me subestimei a vida inteira. Depois que fui identificada e levei um susto por ser superdotada multipotencial, que é algo que eu nem sabia que existia, demorei vários meses para falar sobre isso, e a psicóloga que me identificou disse: “Você pode fazer o que você quiser!”. Essas palavras foram um motor propulsor para mim. Então ganhei esse projeto de incentivo aos artistas e em janeiro realizei sete apresentações ao vivo, nas quais interconectei vários saberes, e foi quando percebi que posso mesmo fazer o que eu quiser, e que muita gente pode.

Também fui professora. Dei aulas diferenciadas e variadas, sempre tentando ser aquela professora que não tive. Utilizava da arte e da música nas minhas práticas. Meus alunos experimentaram todos os meus instrumentos, eles amavam as minhas aulas, eram muito significativas.

Tudo está interconectado com arte, pensando na criança como um todo, isso faz ampliar os horizontes. Na minha época, o ensino era fragmentado. Eu queria seguir na área das exatas, porque eu amava Matemática, mas quando me mudei para Minas Gerais tive uma dificuldade muito grande no Ensino Médio e percebi que não conseguia compreender mais a Matemática. Se fomos vistos como um todo, interconectando nossos saberes, é sucesso na aprendizagem, mas, infelizmente, ainda temos esse ensino fragmentado, e muitas vezes eles estão tirando disciplinas importantes, que oportunizam ao aluno ser justamente o que o superdotado é: crítico e questionador.

M^a de Fátima: A sua identificação mudou algo na sua relação com os seus alunos?

Samir

É muito pouco tempo para eu te dizer que muitas coisas mudaram, mas mudaram as perspectivas. Acho que sempre segui esse caminho de buscar ser um mentor também, ser uma pessoa que vai estar tentando direcionar essa energia. Eu fazia isso meio que no *freestyle*, do meu jeito. Tive aluno, por exemplo, que dormia em todas as aulas e era engraçado, porque todo mundo sabia que ele era uma pessoa extremamente capaz; eu estava chegando na escola e ele dormia nas minhas aulas, então, na segunda ou terceira vez que ele estava dormindo – e eu sabia que ele era brincalhão também –, tentei manter a cordialidade, acordei ele e perguntei o que tinha no quadro, e ele sabia responder de cabeça, era muito inteligente. Conversei com ele, falei que ele não iria fazer prova de física e que, se quisesse, poderia ir ao laboratório estudar eletrônica. O tema do nosso curso era óptica, ondas. Eu perguntei: “Você sabe programar para celular?”. Ele respondeu: “Não. Para celular, não”. Aí eu disse: “Ótimo”. Comprei um curso de desenvolvimento de jogos “baratinho”, desses de 19 reais, disse para ele assistir às aulas (do curso), aprender e criar um jogo para celular. E ele criou. Ele mesmo desenvolveu as perguntas e o layout... aprendeu! Não fui o único professor que teve esse olhar para ele. Vejo que tive um olhar diferenciado para vários outros alunos, da minha forma.

No fim das contas, minha vida foi inteiramente na escola, desde criança na escola, saí da escola só na faculdade, para voltar para a escola, e mesmo durante a faculdade eu dava aula, então nunca saí da escola. Na verdade, talvez com essa minha tentativa de direcionar essas pessoas das Olimpíadas, tenho buscado trabalhar nessa perspectiva de analisar comparativamente indicadores de pessoas com altas habilidades, pegar os indicadores de testes que conhecemos e aplicá-los em pessoas que são medalhistas de Olimpíadas para que busquemos essa coerência... Para que, de alguma maneira, consigamos instrumentalizar, nos instrumentalizar, aprender melhor o nosso papel nessa busca, pois temos que conduzir nossos alunos para a alta performance que eles podem ter. Isso

sempre foi uma coisa que me inquietou, e desconfio que seja por causa da minha própria busca interna da infância. Então acho que estou no mesmo lado da luta e continuo. Sempre busquei isso, e, agora que me identifiquei, todos os meus esforços se voltaram para essa questão (AH/SD), inclusive estou mudando de área de pesquisa, estou buscando todo tipo de contato (dentro da área). É por isso, inclusive, que estou aqui, porque eu não contei para as pessoas, talvez minha mãe e minha irmã tenham sido pessoas muito restritas. Estou aqui só porque é do sul, inclusive, então ninguém vai me ver.

Percebo que agora posso ter a capacidade de direcionar esses meninos e essas meninas de uma maneira muito mais apropriada e compatível, com o que se tem na literatura da área, então preciso me compreender melhor primeiro, para ser um melhor professor. Juntando todos esses pontos, a identificação, para mim, teve aquele gostinho de “Finalmente encontrei o meu lugar ao sol, onde vou poder repousar, descansar minha multipotencialidade”. Poderei, por exemplo, trabalhar com enriquecimento curricular, no que vou poder me entregar para atividades em várias áreas de atuação de que gosto, então poderei trazer ao mundo o que tenho de melhor, certamente numa função que vai transitar entre a educação, a mentoria e as diversas áreas de interesse... acho que agora tenho instrumentos para isso.

Tati

“Buscamos um rumo, não sabemos para onde ir ou seguir, o que fazer”, “Nos sentimos perdidos no espaço, diferentes”, “Percebemos e sentimos tudo”, “Nos subestimamos” são relatos que mais ouço dos superdotados no grupo que sou idealizadora e que também faziam parte do meu repertório.

A nossa sensibilidade é extremamente aguçada, e isso nos traz sofrimento, porque percebemos a maldade e a bondade, mas muitas vezes duvidamos das nossas intuições. O lidar diariamente é difícil. Acham que a vida do superdotado é perfeita, mas enfrentamos muitos desafios, então termos um foco e tentarmos segui-lo é complicado, porque, no nosso caso, ambos somos multipotenciais, temos um leque de possibilidades, e até acharmos a missão de vida é difícil.

No meu caso, o ateliê é meu rumo, a superdotação é meu rumo. Em maio passei a saber que eu mesma era meu objeto de pesquisa. Também faço parte do mesmo grupo de pesquisa de AH/SD que Samir, estamos trabalhando juntos na questão de identificar essas pessoas.

Sou do sul de Minas Gerais, não tenho oportunidade aqui, já trabalhei em várias escolas, mas não fui aceita, fui trabalhar por conta própria, porque aí consigo me virar, me desenvolver. A avaliação foi um direcionamento na minha vida. Samir entrou no grupo logo depois de ser avaliado, conversei com ele antes, e as falas se repetem, vão se encaixando como peças de um quebra-cabeças, e por meio disso vamos nos entendendo

Agora tenho um rumo, saí do serviço público, que me deixava doente, porque eu não conseguia colocar minhas ideias em prática, e no Ateliê consigo desenvolver isso, porque quero outras possibilidades para eu crescer, desenvolver. É disso que nós e os estudantes precisamos, desse rumo, igual ao Samir, que norteou o aluno. Temos que ter uma visão multidimensional, não uma visão unidimensional.

Samir

É o que estou descobrindo. Estou descobrindo agora, estou passando pelo processo. Vim aqui não só de boa vontade, mas querendo mostrar interesses em comum, conhecer pessoas da área, trilhar esse caminho e aprender um pouco mais o que é preciso para mim e para (se incluir) essas pessoas. E, veja: sou técnico de futsal feminino do campus, trabalhei com literatura, por causa de uma aluna excelente na área (mas não muito boa em Física)... foi aí que criei um projeto e produzimos o e-book sobre as poesias.

Às vezes não entendo o que quero, pois são muitos interesses, então acabamos nos perdendo nesse contexto, como a Tati falou. Uma coisa muito importante: se você é multipotencial, pode fazer muitas coisas, e isso é uma liberdade incrível que, ao mesmo tempo, traz dificuldades e algum sofrimento, porque você acaba ficando refém de todas as coisas que deixou de fazer. Seu cérebro encontra formas de criar uma boa estratégia para conseguir trilhar aquele caminho, mas seu corpo não aguenta trilhar, e você

se estressa, podendo entrar em um ciclo de exaustão, Burnout, alergia emocional, entre outros. Enfim, não é simples lidar e, como já falei, estou aprendendo e esperando algumas respostas também.

M^a de Fátima: Como era o relacionamento interpessoal na escola?

Samir

Na escola eu tinha dificuldade em participar da aula, porque ouvia falarem que eu queria aparecer. Eu sentia que não podia falar, mas tinha muita vontade de participar, aí tive que direcionar essa energia para fazer brincadeiras, porque assim eu seria aceito. Fui orador da turma porque eles sabiam que eu ia fazer algo inusitado, eu emprestava a minha criatividade para interesses em comum, para buscar ser aceito. Ser você mesmo vai ficando de lado em certo momento, e você acaba incorporando essas características – tenho muito disso já natural em mim –, aí as aproveita para se encaixar e acaba se perdendo quando vive em função dessa aceitação. Eu simulava dificuldades e fingia que não sabia de algo, fazia perguntas bem “básicas” com uma cara séria (meus colegas sabiam que era brincadeira). No começo o professor respondia, mas depois (com o passar do tempo) percebia que eu estava brincando. Eu me relacionava assim com os colegas, era uma pessoa que trazia entretenimento.

Tati

Na adolescência as minhas colegas só queriam ficar com os meninos, e eu queria estudar, brincar, desenhar, não queria namorar. Havia inveja. Por exemplo, eu copiava a poesia, mas no fundo fazia um desenho e as minhas colegas falavam: “Tinha que ser a Tatiane”. Mas não era só com os colegas, eu também tinha problema com professor, porque assistia a programas como Fantástico, Globo Repórter e Telecurso 2000, chegava cheia de conteúdo e os professores me podavam.

A minha relação com minhas colegas era complicada, porque elas, na adolescência, só se preocupavam com namorados, e eu queria estudar, aprender, ter uma profissão, ter o meu dinheiro, a minha preocupação era o dinheiro para comprar as

coisas que eu queria. Tinha poucos amigos com quem eu me dava bem.

Eu tinha uma disciplina muito grande por conta da igreja, não podia ser eu mesma, porque a igreja me prendia, e hoje me libertei. Hoje em dia tenho religião, acredito na minha religião, mas agora sou mais livre, tenho minha visão de religião mais ampla. Eu era disciplinada e era aquela menina chata, recebia até apelido de insuportável. Na época eu não ligava, mas depois que passou e fui compreendendo, entendi porque eu era insuportável, eu era a pessoa do método. Quando eu desenhava na aula de artes, todo mundo saía com o desenho igual e ninguém sabia quem era o autor original. A escola era bem próxima da favela e eu lidava com pessoas com vários tipos de situação, havia pessoas que queriam me bater porque eu era inteligente, desenhava, dançava e me destacava, mas eu tinha um emocional melhor nessa época do que depois que me tornei adulta, quando vim para Minas Gerais.

M^a de Fátima: Como é ser AH/SD no contexto familiar?

Tati

Minha família é um tanto quanto complicada, porque fui aquela criança que nasceu temporona, quando a minha mãe tinha 43 anos de idade, e os meus irmãos são todos mais velhos. Então não fui aquela criança mimada, ao contrário de qualquer outra família que tem um bebê recém-chegado. Passei por situações bem difíceis, e eu era o braço direito da mãe e do pai.

Quando jogava videogame com o meu irmão, eu sempre ganhava e ele ficava muito bravo por conta disso. Eu sempre questionava regras, nem sempre aceitava ordens. Sempre tive muito cuidado com a minha família, tinha pena dos meus pais, porque eles trabalhavam muito, e nunca exigi nada deles. Eu tinha meu cofre e ajudava a minha mãe desde cedo. Minha mãe era artesã, costureira; ela tricotava e aprendi com ela muita coisa, mas era uma relação muito difícil, não tinha afetividade.

Ela falava sempre que eu era muito inteligente, até chegou uma época que eu nem queria estudar nada, mas na verdade eu já não estudava, igual ao Samir, só que eu gostava de pegar tudo que aprendi na escola e copiar novamente em casa – aí entra o perfeccionismo para a letra ficar mais bonita. Minha

mãe sabia que eu era inteligente, mas não sabia que era algo fora do padrão, ela tinha essa noção da superdotação, mas não sabia a fundo o que de fato era.

Hoje não lido com a minha família intimamente, tive que cortar relações depois que meus pais faleceram e conversar somente o necessário, porque eles me faziam mal, era uma família muito tóxica, então o meu *sobressair em outras questões*, de conseguir construir casa, ter educação financeira para conseguir comprar uma coisa, ganhar um pouco, eles não sabiam como eu conseguia. Onde moro a situação financeira é baixa, para conseguir conquistar uma coisa é só lutando. Há certas coisas que temos que cortar, porque senão impedem o nosso desenvolvimento. E adoecemos por conta disso.

Samir

A minha família, diferente da família da Tati, é muito singular. Por exemplo, a minha irmã é mestra em Artes Visuais pela UFBA, ela pinta sonhos. Uma coisa que eu não falei, mas me intriga e tem a ver com intuição, com o inconsciente, com sonhos: e temos muito isso na família. Meu pai parecia um bruxo e previa coisas. Teve certa previsão que nos deixou impactados, e isso nos aproximava, criava uma conexão. Minha mãe sempre notava isso em mim, ela assume o papel da pessoa que vai fazer o suporte para que eu possa me desenvolver.

Então acho que as pessoas da família dividiram as tarefas de uma maneira a potencializar as qualidades individuais de cada uma. Por exemplo, tenho estado em casa passando por um processo de tratamento, esse ano várias vezes precisei de um almoço no prato e sempre tive isso da minha família. Minha mãe sempre falou que eu era inteligente demais... ela é uma das pessoas que sempre falavam sobre. Tem uma história que ela me contou sobre o meu aniversário de 3 anos de idade, quando pedi um bolo de Fusquinha Azul (nosso carro, à época) e ela disse que só me daria se eu parasse de mamar. Prometi que pararia e cumpri (nunca mais pedi, sequer, desde então), mas a parte engraçada é que, naquela mesma data, à noite, pedi mama e ela falou que não daria. Então eu disse: "Ainda não é meia-noite". Ela me observava assistindo a filmes e, pela minha reação, percebia que eu estava entendendo algumas coisas antes das pessoas que já falavam. Minha família foi um suporte

importante para mim, acabei também assumindo papéis que me colocam num elevado grau de intensidade relacional com ela, minha relação com o meu pai foi muito forte também... acabamos nos misturando demais.

M^a de Fátima: Existe herança genética para AH/SD? Vocês percebem outros casos identificados no círculo familiar?

Tati

Tenho certeza de que o meu avô, que não conheci, era alto habilidoso, porque o pessoal da cidade fala que ele era considerado “O Feiticeiro”, conhecia muito de ervas, de medicamentos, ouvi dizer que estudou no Rio de Janeiro. A minha mãe contava que ele ensinou várias coisas para ela, e as coisas que ele contava para ela não eram da época, era algo muito avançado para a época, mas a minha mãe, o meu pai e os meus irmãos com certeza são alto habilidosos. Minha mãe aprendeu a tricotar na máquina sem aula, passou no concurso, trabalhou na Beneficência Portuguesa, foi auxiliar de limpeza e auxiliava a enfermagem quando faltavam funcionários. Meu pai aprendeu a tocar violão olhando revistinha, construiu a minha casa com 75 anos de idade, fazia as escadas mais diferentes que vocês podem imaginar, aprendeu tudo sozinho, estudando só até a 3^a série. Meus irmãos têm muita facilidade intelectual, mas, por ser uma família com o emocional extremamente fragilizado, não desenvolveram essas habilidades e projetavam em mim, que era a pessoa que estava desenvolvendo, e essa projeção nos faz ficar doentes.

Samir

Quando entende do que se trata as altas habilidades, você começa a olhar de uma forma mais natural e percebe que não se trata de ser inteligente ou não, mas que é uma questão de funcionamento, de vivenciar melhor a experiência da vida, aproveitar melhor tudo o que você tem de bom para trazer, então olhei para a minha família assim.

Entre em contato com duas pessoas, acredito, com toda a discrição do mundo. Sem parecer um estelionatário intelectual, alertei, levei artigos, entre outros. Tenho uma prima que é doutora em formação de novos escritores e um primo com quem recentemente tive uma conversa por causa da capacidade inte-

lectual dele. Minha irmã é atriz de cinema, atuou no filme *Café com Canela*, como a Violeta, tem uma série de trabalhos em várias áreas e o próprio trabalho acadêmico dela revela isso. Sobre o meu pai, não tenho dúvida.

M^a de Fátima: Ser AH/SD e professor facilita a identificação dos alunos?

Tati

Sim, para mim facilita muito! Fui identificada no ensino remoto em 2020, não tive esse contato, mas agora, depois que passou, começamos a perceber o aluno superdotado e tenho um aprendiz que foi até o meu ateliê e foi o único que foi e teve compromisso, ele está desenvolvendo seus talentos, mostra uma capacidade intelectual muito elevada, mas com disfunção executiva. Espero que ele aproveite essa oportunidade de desenvolvimento e crescimento.

Nossos testemunhos ajudam outras pessoas a se enxergar. Lido com algumas crianças em que já percebo habilidades musicais acima da média, que já têm uma facilidade de aprender, mas é complicado contar para a família e ela aceitar, pelo fato de desconhecerem a superdotação.

M^a de Fátima: Como foi a vivência do Ensino Superior?

Samir

Entre com 17 anos no Ensino Superior e percebi que eu não precisava ir às aulas, porque alguns professores não faziam chamada, então tive uma dificuldade social muito grande na minha graduação. Sempre que o professor dava a opção eu estudava em casa. Quando, pela primeira vez, precisei fazer uma prova final na minha vida, não fui fazer a avaliação de tanta decepção comigo mesmo. Não sei até que ponto foi por validade, mas percebi ali que não seria fácil como eu imaginava mudar alguns hábitos. Para mim foi muito duro não ter com quem conversar sobre, e foi aí que comecei a procurar ajuda. A faculdade trouxe dificuldades muito fortes de relação... A ausência nas aulas me distanciou do corpo docente, das oportunidades de fazer exatamente o que eu mais precisava: um enriquecimento curricular. Então acabei fechando as portas para mim mesmo. Ao concluir a graduação, em apenas um fim de semana, um

colega me ajudou a estudar para uma seleção de mestrado. Li dois livros (um de Geofísica e outro de Geologia), fiz a prova e passei entre os quatro primeiros, como bolsista. Só que demorei pra conseguir uma carta de recomendação para me matricular, porque os meus ex-professores não tinham contato comigo. Meu orientador do mestrado foi meu professor em uma das disciplinas e chegou a demonstrar descontentamento com o fato de eu não copiar as suas aulas, com a minha falta de retidão... Tive dificuldade em relação a ajuste, rotina e estranhamento.

Tati

Tive dificuldades de ingressar no curso superior pelas minhas condições financeiras. Desde os 18 anos a minha vontade era arrumar um emprego. Prestava concursos e Enem para tentar ter um Ensino Superior com bolsa de estudos. Passei no vestibular em 3º lugar, ganhei uma bolsa de 50%, mas não podia pagar a metade, porque tinha gasto com o transporte para ir para outra cidade, então acabei desistindo até melhorar minhas condições. Em 2005 entrei no Curso Técnico de Enfermagem no IF de Machado, no mesmo ano consegui bolsa de estudos para o Ensino Superior de Enfermagem, mas não foi possível assumir a bolsa, porque era em Santo André, e desisti novamente. Fui estudando. Em 2008 fiz o Enem novamente, consegui bolsa de estudos em Pedagogia e já estava há um ano estudando piano erudito no Conservatório de Música, por via do destino, o polo era na minha cidade e as provas eram realizadas na cidade em que eu estudava piano.

Uma das coisas mais interessantes de que me lembro da faculdade foi quando fiz um desenho e uma colega falou: “Você não é normal, não é possível uma pessoa fazer um desenho como esse”. Tenho esse desenho até hoje, de uma árvore com um *band-aid*. A Pedagogia me abriu um leque muito grande. Nunca quis ser professora, mas eu tinha facilidade em dar aula, dou aula de música desde os meus 18 anos e acho que a área mais multi é a Pedagogia, que me ajudou, porque perpassei desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Ainda quero chegar ao Mestrado e ao Doutorado. É algo em que posso trabalhar as minhas potencialidades, embora na educação pública ou na privada eu não consiga fazer isso de forma tão

prazerosa, então tenho que arrumar outras estratégias para desenvolvê-las.

M^a de Fátima: Qual a sua mensagem ao público, ao finalizarmos este encontro?

Samir

Primeiramente, foi um prazer estar aqui, me envolver, me relacionar e conhecer pessoas que têm interesses em comum. É realmente uma boa oportunidade de repensar possibilidades lá na frente, planejamentos de algumas ações.

Tenho um interesse muito forte em trazer algum tipo de contribuição para a área, seria uma honra. Gostaria de dizer para os meus colegas que é uma área importante de se conhecer para nos tornarmos bons professores e boas professoras, porque não podemos ignorar as pessoas que têm essa habilidade acima da média, essa criatividade, esse comprometimento com a tarefa. É uma pena apagar esse brilho nos olhos. Vi pessoas brilhantes se tornarem estudantes desmotivados. Recomendei para eles leituras, artigos... tentei falar coisas pelas quais eles poderiam se interessar (sobre a superdotação), me apresentando como um cara que é especialista em Educação Inclusiva, não como uma pessoa que tem altas habilidades.

Esses são os meus propósitos aqui, e eu gostaria de deixar o convite aberto para qualquer pessoa que tiver interesse de trilhar um caminho parecido, para trocar uma ideia algum dia, pelo meu Facebook ou Instagram²⁷, porque podemos sair com uma carta na manga.

Tati

É um prazer estar compartilhando um pouco da minha vivência juntamente com o Samir. O professor realmente tem que ter uma visão abrangente, e não é tão difícil lidar com o superdotado, geralmente se coloca uma barreira gigantesca, mas não é tão complexo assim. Basta um pouco de amor, acolhimento e um olhar um pouco além, mas a maioria das pessoas parece ter uma venda no olho.

²⁷ <https://www.facebook.com/samir.ferraz>
<https://www.instagram.com/ferrazsamir/>

Lidar com superdotados diariamente tem me feito compreender-nos cada vez mais, pois geralmente colocamos uma barreira quando temos algo diferente, que sai do padrão, e é um grande desafio. É possível fazer essas aulas diferenciadas. Nós, professores, precisamos realmente nos unir para que essas aulas existam e não sejam tão desgastantes.

Lido com vários alunos com o perfil de Samir, estudantes que não gostam de escrever, então o que faço? Trabalho com outras coisas de que eles gostam e pelas quais se interessam, trago significado para as aulas e os atendimentos, modifico o meu plano de aula sempre que necessário. Quem quiser estar trabalhando e estudando o tema, também me disponho a pesquisar e fazer o máximo possível para difundir essa área tão esquecida. Quem quiser me adicionar nas redes sociais, é só seguir meu perfil no Instagram @psicopedagogatatianeoliveira e no YouTube Tatiane Oliveira Psicopedagoga.



Família e AH/SD: construindo relações seguras

O envolvimento e o acompanhamento da família são fundamentais para garantir o desenvolvimento e a autonomia da criança, aspectos que ganham ainda maior relevância no contexto da educação especial, no qual se inserem as altas habilidades ou superdotação.

Como a família pode construir relações seguras no contexto da AH/SD?

Convidamos Aline Lenzi²⁸, uma das fundadoras do grupo Mães que Lutam, e Patrícia Neumann²⁹, psicóloga e pesquisadora, para uma conversa³⁰ sobre o tema “família e AH/SD”. As convidadas nos ajudam a refletir sobre sentimentos, situações e possibilidades familiares para AH/SD.

Boa leitura!

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli³¹

²⁸ Graduada em Moda, mãe de um filho AH/SD, integrante do grupo de Mães que Lutam de Caxias do Sul/RS, Brasil.

²⁹ Bacharela em Psicologia, licenciada em Filosofia e mestra em Educação. Superdotada em ciência e liderança.

³⁰ Disponível em <https://youtu.be/NGEqOKygzSo>

³¹ Docente do IFRS *Campus* Caxias do Sul e mediadora do bate-papo *online*.

Aline

Sou uma mãe muito feliz de dois pequenos, o Arthur, de 6 anos, identificado desde os 3 anos, e a Ana Júlia, de 1 ano e 10 meses. Faço parte do grupo Mães que Lutam, fazendo um trabalho em conjunto para tirar essas crianças da invisibilidade e trazer informação a toda a sociedade para amenizar as dificuldades pelas quais eles passam. Tive que aprender a ser mãe dessas crianças, porque somos preparadas para ser mãe de criança típica, não para ser mãe de crianças especiais, então, quando vem uma criança com identificação de AH/SD, pensamos: “O que fazer e onde procurar informação? Como agir em cada caso?”. Numa situação normal, faríamos tal coisa, mas nessa situação diferente...

A Patrícia Neumann me ajuda muito com as *lives* dela, com os cursos que ela ministra, assim como outras tantas pessoas que apareceram no nosso caminho, que nos dão orientação, então vamos aprendendo a ser mães a cada situação que aparece, quando você tem que pensar “O que posso oferecer de melhor para essa criança? Como vou criar ele da melhor forma? Como posso suprir todas as suas necessidades? Como encarar isso?”. Esse é o nosso desafio, no que estamos trabalhando no grupo Mães que Lutam, juntamente com outras iniciativas, como este projeto, para trazer cada vez mais informação.

Patrícia

Meu nome é Patrícia, e vou começar falando brevemente como a superdotação entra na minha vida. Tenho altas habilidades ou superdotação. Aqui no Brasil os dois termos são usados como sinônimos, e, diferentemente de algumas pessoas que são identificadas na infância, fui identificada quando já era adulta.

É uma situação bastante diferente quando identificamos na infância e quando identificamos na vida adulta, são experiências bastante distintas. A minha identificação ocorreu quando eu tinha 28 anos. Tenho 38 anos agora, então faz 10 anos que sei que sou superdotada, e nesse tempo muita coisa aconteceu que talvez não tivesse acontecido se eu não soubesse também da minha condição.

Sou superdotada acadêmico-intelectual – tanto na área linguística quanto na área lógico-matemática – e superdotada em liderança. São as duas grandes áreas das quatro que temos, não sou superdotada nas outras duas áreas (artes e esportes), apenas na área acadêmica, que engloba as ciências, e na área de liderança.

M^a de Fátima: Qual a importância do papel da família em relação à AH/SD? Às vezes, para quem olha de fora, parece que a sobrecarga está na mãe, como você observa?

Patrícia

Quando pensamos em família, pensamos em todos os membros que a compõem, e essa questão de o foco recair sobre a mãe é algo que precisamos muito repensar, porque a família não é só a mãe, a família é um todo, em que cada membro precisa responsabilizar-se pelas escolhas em conjunto que a família realiza. Mas, sem sombra de dúvida, há essa questão de colocar a maior responsabilidade sobre a mãe, e, consequentemente, aqui temos a questão da mulher também, porque a mãe é que vem associada muito forte com a figura feminina, no sentido da ideia do feminino, do que uma mulher deve fazer e o que não deve. Então temos vários pontos que acabam incidindo de uma forma bastante estereotipada sobre a mulher, sendo que temos muitos papéis que compõem essa pessoa dentro da família, e a mesma coisa digo para os demais membros.

Para começar, o ambiente se torna seguro graças às relações que são construídas nele, então, por si só, isso nos traz a questão da responsabilidade de todas as pessoas envolvidas e de todas as idades também (no caso de famílias que têm irmãos). Temos configurações variadas de família, e ainda bem que as temos. Quero também mencionar as outras configurações familiares, famílias em que temos os dois genitores do mesmo gênero, mães ou pais que criam solo, por uma série de fatores, as famílias que se reconfiguram, em que há separações e depois entra uma nova pessoa, então, quando falamos em família, é sempre muito complexo, porque existem várias situações e, independentemente da configuração familiar, é importante que a responsabilidade familiar seja distribuída a

cada membro conforme o seu lugar dentro do seu complexo familiar.

Precisamos ter um discernimento da responsabilidade de uma criança, de um adolescente e dos adultos dentro desse grupo, e a segurança está diretamente relacionada a isso, é algo que está intimamente ligado, o sentimento de segurança advém do modo como as relações são dadas e construídas no decorrer do tempo dentro de um complexo familiar. Sei que essa resposta que estou dando é bastante generalista, não tão pontual, mas é que realmente é algo difícil de abordar devido à complexidade que implica cada situação em particular, com a narrativa que cada família traz, a inserção dessa criança em um momento familiar, a ordem dos filhos, quando tem mais de um, se essa criança veio dentro do que chamamos de casamento ou não, enfim, tem tantos aspectos que precisamos levar em conta, como a história dos pais, a própria base que eles tiveram e as suas questões pessoais, tudo isso incide no que aqui estamos chamando de segurança.

M^a de Fátima: Como foi para vocês a identificação da superdotação do seu filho? O que mudou depois dessa identificação?

Aline

Família, como a Patrícia estava falando, é uma estrutura bem importante. Entendo que em muitas situações a sobrecarga colocada sobre a mãe se deve a ela estar acompanhando a situação de perto, sem suporte e, na maioria das vezes, sozinha. É importante a família estar bem-assessorada por profissionais e munida de muito conhecimento de como o seu filho funciona. Tenho um bom suporte, meu marido me ajuda bastante, não é aquele que tem a iniciativa, mas me dá apoio e participa ativamente de todos os processos de desenvolvimento dos filhos.

Às vezes, vemos em muitas famílias que um dos cônjuges identifica as características da criança e o outro nega, o que retira a segurança da criança. Quando há falta de apoio na família, quando não se quer enxergar, acho que é uma situação triste, e não tão simples. Muitas famílias até preferem ter uma situação com CID³², porque a criança tem um remédio, se

³² Classificação Internacional de Doenças.

acalma e está tudo certo, tem uma vida “normal”, não é preciso intervir e quem vai tratar ela é o psicólogo, o professor, e vamos jogando a culpa nos outros e não paramos para olhar para dentro. Quando tu tens um filho com altas habilidades, tu te obrigas a olhar um pouco mais como pai e como mãe, a analisar a melhor forma de atuar com ele, fortalecer vínculos afetivos, dedicar um tempo extra a ele, ter muita, muita paciência, ter um olhar além do habitual.

O Arthur, por exemplo, é um furacão. Ele se mostrou desde bebê, então é aquela criança que, quando chega lá no consultório da Patrícia, a família vai contar: “Ele começou a falar com 5 meses, começou a andar com 10 meses”. Percebe que o processo motor dele já é precoce desde cedo, e, quando chegar para um suporte profissional, é importante ter esses aspectos anotados – o que a criança fazia de diferente o que chamava a atenção, comportamentos... –, pois enriquecem e facilitam a avaliação. Outro dia perguntei para uma mãe qual era a habilidade do filho dela e ela disse que não sabia, então que tipo de acompanhamento tem uma criança cuja mãe ainda não olhou para o filho e não sabe o que ele faz? Então tu perguntas para uma mãe do que o filho dela mais gosta, ela diz que gosta de jogar bola, tu vais falar com a criança e ela gosta de pintar. Os pais têm que acompanhar essas crianças, ver tudo isso e dar esse suporte, esse acolhimento, conversar com essa criança, entender o que está sentindo, a causa daquele comportamento, seus interesses, suas dificuldades. Os pais, para ajudar efetivamente, têm que se tornar os maiores especialistas do próprio filho.

O Arthur sempre foi uma criança que dizíamos: “Ah, ele é inteligente”. Então foi passando todas as fases que olhávamos com precocidade, mas não se tinha informação alguma sobre altas habilidades, para nós ele era uma criança inteligente, mas, como era filho único, tu pensas que deve ser coisa “normal”, que é estimulado. Quando ele aprendeu o alfabeto em 15 dias, acendeu uma luz. Como professora, demorei um ano inteiro para ensinar crianças de 6 anos, e o Arthur, com 3 anos, aprendeu em 15 dias... Começamos a procurar a escola e nos diziam que não estavam preparadas para o nosso filho. “O que ele tem de tão diferente?”. Uma diretora me disse: “Mãe, acho que ele tem altas habilidades, você vai ter que procurar ajuda”.

Foi então que, por meio de e-mails, porque na nossa cidade não tinha nada na época (2018), encontramos a FADERS³³ e fomos a Porto Alegre/RS para procurar atendimento, onde ele foi identificado. Meu esposo ficava se questionando se ele realmente era, mas, mesmo não acreditando muito, sempre foi a todas as consultas, sempre colaborou, sempre esteve junto. A partir da confirmação, e depois no acompanhamento, olhou para o nosso filho e se perguntou: “O que fazer agora?”. Então, juntos, aprendemos e decidimos respeitar o ritmo que ele aprende. Fomos nos adequando às necessidades dele, deixando ele ser criança. Tem muitos pais que, só pelo filho ser AH/SD, enchem a criança de atividades, para trabalhar todas as habilidades, e nós não fizemos isso, deixamos o Arthur nos mostrar o caminho que ele iria seguir, sempre assessorando as demandas que partiam dele, dando suporte para que ele pudesse desenvolver suas habilidades sem influências e pressão. Contamos muito com a orientação da especialista Larice. Teve momentos de dar limites à criança, de deixar brincar e se lambuzar, de aprender com as frustrações, de estudar e assistir juntos a documentários para explicar dúvidas... Mudou muito nossa forma de pensar e agir com ele. Nos tirou da zona de conforto, e fomos estudar para entender nosso pequeno.

M^a de Fátima: Como se dá a reação das famílias diante da identificação da criança AH/SD? O processo de negação é comum?

Patrícia

O que geralmente observo dos pais que buscam por avaliação é que, basicamente, há dois grandes perfis, pelo menos até agora.

Tem aquela família que busca pela avaliação, mas que não põe muita fé que o seu filho ou a sua filha possa ter altas habilidades – geralmente a família que tem essa reação inicial é aquela que veio por causa de outra coisa, porque foi encaminhada por alguém, por algum profissional, seja da educação ou da saúde, que levantou uma hipótese ou até mesmo por amigos que podem mostrar alguma coisa ali, e acata a opinião de uma outra pessoa e busca por avaliação. Nesses casos, as famílias,

³³ Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para PCD e PCAH no RS.

muitas vezes, chegam céticas para o processo avaliativo, e aqui já faço relação com aquela ideia estereotipada da superdotação, de que a criança superdotada é aquela que vai tirar sempre as maiores notas na escola, que nunca vai dar problema, nunca vai ter dificuldade em alguma coisa, isso é um mito completo, então a criança não é criança se for assim, é alguma outra coisa para nunca ter minimamente alguma coisa a se resolver, é como se a criança não precisasse ser educada, não precisasse aprender uma infinidade de coisas e assim por diante. Eu diria que essa ideia ainda atrapalha demais a própria identificação e, conseqüentemente, os próximos passos, porque, se esperamos essa criança imaginária, nosso(a) filho(a) não vai ter as habilidades mesmo, porque não vai se encaixar nessa imagem estereotipada, e não sei se alguma criança se encaixa nisso totalmente. Claro que existem crianças mais tranquilas, não tão agitadas, existem crianças que têm menos dificuldades do que outras, mas não ao ponto desse estereótipo. Então existe esse perfil de família que chega a ser um pouco cética ou tem muita dúvida, às vezes não é nem tanto um ceticismo, mas muitas dúvidas e muita angústia.

E tem um outro perfil de família que já vem para a avaliação sabendo que a criança é superdotada e não duvida disso. Então tudo depende de vários fatores, daquela complexidade familiar que mencionei antes, porque existem famílias que são mais integradas, famílias que se comunicam melhor, famílias que são mais sensíveis à sua criança e famílias cujos pais não são tão sensíveis às necessidades da criança porque estão mais ocupados com outras coisas do que com ela, eles colocam outras prioridades. Esse movimento de funcionamento vai incidir na avaliação, então são diversos fatores a serem considerados, e eu diria que a reação que os pais têm quando descobrem que têm uma criança que é público de educação especial é conforme o perfil familiar. Aqueles que já sabem que a criança é superdotada muitas vezes conseguem lidar com isso de forma melhor, porque já não é aquele choque, eles já estavam esperando por isso, já observavam.

Tem aqueles pais que, nas entrevistas feitas durante o processo avaliativo, dizem: “Olha, sentimos que tem alguma coisa diferente, não sabemos o que é, mas percebemos que não é como as outras crianças”. Daí vem a conversa com outros

pais, porque tem o filho da vizinha, tem os primos, existe algo diferente nessa criança, embora não se saiba exatamente o que é ainda.

Já as famílias que têm certo ceticismo ou que estão muito duvidosas, geralmente a surpresa é muito grande, e grande parte disso é por causa do desconhecimento, é aquela coisa: “Nossa, mas como assim temos uma criança superdotada?! Ele não é como o estereótipo”. Então você vai ter que ter uma quebra de crença ali, só para começar, e todas as nossas crenças, quando são abaladas, também abalam o nosso sistema existencial, ou seja, deslocamos de um lugar para outro, e aí temos que nos reorganizar internamente, a partir da nova realidade que não pode mais ser negada – não tem mais como eu negar aquilo de que antes eu duvidava. Acredito que isso faça com que muitas famílias prefiram um CID, porque é mais conhecido e é como se já tivesse a receita de bolo para o CID, você tem um medicamento, leva no médico, não vai precisar conversar na escola a não ser para dizer que já está medicado, então acho que também tem um pouco disso, não que a família queira necessariamente ter um filho com uma psicopatologia, mas é mais fácil. E não precisa se deslocar de onde está, porque é mais aceitável socialmente uma criança com TDAH do que uma criança superdotada.

M^a de Fátima: Existe relação entre AH/SD e hereditariedade?

Patrícia

A resposta da pergunta é *sim*, existe um componente hereditário, então, se temos uma criança em uma geração superdotada, existe uma grande probabilidade de que pelo menos um dos pais seja, o que não quer dizer que é sempre, mas em gerações anteriores teve alguém que não foi identificado. As pesquisas na área apontam esse fenômeno da hereditariedade, às vezes pula a geração ou já vai na geração seguinte. Encontramos várias configurações de pais que não são superdotados e têm filhos superdotados, e esse filho pode ser o único dentre irmãos – por exemplo, ter dois ou três irmãos e ser o único. Temos famílias que, dentre dois ou três filhos, todos são superdotados, também temos a situação de a ser mãe superdotada mas não o pai, ou vice-versa, e situações em que o

pai e a mãe são superdotados e todos os filhos também. Então as probabilidades de saída, de quem tem ou não uma condição de neurodesenvolvimento diferenciada, variam bastante.

M^a de Fátima: Como você percebe a situação em que os pais são superdotados? Podem apresentar uma tendência a ter uma exigência maior sobre o seu filho, gerando uma situação de sofrimento familiar?

Patrícia

Sim, isso acontece em alguns casos, e é muito importante tocar nesse ponto dos pais também quando são superdotados e muitas vezes não sabem. É muito comum, inclusive, pais que buscam avaliação para a sua criança, no processo avaliativo se percebem e aí começam a rememorar a sua história e ver que têm muitas semelhanças com a história da sua criança. Quando isso acontece, muitas vezes acaba gerando um choque, o que chamo de duplo choque, porque também tem o choque de ter uma criança de educação especial. E, afinal de contas, o que é isso? Porque há um estereótipo em relação à educação especial, e infelizmente ainda permeia o imaginário social da educação especial para deficiência intelectual e de que ter um filho da educação especial não é uma coisa boa, porque não é “normal” como os outros. Ainda temos muito forte esse estereótipo, por mais que estejamos no século XXI. Essa coisa da normalidade, de que quem é da educação especial não é normal como os outros, pode trazer, muitas vezes, medo aos pais que se veem em uma situação nova, como a de que estamos aqui falando, e permeada por todos os estereótipos em torno do que é ter uma criança que tem necessidades educacionais especiais.

Grande parte da população não sabe o que é isso, não sabe o que é uma necessidade educacional especial, menos ainda o que fazer com isso, o que gera uma angústia, um mal-estar muito grande e um desespero em muitos casos, porque, afinal de contas, uma das grandes questões é: “O que fazer com isso? O que podemos fazer com tudo isso?”. Então, quando os pais se deparam com isso, imagina quando eles também se percebem (um ou outro). É como se fosse uma história que está sendo contada novamente, só que agora do(a) filho(a), mas com muitas partes que se assemelham à sua própria história. Muitos pais

(que se sentem identificados) tendem a buscar avaliação para eles próprios após o processo avaliativo do filho, e é sempre muito importante saber quem somos, independentemente da idade. Quanto mais cedo, melhor, mas não é porque não fui identificada na infância que tenho que carregar o sofrimento pelo resto da vida. Podemos identificar as pessoas em qualquer época da vida, e isso trará algum benefício.

M^a de Fátima: Como você percebe, por exemplo, os casos em que há mais irmãos e esses outros não têm altas habilidades? Qual é a importância dessa identificação? E existe, talvez, uma tendência a esse filho se sentir mais solitário e mais cobrado?

Patrícia

Vai depender muito do sistema familiar, de como os pais gerenciam as relações afetivas entre os irmãos, quando pensamos na existência de dois ou mais irmãos, porque as relações entre irmãos são gerenciadas em grande medida pelos pais, mas claro que os irmãos também têm sua autonomia de relacionar-se. Por exemplo, um sistema familiar cujo principal valor é a compaixão é muito diferente de uma família que valoriza a competitividade, muda completamente o sistema familiar. Aqui só dei um exemplo, imagina todo o resto. Também vai depender muito da forma como os pais olham para cada filho, para cada filha, e isso vai incidir diretamente na forma como esses irmãos vão se relacionar entre si também, então a grande questão, ao meu ver, está nos adultos, na forma como eles gerenciam, como eles passam os valores daquele sistema, porque os irmãos vão aprendendo a se relacionar entre si conforme a forma como interpretam o que os pais esperam deles como filhos. Isso também vemos na ordem familiar: o filho mais velho, o do meio e o filho mais jovem, então isso vai incidir.

Com você trazendo essa questão de irmãos, lembro-me de uma família que conheci e tem quatro irmãos (três meninos e uma menina). Os três meninos são superdotados e a menina não é, então é uma situação muito delicada de se manejar, ainda mais com toda a questão de gênero sobre as meninas, e ainda, nessa família em particular, a menina tem dificuldades de aprendizagem, então ela é meio que o oposto dos irmãos.

Três meninos superdotados e uma menina não é, e ela ainda tem certas dificuldades, não é nem aquela que está na média. Detesto falar sobre a média. O que é essa média e quem está nela? Estou falando aqui só para dar uma noção mesmo, porque detesto essa categorização das pessoas. Mas aqui, só para dar essa noção de quem está com algumas dificuldades a mais e a menos, o que é interessante nessa família que conheci é que os irmãos são todos extremamente apegados uns aos outros, os quatro – claro que eles têm as suas desavenças, seus conflitos, suas disputas, mas os pais conduzem de uma maneira que essa filha não fique excluída, muito pelo contrário, tanto que um dos motivos para não ser feita a aceleração dos meninos é que eles não querem mudar de ano e deixar a irmã muito para trás.

Então percebemos que existe um manejo afetivo da família, de acolhimento a cada um desses filhos. Curiosamente, dois meninos são gêmeos e superdotados. A ordem é um filho mais velho, os gêmeos, em seguida a menina e, por último, o menino mais novo. É uma estrutura familiar muito interessante, que tive a oportunidade de conhecer, e os pais são muito atentos a essas disparidades entre os irmãos, o que reflete também na qualidade da relação entre eles. Então, como eu disse, vai depender de muitos fatores.

M^a de Fátima: Como você percebe essa questão de as pessoas tentarem se colocar em um padrão para se sentirem mais seguras?

Aline

Como família, o que sempre tentamos é explicar que ele não é igual aos outros, mas também que o diferente é legal, que o colega é diferente, todo mundo é diferente, cada um tem a sua particularidade, então ele se enxerga diferente, mas é um diferente normal, porque é normal ser diferente. Se a família trata toda essa questão com naturalidade e dá essa segurança para ele, explica que ninguém pensa igual ao coleguinha e coloca como uma questão de normalidade, ele não se sente, assim, aquele Patinho Feio, ele se sente acolhido. Assim, sou diferente e aprendo a respeitar o outro que é diferente. Com isso se está explicando a questão de gênero, a questão racial, o pensar de outra forma, que é legal ser diferente. Ele se sente

bem e não fica aquela coisa “você é superdotado”, “você tem condições diferentes”. Tipo, tenho isso, fulano tem aquilo e está tudo bem, então ele acaba lidando com isso de uma maneira mais natural, e entendo que é essa a função da família, deixá-lo se sentir mais tranquilo e acolhido, porque temos que o preparar para uma sociedade que não está pronta para ele. Acredito que essa é a função de pai e mãe, fortalecer essas questões dele, explicar que ele pensa assim, que a cabeça dele vai reagir assim e a do fulano não é da mesma maneira nem tem a mesma velocidade.

O meu filho ainda é pequeno, mas futuramente ele vai poder achar uma namorada ou um namorado ou não vai achar alguém e está tudo bem, outras questões também como: “Ah, não vou conversar com todo mundo” – Tudo bem, filho; “Vai ter um coleguinha que eu vou gostar mais e não vou ter um monte de amigos igual todo mundo” – Tudo bem, filho. Então, ao trabalhar com mais naturalidade todas essas questões, ele vai reagir melhor. Os adultos, hoje, com AH tiveram que achar um jeito de passar por tudo isso, às vezes, se tivessem pais mais esclarecidos, quantos problemas e dores desnecessárias, como disse a Patrícia, teriam sido evitados? Em uma sociedade que não nos prepara para isso, eles acharam um jeito, quando adultos, de lidar com todas essas situações, de ultrapassar e seguir adiante, então penso que, quando a descoberta ocorre cedo, o que podemos fazer como família é preparar para essa sociedade, preparar a visão deles, deixar claro que eles têm toda essa condição, mas é importante tratá-los como “normais”, para terem uma vida um pouco mais saudável.

Com relação à minha filha menor, suspeitamos que possa ser também AH/SD. Observando alguns detalhes dela ainda pequenininha, notamos que ela está no oposto do irmão, então acredito que ela está tentando achar o lugar dela, e vemos isso como questão de irmãos. Enquanto o irmão é acadêmico, ela é mais criativa, hiperativa com outras coisas, mais focada, bem enfática no que ela gosta, já o Arthur é um pouco de tudo. Percebemos bastante diferença de personalidade, mas, ao mesmo tempo, vemos o avanço bem significativo dela para a idade, então são características diferentes que vemos em questão de irmãos.

Também tem essa parte de não dar aquela competição de, por exemplo, “você faz assim e o seu irmão tem que fazer assim”. Eles têm que estar juntos, são irmãos e podem se ajudar de todas as formas, como o Arthur pode ajudar o coleguinha que não entendeu alguma coisa, mas receber ajuda na parte artística ou física. A parte física é uma dificuldade para ele, nem chamam para jogar, porque não dá. Explicamos que ele não é tão bom nessa parte e pode receber ajuda de algum coleguinha e ajudar no que mais domina. É a questão da colaboração, ensiná-lo a viver em sociedade, com pequenas situações do dia a dia, e acompanhar o tema. Muitas mães dizem não ter tempo, mas, por exemplo, enquanto você está fazendo o almoço, dá uma olhadinha no que ele está fazendo, escuta o que ele tem para dizer, a parte de *bullying* e as dificuldades que está enfrentando. Sempre digo que às vezes vale mais a pena não pagar uma van para ir buscá-lo na escola e descobrir como foi a aula dele, conversar, porque hoje ele é uma criança, mas essa abertura à conversa, quando ele for adulto ou estiver na adolescência com um problemão, acho que é uma semente que plantamos e mostra que ele vai contar sempre com a família. Essas conversas ajudam a resolver picuinhas.

Na primeira vez que foi para escola, ele disse: “Mãe, mas você não vai estar perto para me ajudar”. Eu disse: “Filho, a mãe está sempre morando no seu coração, então está sempre perto. Quando sentir dúvida, aperta o coraçãozinho que a mãe vai estar ali”. Então eles nunca vão se sentir sozinhos, desamparados.

Entendo que a família tem que estar presente e ser o porto seguro, porque, infelizmente, na nossa sociedade eles ainda não são aceitos. O jeito deles de encarar a vida e achar seus pares é difícil, então, quando se sentem isolados, devem saber que têm uma família, um porto seguro, e, se estão seguros, ir adiante. Acredito que é isso que fazemos como uma família.

Patrícia

Eu gostaria de fazer um complemento à sua fala pensando no depois, na vida adulta, porque essas crianças crescem, crescem rápido, e logo se tornam adultos com todas as exigências que a vida adulta traz, que não são poucas. Temos muitas exigências na vida adulta, e eu, que trabalho especificamente

com o público adulto, também lido um pouco com as famílias, mas, ainda assim, a minha maior área de trabalho, meu maior campo de pesquisa, é a vida adulta. E o que é possível ver disso tudo? Essas relações familiares vão incidir na vida adulta, mesmo depois que se cresce e torna-se, pelo menos aparentemente, independente – digo *aparentemente* porque não somos tão independentes assim como gostaríamos, muitas vezes, por *n* motivos, e um deles é a própria autonomia interna, de conseguir relacionar-se de forma independente, e quando falo de independência quero dizer uma pessoa capaz de tomar as próprias decisões, o que não quer dizer que ela não precisa de ajuda.

Acho que ainda se confunde independência com ausência de ajuda. Muito pelo contrário, muitas vezes um sinal de independência é reconhecer que preciso de ajuda e que sozinha não vou conseguir dar conta de uma problemática, então vou buscar ajuda de alguém, isso é ser independente. Ser independente não quer dizer viver sozinho, fazer tudo sozinho ou ter que dar conta de tudo sozinho, é justamente conseguir construir redes de apoio para si e ser apoio também para outros. Isso também é sinônimo de independência: quando consigo oferecer ajuda para alguém. Então, aqui fazendo o *link* com o que você falou dessa orientação para os filhos, de explicar “você vai muito bem nisso, mas nisso nem tanto”, você pode precisar de ajuda e pode oferecer ajuda, ou seja, recebemos ajuda e doamos ajuda. Quando olhamos para a vida adulta, vamos ver os efeitos dessas relações familiares de forma muito presente.

Vou dar um exemplo do que podemos encontrar enquanto adultos: pessoas que conseguem se organizar até que razoavelmente na sua vida e outras que têm uma dificuldade gigantesca de organizar-se internamente. Muitos precisam de muita ajuda para conseguir se organizar, e tenho observado cada vez mais que isso começa no meio familiar, nos primeiros anos, e vai sendo protelado no decorrer da vida, e aí, quando adultas, muitas vezes essas pessoas vão precisar de ajuda de alguém e até mesmo de terapia para conseguir se organizar, coisa que os pais poderiam ter oferecido se soubessem fazer isso. Às vezes os pais também são desorganizados, a vida é uma bagunça, então como vão orientar a criança a não ser uma bagunça também? Vemos, aqui, a questão geracional,

passando de geração em geração, e em algum momento isso precisa ser modificado, senão as pessoas vão continuar sofrendo, geração após geração. Estamos aqui falando de crianças, de infância, de família, mas isso vai estender-se para a vida adulta. É projeto de vida, porque a vida não acaba na infância, ela continua. E como faz isso? Conforme ela for direcionada e a ela forem dadas condições para ser livre e autônoma, no sentido de liberdade e não de querer fazer tudo o que quer, pois isso não é liberdade. Liberdade é um conjunto de responsabilidade e ética, o que vai implicar a colaboração, a consciência dos próprios limites, a consciência dos limites do outro, em que está a delimitação entre o eu e o outro, no que cedo e no que não cedo, então é isso tudo que compõe liberdade, o poder de escolha. Quanto mais conseguirmos orientar essas crianças, jovens e adultos quando chegam em busca de ajuda para profissionais ou mesmo para outras pessoas, melhor. Acho que a grande questão está nisso. Se eu pudesse dizer qual a função da família, como profissional, eu defenderia que é a formação de seres livres. Mas que liberdade é essa? É um conjunto de autonomia, de responsabilidade e de ética.

M^a de Fátima: Já falamos no nosso projeto sobre como a escola enxerga o papel da família nas altas habilidades. Quando a escola pontuou a importância da família para que possa também desempenhar o seu papel, falou-se que quando a família está junto o resultado é melhor, porque se trabalha coletivamente, e as coisas não ficam só a cargo da escola ou só a cargo da família. Mas é importante ouvir que importância tem a escola para a família, porque o que percebo em algumas falas é que às vezes é um sofrimento também conseguir que a criança, o adulto ou o adolescente seja reconhecido e se reconheça na escola. Para alguns, parece que a escola acaba sendo um sinônimo de sofrimento, só que passamos muito tempo da nossa vida na escola. Como vocês percebem essa relação?

Aline

É uma relação conturbada, mas acho que fui muito feliz na escolha da escola do Arthur, cujas professoras abriram as portas e disseram: “Não sabemos lidar com ele, mas, se tu nos deres a chance, gostaríamos de aprender”. Então eu disse que,

se elas estavam dispostas, iríamos trabalhar juntas, e é isso que vem acontecendo. Sou uma mãe conhecida na escola, a cada pouco me chamam para dizer, por exemplo: “Olha, não está funcionando tal tática agora, que tal fazer de outro jeito?” e “Que necessidades o Arthur tem?”. Volta e meia, quando está saturado do assunto, ele pode sair um pouquinho da sala de aula e ir para à biblioteca, às vezes ao parquinho, porque ele olha para a professora e é muito transparente: “Profe, meu corpo não consegue mais ficar sentado”. Elas entendem as necessidades dele e ele sai. Ao mesmo tempo, em casa, conversamos com ele: “Arthur, tem certas coisas que *gostamos* de fazer e tem certas obrigações que *temos* que fazer. E existem regras. A sociedade tem regras que precisamos obedecer. Na hora de ir para a escola você é respeitado pelo que é, e pode sair quando está muito agitado. Por quê? Porque você vai correr e gastar a sua energia, mas também não pode atrapalhar a aula da professora”. Como pais, temos que entender que os nossos filhos têm direitos, a escola tem que adaptar a situação para ele, mas precisamos entender as outras mães, que também não querem uma criança que começa a correr dentro de sala aula, gritar e fazer com que a professora não consiga dar aula, então precisamos nos colocar no lugar do outro, e é isso que ensinamos para o nosso filho, então pedimos para ele conversar com a professora quando estiver agitado. Temos essa abertura com a escola, e tem ajudado bastante, pois ele está entendendo as diferenças com os coleguinhas e aprendendo sobre respeito.

Por exemplo, outro dia estávamos conversando sobre a letra de fulano ser feia. Como ele começou a ir aos escoteiros e o lema é “Fazer o melhor possível”, dissemos: “Arthur, mas se o coleguinha fez o melhor possível dele, é linda a letra dele. Não é linda para você, mas é o melhor possível que ele consegue fazer”. Isso ajuda a trabalhar o perfeccionismo dele, então, se esse é o seu melhor possível, beleza, não precisa ser 10, se você deu o seu melhor, ok. Como pais, adotamos esse lema, e dizemos que não somos perfeitos, mas é o melhor que posso fazer para o meu filho na situação em que estou, então tudo bem. Queremos sempre ser o melhor, que eles sejam os melhores, e nem sempre é assim, mas é o melhor que ele pode ser no momento.

A escola tem sido um lugar muito bom para ele conviver, para aprender coisas novas e a ter paciência, porque tivemos que trabalhar isso com ele, de ficar sentado e fazer o que ele não gosta. Brinco com as mães dizendo que os superdotados secam a louça, porque tem quem diga “Ele tem que estudar”, e eu digo: “Ele tem a parte dele de comprometimento na família, cada um tem um papel dentro da casa”. Dividimos as tarefas, então temos as cobranças, as coisas boas e as coisas que fazemos porque é necessário, então para nós é um complemento enorme. Com relação à questão de *bullying* que ele acabou sofrendo, vimos como foi importante as outras famílias saberem da condição dele. Chegou ao ponto de o Arthur estar apanhando em sala de aula e tivemos que conversar com os pais e explicar por que o Arthur tinha certos comportamentos. A partir do momento que as famílias entenderam e explicaram para as crianças a condição do Arthur, não tive mais do que reclamar na sala de aula.

Às vezes nos fechamos para não expor o Arthur, não contamos para ele que os pais dos colegas achavam estranho o fato de ele ter 6 anos e estar no segundo ano. Tem outras questões que eu estava preparada para conversar com o Arthur lá na adolescência, mas tive que conversar agora, explicar que ele tem o lugar dele, que fez por merecer, que não está lá porque simplesmente colocaram – certas conversas que não estávamos preparados e tivemos que parar para ver que era necessário conversar com ele e fazê-lo entender essas coisas. Foi tão bom, porque, conforme veio a demanda, ele foi entendendo, e isso foi tranquilizando-o. Ele começou a ir para a escola de um jeito tranquilo, então, hoje, sabe o ponto em que está, pois aprendeu a se conhecer.

Tem coisas que pensávamos que ele ia fazer só quando adolescente, mas o Arthur faz desde os 4 anos, para aprender a se conhecer, a saber quando está nervoso. Tem que saber que pode sentir raiva, mas aprender o jeito certo de colocar essa raiva para fora, que não é batendo no colega, mas explicando ao colega o que ele está sentindo.

São certas coisas que tivemos que trabalhar para ele se entender e poder estar entendendo a sociedade, como diz a Patrícia. Sabemos que temos que nos preparar para um futuro

e para ele também lidar com essa habilidade dele, para ser uma pessoa que consegue colocar para fora e se sentir feliz e não excluído. Volta e meia ele levanta a mão, então a professora fala: “Espera um pouquinho, vamos ver se outro colega não quer compartilhar um pensamento também”. Não precisa ser sempre ele a levantar a mão, então dividir as coisas e saber escutar são outras coisas que ele aprendeu na escola. A escola não ensina só conteúdo para o AH/SD, está ensinando muita coisa de convivência, respeito e sociedade.

Patrícia

Ouvindo o que Aline trouxe, estou totalmente de acordo com as palavras dela, porque ela colocou algo que é fundamental e com que concordo totalmente, pois é isso mesmo. A partir da fala dela, quero reforçar dois grandes pontos que estão inter-relacionados: a comunicação e a autorregulação.

Comunicação é a base de tudo, a forma como nos comunicamos, o que nós comunicamos. Comunicar-se é responsabilizar-se. Quando me comunico, estou me responsabilizando por aquilo que comunico. Essa comunicação é de tudo, das emoções, dos nossos pensamentos, daquilo que se passa conosco, das percepções e das interpretações do mundo. Quando falo comunicação, falo de todas as partes, daquela criança, daquele jovem, e, pensando depois para a vida adulta, também da própria pessoa que tem um funcionamento neurodivergente. Como ela se comunica? Como ela se coloca no mundo a partir disso? E, pensando na escola em específico, como se dará também essa comunicação com os demais membros desse sistema?

É bom saber que em algumas situações as pessoas estão abertas à comunicação, mas infelizmente não em todos os espaços. Há espaços em que a escola é muito fechada, infelizmente, e aí nesses lugares, muitas vezes, é insustentável manter a criança, porque acaba havendo um desamparo para a família e a criança. Existem situações e situações. Trago aqui a comunicação como um ponto central, porque não é só a criança que está na escola, é a família dela que está na escola, também porque o que acontece na escola vai incidir em casa, os pais sabem disso, se acontecer alguma coisa dolorosa na escola isso vai estourar em casa ou vice-versa, se acontecem coisas

dolorosas dentro da família isso vai desembocar na escola. É um sistema de cada um, é o seu sistema, mas é o sistema que está em comunicação, e quanto mais clara for essa comunicação, conscientemente, melhor para ambos os sistemas, melhor para a escola compreender as necessidades dessa criança e dessa família, porque, quando temos uma criança com necessidades educacionais especiais, temos pais com necessidades educacionais especiais também. Temos uma mãe que vai passar por situações que talvez uma boa parte das outras não passa da mesma forma, e o pai também, ou se for dois pais ou duas mães, ou, enfim, todas as configurações possíveis. Então, vejo, em muitos relatos que tenho acompanhado, que muitas vezes as mães têm um sofrimento tão grande quanto a sua criança com a escola, pois também não se sente compreendida, também não se sente ouvida como precisa, muitas vezes se sente excluída junto com a sua criança, então isso gera um processo de dor muito grande. Por que digo a mãe? Porque geralmente, em muitas situações, é a mãe que está à frente, muito mais do que o pai, com exceções, é claro. Já acompanhei ao contrário, é o pai que está lá na frente sempre e a mãe nem tanto, é o pai que vai conversar com o professor, então também temos aí uma diversidade muito grande dentro das famílias.

A comunicação vai ser fundamental para tudo, mas aqui quero fazer, então, o *link* com outro ponto, que é a autorregulação. Muitas crianças superdotadas, não todas, precisam aprender a se autorregular, e isso é, muitas vezes, difícil para elas. É difícil pela sua própria constituição de funcionamento neurodivergente, que coloca a ela situações com as quais as outras crianças, muitas vezes, não vão precisar necessariamente lidar.

M^a de Fátima: Em que consiste a autorregulação?

Patrícia

A autorregulação a que estou me referindo é a capacidade de desenvolvermos recursos internos para lidar com nossas demandas. Por exemplo, o meu corpo não aguenta mais ficar sentado nessa cadeira, essa é uma demanda, o que vou fazer para resolver essa demanda? Existe uma infinidade de possibilidades: posso ficar andando pela sala, ficar mexendo com

os colegas, ficar literalmente atrapalhando a professora, ter uma crise, conseguir guardar isso, o que depois vai incidir num adoecimento... Tem uma infinidade de possibilidades para lidar com isso. A autorregulação é basicamente isso: reconheço as minhas demandas, que podem ser físicas, emocionais e intelectuais, cada uma a seu momento ou todas juntas ao mesmo tempo, e preciso ter estratégias de regulação para cada uma delas. O que faço com a minha vontade de responder aquela pergunta que a professora fez e sei a resposta? Se eu responder todas as vezes, não dou oportunidade para os outros, e vou começar a ser aquela pessoa meio chata, desagradável no meio social, esse é um exemplo. Mas morro de vontade de responder o que sei, porque é um prazer ter esse contato com conhecimento, então preciso de uma estratégia para lidar com essa vontade e saber que agora vou ficar quieto, sei a resposta, mas vou dar espaço para outra pessoa responder. Pessoalmente, só fui aprender a fazer isso quando estava na faculdade, então não aprendi a fazer isso quando era mais nova, mas aprendi na faculdade, depois de uma série de situações que acabei enfrentando. Se não aprender quando é mais jovem, vai precisar aprender em outros espaços, e, se não aprender, vai sofrer, essa é a grande questão. Se não aprendemos certas questões de autorregulação, vamos estar repetidamente sofrendo com as mesmas situações. Aqui eu trouxe pequenos exemplos do dia a dia, mas podemos ampliar para coisas muito maiores também, decisões mais profundas da vida que dependem de autorregulação. Outro exemplo, só para findar esse comentário: quando a pessoa tem muitos interesses, uma ampla gama de interesses, gosta de muitas coisas e fica naquela de não saber o que fazer, porque gosta de muitas coisas, muitas vezes quer fazer tudo e daí não consegue terminar, larga no meio do caminho, já vai começar a fazer outra coisa, isso é falta de autorregulação. Preciso me delimitar internamente. Mesmo querendo fazer tudo, não dá tempo, essa é a questão, não é nem muitas vezes questão de falta de capacidade, é porque não dá tempo de fazer tudo de que gostamos, não temos tempo para isso, porque cada coisa que fazemos depende do nosso tempo e da nossa energia, e tempo e energia são finitos para nós, seres humanos. Geralmente nós, pessoas superdotadas, gostamos de muitas coisas, então precisamos aprender a focar

em algumas e abrir mão de outras. Isso é algo fundamental para a família ensinar para as crianças e a escola ajudar nisso.

Precisamos disso a vida toda, pois dependemos de autorregulação e comunicação. Melhorar a comunicação, a nossa capacidade de nos comunicar adequadamente, que é transmitir aquilo que estamos pensando, sentindo, de uma forma que se torne acessível a outras pessoas. Muitas vezes podemos dizer uma mensagem que para nós é muito clara, mas para o outro não, essa também é uma grande dificuldade das pessoas superdotadas, está tudo muito nítido, muito óbvio, mas para o outro não está óbvio, o que pode acabar gerando conflitos. Tudo isso entra na comunicação e ajuda com essa autorregulação. Precisamos desses recursos e dessas ferramentas para lidar com o que acontece conosco internamente, da melhor maneira possível, para que não nos desgastemos e não sofram sem necessidade, porque temos muitos sofrimentos que são colocados na nossa existência e sobre os quais não temos controle, então vamos diminuir aqueles que podemos ter alguma margem de delimitação e controle.

Aline

Posso dizer que aprendi com as crianças que, para ajudar nisso, podemos ajudar na delimitação de ajeitar o material, com pequenas coisas. “Filho, se você terminou o seu tema, guarde o material na mochila, aí você começa a organizar suas coisas para brincar”. Então, mostrar que ele tem que terminar uma tarefa para começar outra. “Ah, não estou mais com vontade de fazer o tema, não estou conseguindo”, “Beleza, só que antes de brincar você vai guardar o seu material, depois podemos voltar a fazer, tudo bem, mas você guarda”.

A ideia de que um alto habilidoso vai ser um gênio e ser superbem-sucedido na vida profissional porque sabe tudo é mito, e ele pode apresentar grandes problemas nessa questão, como ir pipocando de emprego em emprego sem se encontrar. De repente, se a sua família tivesse dado orientação de concluir bem cada atividade... Saber se organizar ajuda em questões na fase adulta. Quando o Arthur começou a escrever, tinha lápis para todos os lados. É preciso saber também as limitações da criança, ele não consegue usar canetinha, então não dou, porque ainda não está preparado. A família tem que saber os

limites e conseguir compreender e ir liberando aos pouquinhos, para que ele já vá trabalhando, na mente dele, que é preciso terminar uma coisa para começar outra. Então essas questões pequenininhas que se trabalham com a criança vão ajudar lá na frente.

Patrícia

Fará toda a diferença. E digo isso pelo meu trabalho com adultos, porque estou aí na outra ponta, onde, por exemplo, trabalho em psicoterapia com adulto superdotados e as questões com a autorregulação são muito presentes, muito frequentes, e aquilo que muitas vezes não foi ofertado no meio familiar é preciso se construir de outra forma, com outras fontes. Uma das fontes, inclusive, é o processo psicoterapêutico para alguns, então logo vão começar a aprender a se autorregular a partir da terapia, mas imagina quanto sofrimento até chegar a esse ponto. E isso pode ser evitado, essa é a grande questão.

M^a de Fátima: O que vocês diriam para essas famílias, para quem está descobrindo agora, para quem está angustiado ou mesmo para quem nota que não teve suporte da família?

Aline

Sempre digo que vivemos aprendendo. Digo para todas as famílias buscarem informação, quando recebem o diagnóstico, desde pequenos, e irem orientando para depois levarem para um profissional que veja e seja parceiro tanto do profissional quanto da escola. Se colocar à disposição, escutar o filho, observar as crianças, porque metade do processo é observar e a outra metade é conversar. Então é preciso conversar na escola, com o profissional, com a criança, ter paciência e se colocar no nível de aprender.

Acho que, para todas as famílias, o único acalento no coração realmente, de mães e pais, é nos reunirmos com outras mães, pais e grupos de apoio, porque assim vemos que não estamos tão fora assim da história, e acho que sempre temos a aprender com todo mundo. Aqui em Caxias do Sul, com o grupo Mães que Lutam, nos colocamos sempre à disposição, temos a nossa página no Facebook (AH/SD Caxias do Sul e Serra Gaúcha) e estamos sempre à disposição de todos, se quiserem

nos chamar para um bate-papo, porque entendo que é essa troca que nos enriquece.

Muitas coisas que semeamos hoje colheremos adiante, como o caso da Patrícia, que com certeza vê que as ações que semeou lá atrás, quando começou o trabalho, estão brotando e florindo agora.

Podemos preparar um mundo diferente com base nas nossas vivências para crianças que vão vir, que estão começando, estão nascendo. O que estamos preparando para as crianças que estão vindo? Que elas não passem mais por essas dificuldades! Então precisamos nos colocar à disposição para preparar um mundo melhor, ser parceiras sempre e conversar.

Patrícia

Para complementar o que a Aline acabou de colocar, quero acrescentar mais uma palavra a tudo o que ela disse, que é colaboração. Acho que, quando olhamos para essa palavra, colaborar é elaborar juntos. Acredito que esse é o caminho para que avancemos em alguma coisa, seja ela qual for, em qualquer espaço. Nem todos estão dispostos a colaborar, e isso também é uma realidade da qual precisamos estar cientes, mas, quando nos deparamos com quem não está disposto a colaborar, precisamos buscar quem está disposto. Então entendo que essa também é uma atitude muito importante das famílias e das próprias pessoas superdotadas no decorrer de toda a vida. Se ensinarmos as crianças que esse é um caminho possível, elas crescerão com isso mais consolidado.

A busca por ajuda precisa se tornar algo comum, porque também temos ainda um estereótipo de que, se procura ajuda, você tem um problema e “Nossa, não podemos ter problemas, temos que estar superbem e felizes 24 horas por dia”. Não! Podemos ter dificuldades na nossa vida, na nossa história, e buscar ajuda. Acho que isso é muito importante.

As famílias também, quando sentirem que estão com dificuldades, podem olhar para isso como uma possibilidade de algo diferente, porque muitas vezes o estar passando por dificuldades ainda recai como uma culpa pessoal, de que está sendo insuficiente: “Eu que não sei o que fazer com o meu filho”, “O problema sou eu”. Infelizmente, isso é colocado sobre

as famílias, muitas vezes sobre as mães, em especial, por conta também do sexismo: “A mãe que mimar demais”, “A mãe que está exigindo demais”. Nesse sentido, acho que é importante esse olhar mais afetivo para si mesma.

Então é isso que eu diria para as famílias, essa perspectiva de que existem dificuldades e elas podem ser resolvidas. Pode ser que nesse momento eu me sinta realmente num beco sem saída, mas vou encontrar um caminho, e esse caminho é me comunicando com outros, pedindo ajuda, pode ser que eu leve muitos *nãos* na cara, muitas portas fechadas, mas tem um ditado popular que diz que “quem procura acha”, e uma hora acha, uma hora encontra uma associação de mães, encontra um profissional nas redes sociais, encontra alguém aí no mundo, porque estamos nos encontrando a todo momento. Digo isso porque um monte de gente me encontra, as pessoas me acham, e se me acham é porque estão procurando e acham outros profissionais também. Então, quando se sentir no beco sem saída, procure, continue procurando, porque você vai encontrar em algum lugar, e desse encontro virão outros mais e as coisas mudam, elas tendem a mudar. Digo isso às famílias: procurem, se estão passando por dificuldades, persistam nessa busca, sei que há dias em que é difícil suportar todas as questões que emergem, mas tudo bem um dia você não estar bem, sentar e chorar – que é o que escuto de muitas mães, elas sentam e choram escondidas no banheiro para a criança não ouvir –, e tudo bem ter esse momento de descarga. Enfim, persistam na procura, porque em algum momento vão encontrar.



AH/SD: a união faz a força

O que leva um grupo de mães a se reunir e buscar ajuda para os seus filhos e outros tantos que nem sequer conhecem? Que encontros e desencontros se darão pelo caminho? Que resultados podem ser alcançados? Que tipo de diferença quem está à frente de um grupo, coordenando uma Frente Parlamentar ou integrando um grupo de mães, pode fazer para as famílias e para quem é superdotado?

Esses foram alguns dos questionamentos que fizemos no projeto e nos mobilizaram a unir, nesta conversa³⁴, Sirley Sonda Massoni³⁵ e Marisol Santos³⁶, representantes do grupo Mães que Lutam e da Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos das Pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação, respectivamente.

Tomo de empréstimo as palavras de Jaime Bettega (2020), quando diz que “os dispostos se atraem e fazem a vida acontecer”, para convidar o leitor a compreender de que forma se deu este encontro e o que se colheu de resultados desta união, disposição e força.

Boa leitura!

*Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli*³⁷

³⁴ Disponível em <https://youtu.be/QRUHY8onOPO>

³⁵ Empreendedora, mãe de um filho AH/SD, uma das fundadoras do grupo Mães que Lutam, de Caxias do Sul/RS.

³⁶ Jornalista, formada em Relações Públicas, vereadora em Caxias do Sul (2021-2024) e presidente da Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos das Pessoas com Altas Habilidades/Superdotação.

³⁷ Docente do IFRS *Campus* Caxias do Sul e mediadora do bate-papo *online*.

M^a de Fátima: De que modo estar à frente de um grupo formado por mães de filhos com AH/SD e coordenar uma Frente Parlamentar pode fazer diferença para as demais famílias e pessoas com AH/SD? Qual o papel do coletivo na geração de resultados para a causa AH/SD?

Sirley

Os encontros *online* do projeto AH/SD: *precisamos falar sobre isso!* são o resultado de uma conversa que aconteceu há exatamente um ano. Quando falei com vocês, fazia pouco tempo que tínhamos falado com a vereadora Marisol Santos.

Então, falando em coletivo, me emociono, porque há um ano éramos só três mães desesperadas, sem saber o que fazer, para onde ir, que ajuda buscar, onde atuar, mas sabendo da necessidade de falar sobre isso.

Antes disso, foi preciso nos preparar para contar as nossas histórias e expor nossas famílias, contar o que acontece nas nossas casas com os nossos filhos, porque se tornaria público, meu filho seria público, passível de qualquer julgamento. Quando envolve a família é muito complicado, não foi fácil!

O coletivo é de suma importância. Não tem explicação a importância que é falar desse tema em grupos, com a sociedade, com a escola, com o Poder Público, porque é um assunto sobre o qual ninguém fala e poucos sabem. E quem sabe ainda tem aquele conceito de as pessoas com altas habilidades serem quase perfeitas, e não é nada disso. É mito e preconceito. Errados, claro.

Como disse a psicóloga Patrícia Neumann em uma *live*, esse assunto vai virar um problema de saúde pública se continuarmos a ignorar esse público. Por isso, sim, precisamos falar.

Precisamos que esse assunto seja falado como qualquer outro. Por que não falamos sobre as altas habilidades? Eles são um público especial também.

Pessoas que assistem nossas *lives* se identificam! E, com conhecimento e informação, muitos começam a desconfiar de que algum familiar também possa ser AH/SD.

O coletivo é isso! Precisamos falar.

M^a de Fátima: O que é uma Frente Parlamentar e para que ela se faz necessária?

Marisol

Uma Frente Parlamentar (FP) é um grupo pluripartidário de parlamentares, de vereadores, que parte sempre de uma ideia, de um vereador que diz “Este tema é importante. Acho que temos que formar um grupo”. A ideia da frente parlamentar é:

- a. formar um grupo;
- b. levar o assunto;
- c. discutir esse assunto com a comunidade;
- d. fazer audiências públicas;
- e. tentar discutir com nichos/grupos que possam nos ajudar a debater e a ampliar esse conhecimento.

A ideia da Frente Parlamentar veio justamente de um encontro com esse grupo incrível que é o Mães que Lutam, essas mulheres que decidiram compartilhar as suas dificuldades, mas com a intenção de ampliar essas discussões, facilitar, melhorar e dar mais qualidade de vida para os filhos, não só os delas. Isso foi no início de 2020. Recebi esse grupo de mães e me emocionei profundamente com o que ouvi, a questão da união, da empatia.

A lei federal já inclui os estudantes com AH/SD como público-alvo da educação especial junto com pessoas com deficiência e transtorno global de desenvolvimento. Temos uma fundação de articulação de políticas públicas para pessoas com deficiência, altas habilidades ou superdotação no estado, ou seja, é um tema que “todo mundo” sabe que existe, todo mundo que está estudando sobre ele, mas a comunidade em geral ainda não conhece.

Quando isso chegou ao nosso gabinete, dissemos: “Vamos nos unir a esse grupo tão especial”. E a partir disso criamos uma Frente Parlamentar para estar trabalhando com isso. Convidamos alguns vereadores para participar, assinamos um requerimento que vai a plenário, é votado e, a partir disso, se aprovado, criamos com alguns vereadores que têm interesse em participar efetivamente dessas discussões.

Ainda em 2020 criamos um ciclo de palestras *online* com esse grupo de mães. Tivemos a oportunidade de ter profissionais superqualificados, de outros lugares, inclusive. Realizamos quatro palestras, uma por mês, ao longo de um período. Aprendi muito e conseguimos, a cada conversa, ampliar essas informações e fazer com que as pessoas se dessem conta de que isso existe, e às vezes de que existe tão pertinho da gente.

Com o grupo de mães, fomos atrás do que já existia, de leis nesse sentido. Encontramos uma lei que já tinha em Porto Alegre/RS, que já estava protocolada e discutida, trouxemos com alguns ajustes essa lei para Caxias do Sul/RS e tivemos a alegria de conseguir debater, levar para plenário, discutir e aprovar. E já é uma lei sancionada, ou seja, uma lei do Município de Caxias do Sul que institui a criação de políticas públicas municipais e faz com que o Poder Público pense na qualificação de professores, na criação de grupos de apoio para esses pais e na busca por formas de identificação precoce. Tem que ser lei, tem que ser política pública instituída, para que nunca se deixe de pensar.

Além de Caxias, temos conhecimento de que somente Porto Alegre teve organização de FP, a qual levou bastante tempo para ser aprovada pelos vereadores, mas não tinha sido sancionada pelo prefeito. Então ela não entraria efetivamente em vigor naquele momento.

Aqui, em Caxias do Sul, temos um apoio muito grande da Secretaria Municipal da Educação (SMED), da Administração de maneira geral, do prefeito, da vice, com quem conversamos várias vezes sobre esse assunto.

A Frente Parlamentar não tem uma duração exata. Ela pode durar só um ano, por exemplo. Vamos imaginar que existe uma Frente Parlamentar para o Acompanhamento das Concessões das Rodovias no Estado, na Serra Gaúcha, que se esgotou ano passado. Algumas discussões acabam no fim do ano, já outras vão ser mantidas. São temas diversos e cada vereador tem a sua “bandeira”, algum tema pelo qual tem um carinho maior e quer que discutam esse assunto.

A partir da aprovação da lei, temos, inclusive, prazos. Damos, dentro da lei, algumas possibilidades: “O Município não vai conseguir, não tem como fazer isso tudo em um ano”. Então

a Frente Parlamentar tem um prazo gradativo, e vamos para os próximos dois anos mexendo nisso.

Uma coisa que me deixa muito feliz é a Secretaria Municipal de Educação ter nos destinado uma das professoras (Valéria Castilhos) que temos na rede. Ela é especialista nesse assunto e tem nos ajudado muito com informações. Valéria é uma profissional que buscou se especializar nisso, então está mais focada nisso, mas a Frente não vai se extinguir, porque justamente agora precisamos ajudar a construir o que queremos. Teremos que pensar em todas as formas de buscar parcerias, colocar isso em prática efetivamente. Na Frente Parlamentar, temos a ideia de voltar a fazer nosso ciclo de palestras com outros temas que sejam importantes, tentar puxar cada vez mais os professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), tanto nas escolas públicas quanto nas da rede particular, e pensar de que forma podemos contribuir para melhorar a vida dessas crianças, adolescentes e adultos.

Sirley

Ainda em relação à Frente Parlamentar, a Marisol explicou o lado político, que é muito importante, e eu gostaria de comentar como foi o nosso lado, de esperar a formação de uma Frente Parlamentar. Tivemos as seguintes informações para a sua criação:

- a. o pedido tem que chegar para alguém dentro do Poder Público;
- b. esse alguém tem que se interessar por esse assunto;
- c. havendo interesse, tem que levar esse assunto para o grupo maior de pessoas (no caso, os vereadores);
- d. levando esse assunto para os vereadores, precisaríamos que mais cinco destes concordassem e votassem SIM para a aprovação da Frente Parlamentar.

Aí pensem em três mães... Como conseguir uma façanha dessas?

Era algo muito difícil, na nossa percepção, mas conseguimos! Então a Frente Parlamentar teve a votação e foi aprovada com unanimidade.

Nesse dia, estávamos assistindo de casa e choramos de alegria, porque foi muito emocionante. Isso aconteceu uns dois ou três meses depois da nossa conversa com a Marisol Santos, e ver o interesse dos outros vereadores foi animador.

É possível perceber por que, para nós, é importante ter uma Frente Parlamentar constituída. Ela daria visibilidade para esse assunto, daria credibilidade. Precisávamos desse apoio para chegar à escola e falar: “Gente, existe uma lei do nosso Município que nos apoia e vai ajudar os professores, a SMED, o prefeito está sabendo desse assunto”. Muito diferente de eu chegar lá e dizer: “Olha, sou uma mãe e quero falar sobre altas habilidades”. É muito diferente. Precisávamos começar por algum lugar, e entendemos a necessidade do apoio do Poder Público para chegarmos a todos os espaços, precisávamos da formação da Frente Parlamentar.

O dia do aceite desse assunto por todos os vereadores foi muito legal, estávamos com uma expectativa grande e com medo, mas foi nesse momento que pensei: “Acho que tem chance de esse projeto dar certo”.

Fomos para vários lugares, com os vereadores sempre conosco, nos apoiando e incentivando. Não fizemos nada sozinhas.

No dia 28 de dezembro não foi apenas sancionada uma lei, mas também sonhos, possibilidades, soluções, encontros, e vejo isso como uma jornada fantástica! Isso é o coletivo! Quanta gente se envolveu para que isso tudo desse certo e quantas pessoas se interessaram por esse assunto? Tudo foi e é muito importante.

Ma^a de Fátima: Qual o impacto da informação e que contribuições vocês percebem para o fazer docente e o ambiente escolar?

Marisol

Quando começamos a discutir esse assunto, ficamos procurando, talvez, naquele primeiro momento, de quem era a culpa de não estarmos enxergando essas crianças, e *não há* culpados. Por exemplo: “Ah, o professor não enxergou isso em sala de aula”. O professor tem múltiplas funções, não é simples assim, há uma série de outras questões, e mesmo professor

de AEE, que tem crianças autistas, cadeirantes e com transtornos, precisa aprender a lidar com tudo isso também, não é tão simples. Mas, por outro lado, entendemos que a questão não é procurar culpados e sim construir com todos, porque é um ciclo: o professor não consegue identificar um aluno AH/SD com facilidade, então levamos para a faculdade e percebemos que os cursos que formam os professores não têm disciplinas específicas de AH/SD. Já levamos muito isso aos nossos debates e, felizmente, aqui em Caxias vimos abrir, no Instituto Federal de Educação, um projeto específico sobre esse assunto, assim como estamos vendo a Universidade de Caxias do Sul (UCS) trabalhando com alguns cursos de extensão focados nisso e a Faculdade da Serra Gaúcha (FSG) também pensando em alguma disciplina específica, e aí é construção, que é o que queremos. Porque senão “Ah, mas o professor não faz porque não é qualificado”, mas procuramos a qualificação e ela diz “Não qualificamos porque também não temos professores qualificados que foram preparados especificamente para isso”, então vamos voltar esse olhar e pensar em pelo menos uma disciplina específica nesse curso!

Estamos falando de uma população, pensando bem por baixo, que equivale de 3,5 a 5% da população mundial. Vamos olhar, então, para essas pessoas, vamos preparar os profissionais para atendê-los. Só que não temos profissionais ainda tão preparados para essa identificação, porque não temos ainda quem os prepare. Então tudo é um ciclo, e temos que buscar, todo mundo junto, menos procurar o culpado e mais procurar como vamos ajustar isso. Confesso que, com muito do que ouvi no dia do nosso primeiro encontro com as mães lá no gabinete, por ter sido professora na rede pública e privada de Caxias do Sul, fiquei pensando: “Como era o meu olhar? Eu tinha esse olhar?”. Então é um sentimento de precisar fazer com que as pessoas tentem buscar informações, se especializar nisso e ter esse olhar, porque eu fazia de tudo pelos meus alunos e busquei a qualificação naquele tempo, mas eu não via isso, não tinha esse conhecimento e essa informação, e aí hoje penso: “Poxa vida, aquele aluno...”.

Claro que algumas crianças se alfabetizam mais rápido, mas tem coisas que são tão claras aos nossos olhos que, por não estarmos preparados, não enxergamos, não acompanha-

mos, não temos um plano individual para essa criança. Então tem esse lado de pensar em tudo que já fiz, e sei que dei o meu máximo, mas às vezes, sem querer, pensamos que poderíamos fazer mais coisas se tivéssemos informação. Informação é a base para qualquer coisa.

Sirley

Sobre a questão da informação, percebam que, se as pessoas têm informação sobre AH/SD ou outras coisas que possam ter, é tudo. Quantas pessoas são tratadas com medicação porque não sabem nada sobre essa condição? Um alto habilitado tem problemas emocionais e sociais. Sempre falo que a grande dificuldade do AH/SD é trabalhar essas duas questões: habilidades sociais e habilidades emocionais. Sim, a parte intelectual evolui, mas as emoções são mais complicadas.

Desde que estamos com esse grupo e com a Frente Parlamentar, que nos dá credibilidade para isso, estamos tentando descobrir e cadastrar famílias, mães e escolas que nos encaminhem pessoas identificadas com AH/SD.

Mas o que são pessoas identificadas? Por exemplo, se percebe que tem um adolescente que talvez possa ser, o professor encaminha para o nosso grupo. As pessoas chegam dessa forma, porque ouviram falar pela Frente Parlamentar, pelas professoras nas escolas em que os nossos filhos estudam, pelo jornal e pelas *lives*, tanto as nossas como as do Instituto Federal, das demais instituições de ensino e da Frente Parlamentar.

Cito o exemplo de uma mãe que entrou em contato comigo porque tem um menino de 6 anos e o ano passado foi horrível para eles na escola, com muitas dificuldades de adaptação e nas matérias, e ela, acompanhando algumas *lives* e publicações em perfis no Instagram, percebeu que seu filho poderia ser um AH/SD. A mãe identificou. Ela é professora e poderá identificar outras crianças na escola. Esse é um trabalho que não tem preço, sabe? Quando você pega o telefone, senta no sofá e fica pensando no quanto vale uma conversa. São mães como eu, que estão perdidas porque não sabem o que filho tem. Veem e sabem que ele é diferente, a escola e as pessoas reclamam, mas não sabem o que ele tem.

Comentei que perdemos muitos amigos. Existe uma complexidade social em ter uma criança assim em casa, e quando chega uma mãe dessas pedindo ajuda e podemos dizer que ela não está sozinha... tem muito valor.

Temos agora um grupo no WhatsApp com umas 30 famílias que têm as crianças identificadas, algumas com acompanhamento e outras ainda em processo de avaliação. A união faz a força. O coletivo é mais forte que o individual.

Sobre a questão da escola, o que eu gostaria de falar é que os professores poderiam ter mais conhecimento sobre essa condição. Em nosso grupo, sempre falamos que existem dois tipos de profissionais que, na nossa opinião, irão para o céu: professor e pediatra! Estamos chegando à conclusão de que as mães também irão!

Sabemos da dificuldade que o professor tem em sala de aula, e o quanto são divergentes as questões dos alunos que estão nela, porém, se tivessem mais informações sobre as AH/SD, ficaria mais fácil.

Mas tem uma coisa que a Alexandra sempre fala: “As famílias devem ser as protagonistas dessa condição”.

Por isso faço a *mea culpa*... fui da turma de mães que não contam nada. Eu achava que era desnecessário, porque as cobranças seriam muitas. Escondi achando que passaria despercebido.

Precisamos encontrar essas famílias, porque, neste momento, alguém está recebendo essa identificação e não vai falar para ninguém. Nós, nem para escola tínhamos falado. Demorei a entender muitas coisas por isso, como, por exemplo, que eles são do público especial. Então, com esse trabalho que estamos realizando, se conseguirmos fazer com que esse assunto chegue às famílias para que os pais tomem as rédeas dessa situação, dessa condição dentro da sua casa, ficaremos felizes.

Vamos falar dos adolescentes, vamos falar dos adultos que estão em médicos se tratando por n problemas.

Participo de um grupo que tem um médico psiquiatra que se identificou alto habilidoso por conta dos pacientes. Chegavam tantos no consultório dele com x problemas que ele

começou a pensar que era AH/SD, e realmente é. Ele começou a se identificar com pacientes e descobriu que também é AH/SD.

Essas pessoas são muito importantes no mundo, e, fazendo das palavras da Alexandra as minhas, se as famílias tomarem a frente disso e, efetivamente, formos protagonistas, poderemos ajudar nossos filhos e todo o contexto que os envolve.

Quando chega alguém na escola com dificuldade de audição, visão e locomoção, enxergamos isso, fica mais fácil constatar, as famílias não precisam “gritar” para chamar atenção. Na questão do alto habilidoso, esse comportamento é diferente. Eles não têm uma cara específica. Aliás, existe um “comportamento” que confunde as AH/SD com autismo, TDAH e tantas outras coisas, e isso até pode acontecer, porque existem casos de dupla excepcionalidade, mas precisamos fazer com que as famílias falem e se manifestem. Esse é o nosso trabalho como grupo de mães. Precisamos encontrar essas famílias e essas pessoas. Esse é o objetivo, precisamos fazer com que as famílias entendam isso.

Marisol

Olhando pelo lado da questão pública, precisamos dessas famílias identificadas, porque, senão, vamos trabalhar com quem? Tínhamos muito medo disso: “Bom, vamos criar políticas públicas, mas para quem?”. Porque está dito que é de 3,5 a 5% o percentual mínimo que temos, mas onde estão? No começo, quando apresentamos a Frente Parlamentar e o nosso projeto e pedimos o apoio dos colegas, dizíamos: “Temos 40 mil alunos só na rede municipal e apenas 17 identificados, está errado, não é isso. Onde eles estão? O que não estamos vendo?”. Como disse a Sirley, não é visível, porque não é uma coisa. Tem várias possibilidades, pode ser em várias áreas ou uma só. Pode ter aluno que se destaca na área do esporte e, com aquela nossa visão antiga do que é um superdotado e um alto habilidoso, vamos imaginar que ele tenha facilidade nas áreas de artes ou, por exemplo, de movimento do esporte, movimento do corpo, e aí temos que desmistificar isso de que ou é ruim ou é bom.

Temos que lidar, porque é diferente e precisa ser diferente. Um relato que faço, preservando o colega, é que, depois

de todas as apresentações no plenário, com as mães que nos ajudaram muito e deram suas orientações e depoimentos, e depois de criarmos a Frente Parlamentar, um colega vereador me mandou uma mensagem falando que havia votado favorável à Frente Parlamentar – mesmo que não soubesse da existência ou achasse ser um público muito pequeno –, que tem um filho muito novo ainda e que a médica que o acompanha disse que a criança tem todos os traços de uma criança com AH/SD. Foi então que passei a perceber o quão perto de nós isso está, que realmente existe, está muito perto e não sei o que fazer.

O exemplo delas é incrível, nós acompanhamos, e às vezes uma sugestão é compartilhar uma ideia de atividade para fazer, uma dúvida. Por exemplo: “A criança vai trocar do fundamental para o médio, o que faço? Onde vocês acham que tem uma escola com esse olhar e esse cuidado?” Há tantas coisas se pode compartilhar quando as pessoas têm as mesmas experiências, mas precisamos cada vez mais ampliar esse grupo, e o que a Sirley falou é essencial para que as pessoas também tenham essa percepção e não tenham medo de dizer: “Olha, existe uma possibilidade, vocês que já passaram por isso podem me ajudar?”. Isso é muito importante, trocar experiências.

M^a de Fátima: A informação e o esforço coletivo contribuem também em relação ao sentimento de inadequação das pessoas AH/SD?

Sirley

Sobre a questão de inadequação que elas têm, sim, têm esse sentimento de se sentirem inadequados e estranhos, de estarem sempre no lugar errado com o assunto errado, de um jeito errado.

No caso das pessoas identificadas na fase adulta, o que percebo nas *lives* de que participei é que elas usam muito a palavra “libertação”, que é como se alguém chegasse, dissesse “Olha, tu é!”, e a pessoa sentisse que agora se reconhece e se aceita.

É como se a identificação desse a essa pessoa uma identidade. Pensem nela pequenininha, os amigos gostam de tal coisa e ela não, eles vão para a esquerda, mas a AH/SD para direita. Dependendo da área que a pessoa é AH/SD (e tem

peças que são em todas), complica um pouco mais, por isso falamos que as dificuldades emocionais e sociais desse público são muito fortes. É um ponto que temos que cuidar muito, visto que a questão de doenças e do suicídio que acontecem no meio desse público é muito grande. Isso vai acontecendo aos poucos, com o passar dos anos, e chega uma hora que adocece.

No caso do meu filho, que tem 12 anos, muitas coisas ele entende bem e outras nem tanto. Por exemplo, hoje ele chegou para mim e disse: “Estou me sentindo meio sozinho e queria me encontrar com as pessoas, mas com quem que posso me encontrar?”. Perguntei: “E algum colega da escola?”. Ao que ele respondeu: “É, mamãe, tu já falaste, mas eles são só colegas, não são meus amigos”.

Expliquei que esse é um momento para ele entender que muitas vezes vai ter que se esforçar para fazer amigos, se colocar no lugar da outra pessoa e saber que ela não tem os mesmos interesses. Ele sempre pergunta o que fazer caso algum amigo vier em casa, porque sobre o que ele sabe conversar eles não sabem, do que ele gosta de fazer eles não gostam. Eles têm dificuldade para encontrar seus pares e precisamos ensiná-los a se colocar no lugar do outro.

Percebe-se que o alto habilidoso, por exemplo, troca muito de emprego. A pessoa não consegue ficar no mesmo trabalho por muito tempo e, muitas vezes, nem sabe que é alto habilidoso. Até onde entendi, o principal motivo é que sem desafios não há motivação. Se já entenderam tudo o que precisavam fazer no trabalho e não estiverem mais motivados, vão embora, simples assim.

Tem uma pessoa AH/SD, professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que escreveu um livro sobre essa condição no mundo corporativo, no ambiente organizacional. É outra pessoa que poderíamos conversar sobre a questão do caminho inverso que tu comentaste.

Tenho uma amiga, dona de uma metalúrgica aqui em Caxias do Sul cujo engenheiro-chefe era um crânio, que só fez esse *link* assistindo às nossas *lives*, porque ela desconfia que o sobrinho possa ser alto habilidoso. Esse engenheiro-chefe incomodou tanto dentro da empresa que, mesmo sendo tudo o

que eles precisavam, tiveram que o demitir, e ele provavelmente ele não saiba que é um alto habilidoso.

Novamente quero enfatizar a questão das habilidades sociais e das habilidades emocionais, nas quais eles têm dificuldade. Talvez essa seja uma bandeira que temos que erguer nas escolas, de fazer esse caminho inverso, para que eles possam entender o outro também.

M^a de Fátima: Que mensagem vocês gostariam de deixar sobre as contribuições do coletivo e a união nesta causa das AH/SD?

Marisol

Deixa eu falar por mim, que venho tratando do assunto com a Frente Parlamentar, as palestras, o nosso projeto e as nossas discussões. Me chamou muito a atenção esse perfil. Eu acompanhava pelo Instagram, comecei a seguir, comentei no gabinete e disse para ficarem atentos, pois o perfil é muito legal, então eu queria parabenizar a coordenação pelo projeto, mas principalmente as estudantes, que encaminham isso tudo, estão de parabéns e são exemplo do quanto esse assunto pode nos encantar, como ele fez comigo também, mesmo não estando diretamente ligada a isso. Então, parabéns a vocês por todo o trabalho que têm feito no perfil, que é muito legal e informativo. Sempre que posso eu compartilho nas minhas redes sociais, porque acho muito legal o trabalho de vocês de instruir as pessoas. Então parabéns demais por esse trabalho que vocês têm feito de excelência para nos ajudar a levar cada vez mais longe as informações que queremos.

Tenho uma frase que costumo dizer para as Mães Que Lutam. Elas me agradecem muito, mas não têm que me agradecer, na verdade. Quem tem que agradecer sou eu, e faço isso sempre pela oportunidade que elas estão me dando de aprender e fazer parte dessa caminhada que tem um significado muito grande, enorme. Tudo isso que temos construído, não só no legislativo, não só no grupo das mães, não só no IFRS, mas com todo mundo junto. Que bom que acreditamos que a união faz a força, que podemos fazer diferente e ter esse olhar sensível, carinhoso, preocupado, atento a essas diferenças que

precisam ser conhecidas, trabalhadas, tanto individualmente quanto a partir dos conhecimentos dos outros.

Sirley

Para mim, é incrível o que aconteceu neste ano! É surreal o que fizemos. Poder trazer um assunto sobre o qual não se falava e ninguém sabia nada. Tem muita coisa ainda para fazer, e acho isso bom. Temos um caminho lindo pela frente, então muito obrigada.

Eu gostaria muito que essas *lives* e esse projeto do IF não parassem nunca, porque, dentro do *campus* de Caxias do Sul, existem muitos alto habilidosos, e já pensou se conseguíssemos identificá-los? Veja quantas pessoas poderíamos agregar para falar sobre isso.

Minha mensagem é para que as pessoas olhem para o seu entorno, porque são muitos os AH/SD, e eles estão próximos de nós. Aqui falamos de crianças, mas lembrem que temos os adolescentes, os adultos e os idosos que têm essa condição. São muitos públicos e muitas pessoas, e eles estão conosco, do nosso lado.

Outra coisa, não pensem que é a cegonha que escolhe a família. Essa condição tem um viés genético, então olhem o entorno de vocês, o pai, a mãe, a vó, o vô, o tio, a tia, o primo, a prima, e teremos histórias lindas. Prestem atenção, identifiquem essas pessoas e tragam elas para fazermos esse grupo crescer. Precisamos nos ajudar, precisamos de grupos de apoio. E nós, mães, precisamos de ajuda.

Conto com vocês!

Obrigado por esta oportunidade.



Referências

ANDRADE, Andrei. Infância Fora da Caixa: famílias caxienses falam sobre os desafios de educar crianças com altas habilidades e superdotação. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 09 ago. 2019. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2019/08/infancia-fora-da-caixa-familias-caxienses-falam-sobre-os-desafios-de-educar-criancas-com-altas-habilidades-e-superdotacao-10977081.html>. Acesso em: 1º mar. 2023.

BETTEGA, Jaime Fr. Os dispostos se atraem. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul Coluna Opinião, 14 fev. 2020. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/frei-jaime-bettega/noticia/2020/02/frei-jaime-os-dispostos-se-atraem-12188261.html>. Acesso em: 1º mar. 2023.

CAFÉ com Canela. Direção de Glenda Nicácio e Ary Rosa. **Audiovisual** (100 min). Cachoeira: Rosza Filmes, 2017.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MATOS, Patricia Andréa Victorio Camargo de. **Síndrome do impostor e auto-eficácia de minorias sociais: alunos de contabilidade e administração**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-07012015-175044/en.php>. Acesso em: 1º mar. 2023.

RENZULLI, Joseph S. Reexaminando o papel da educação para superdotados e o desenvolvimento de talentos para o Século XXI: uma abordagem teórica em quatro partes. In: VIRGOLIM, Angela (Org.). **Altas habilidades/superdotação: processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais**. Curitiba: Juruá, 2018.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa da. **Mentes inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade**. 4. ed. São Paulo: Globo, 2014.



Autoras, Autores, Organizadoras e Colaboradoras

Alexandra de Souza Fonseca

Licenciada em Química, mestre em Química Ambiental e doutora em Química Inorgânica. Atualmente é professora de Química do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFRS – Campus Caxias do Sul, coordenando o projeto de Ensino e com participação em projetos de Extensão e Pesquisa.

E-mail: alexandra.fonseca@caxias.ifrs.edu.br

Aline Pegoraro Lenzi

Graduada em Moda, mãe de um filho AH/SD, integrante do grupo de Mães que Lutam de Caxias do Sul/RS, Brasil.

E-mail: aline.lenzi@hotmail.com

Ednamara Farias Pereira

Estudante do Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio no IFRS – Campus Caxias do Sul. Em 2021 e 2022 atuou como bolsista de Extensão junto ao projeto *AH/SD: Precisamos falar sobre isso!*

E-mail: ednamara.farias@caxias.ifrs.edu.br

Francisco Rocha Sales

Biólogo, professor do AEE de AH/SD da SEDF, especialista em Altas Habilidades ou Superdotação, pai de dois filhos identificados com AH/SD, um dos fundadores da empresa VidAH.SD.

E-mail: francisco.sales@edu.se.df.gov.br

Gisele Sabrina Nienov Bruno

Gestora pedagógica e psicopedagoga com experiência na área de processos inclusivos, trabalha na Rede Municipal de Esteio e é mestre em Educação Profissional com Dissertação sobre Altas Habilidades pelo IFRS.

E-mail: gisele.gestorapedagogica@gmail.com

Gislaine Eracy Bossle de Freitas

Professora na Rede Municipal de Caxias do Sul, atuando com o AEE, e especialista em Deficiência Intelectual e em Altas Habilidades e Superdotação.

E-mail: gisbossle@hotmail.com

Isadora de Moura Bueno

Estudante do Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio no IFRS – *Campus* Caxias do Sul. Em 2022 atuou como bolsista de Extensão junto ao projeto *AH/SD: Precisamos falar sobre isso!*.

E-mail: isadora.bueno@caxias.ifrs.edu.br

Kelen Berra de Mello

Licenciada Plena em Matemática, mestre em Matemática Aplicada e doutora em Engenharia Mecânica. Atualmente é professora com dedicação exclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *Campus* Caxias do Sul.

E-mail: kelen.mello@caxias.ifrs.edu.br

Liana Ferreira da Rosa Fernandes Vianna

Tecnóloga em Gestão Pública, técnica em Contabilidade e acadêmica do curso de Direito. Especialista em Gestão de Instituições de Ensino e Direito Educacional. É servidora pública federal, atuando no IFRS – *Campus* Caxias do Sul.

E-mail: liana.vianna@caxias.ifrs.edu.br

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Bacharel em Administração, especialista em Administração em Marketing, Dinâmica dos Grupos, Docência em Ensino Técnico e Práticas Assertivas para o PROEJA, mestre em Administração e doutoranda em Educação. É docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) *Campus* Caxias do Sul, contemplada com fomento para afastamento para qualificação.

E-mail: maria.pizzoli@caxias.ifrs.edu.br

Marisol Santos Silva Lazzari

Jornalista, formada em Relações Públicas, vereadora em Caxias do Sul (2021-2024) e presidente da Frente Parlamentar

em Defesa dos Direitos das Pessoas com Altas Habilidades e Superdotação.

E-mail: contato@marisolsantos.com

Patrícia Neumann

Bacharel em Psicologia, licenciada em Filosofia e mestra em Educação. Superdotada em ciência e liderança.

E-mail: souhumanista@gmail.com

Samir Brune Ferraz de Morais

Professor do IFBA Campus Eunápolis, especialista em Educação Especial Inclusiva, Membro do GIEPAHS e AH/SD multipotencial.

E-mail: samirferraz@gmail.com

Sirley Sonda Massoni

Empreendedora, mãe de um filho com altas habilidades ou superdotação, uma das fundadoras do grupo Mães que Lutam, de Caxias do Sul/RS, Brasil.

E-mail: sirleysondamassoni@gmail.com

Tassiana Elisa Matusiak Livi

Gestora de qualidade, mãe de um filho AH/SD, integrante do grupo Mães que Lutam, de Caxias do Sul/RS, Brasil.

E-mail: tassilivi@gmail.com

Tatiane Lourdes de Paiva Oliveira

Educadora musical e artesã, pedagoga especialista em Educação Especial E Inclusiva, AH/SD multipotencial

E-mail: psicopedagogatianeoliveira@gmail.com

Valéria Cristina Ferrazzo Castilhos

Pedagoga, especialista em Atendimento Educacional Especializado (AEE) e em AH/SD, professora do AEE na Rede Municipal de Caxias do Sul.

E-mail: valeriacastilhos@yahoo.com.br



*E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar*

(Caminhos do Coração, de Gonzaguinha)



A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

Uma história de tradição

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 120 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

A universidade de hoje

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

A Editora da Universidade de Caxias do Sul

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1.500 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:

Realização:



Apoio:



Falando em sociedade, a obra também aborda esse problema social, esse ímpeto que as pessoas têm de querer encaixar os outros dentro do padrão de normalidade, e todos aqueles que, por algum motivo, destoam da norma acabam sendo taxados como estranhos, esquisitos, desviantes, um problema.

A obra contribui para desmistificar o pensamento de que pessoas com AH/SD sabem tudo, se dão bem na escola em todos os componentes curriculares, são muito inteligentes em todas as áreas e, portanto, não precisam de mais nada.

Ao trazer histórias de luta e sofrimento, além de dúvidas, o livro nos brinda também com conhecimento, informação, formação, identificação, acolhimento e exemplos de instituições de apoio às pessoas com AH/SD que vêm desenvolvendo um ótimo trabalho.

O livro reforça ainda a ideia de estimular o que precisa ser estimulado, oportunizar as áreas de interesse, permitir que esses alunos, filhos e cidadãos alcem voos maiores, tão altos quanto possível.

E qual o papel do educador nesse processo? É preciso estímulo ao invés de punição, elogio ao invés de mais tarefas chatas, valorização, respeito, acolhimento, é preciso formar grandes talentos ao invés de pessoas medíocres. Mas para isso são necessários profissionais preparados, que enxerguem nessas grandiosas almas o imenso talento e as habilidades que podem fazer do mundo um lugar melhor, mais digno, humano e verdadeiro!

Andréa Poletto Sonza

Assessora de ações afirmativas, inclusivas e diversidade do IFRS



ISBN 978-65-5807-272-0



9 786558 072720

